

1405R1 - Tópicos de Sistemas Dinâmicos

Salvatore Cosentino

Departamento de Matemática e Aplicações - Universidade do Minho

Campus de Gualtar - 4710 Braga - PORTUGAL

gab B.4023, tel 253 604086 (atendimento: 4^a-feira 14h-18h)

e-mail scosentino@math.uminho.pt

url <http://w3.math.uminho.pt/~scosentino>

16 de Dezembro de 2010

Resumo

This is a 5th draft.



This work is licensed under a
[Creative Commons Attribution-ShareAlike 3.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

Conteúdo

1	Introdução	4
1.1	Sistemas dinâmicos	4
1.2	Exemplos físicos	4
1.3	Problemas físicos e pequena história	5
1.4	Estratégia	6
2	Iteration/recursion	7
2.1	Exponential growth/decay	7
2.2	Babylonian-Heron method to “compute” square roots	8
2.3	Fibonacci numbers	10
2.4	Newton method to find roots of polynomials	11
2.5	Finite difference equations	13
2.6	Transformações do intervalo e cobweb plot	14
3	Sistemas dinâmicos topológicos, definições básicas	16
3.1	Transformações	16
3.2	Trajетórias e órbitas	17
3.3	Órbitas periódicas	17
3.4	Observáveis	18
3.5	Conjuntos invariantes	19
3.6	Conjugação topológica	19
3.7	Estabilidade estrutural	20
4	Números e dinâmica	21
4.1	Expansão decimal e multiplicação $\times 10$	21
4.2	Deslocamentos de Bernoulli	23
4.3	rotações do círculo/toro	24
4.4	Dyadic adding machine	26
4.5	Frações contínuas e mapa de Gauß	26
5	Órbitas regulares e perturbações	31
5.1	Teoremas de ponto fixo “topológicos”	31
5.2	Bacia de atração	31
5.3	Dinâmica das contrações	32
5.4	Ordem da reta real e trajetórias	34
5.5	Análise local: pontos fixos atrativos e repulsivos	35
5.6	Convergência no método de Newton	37
6	Flows	39
6.1	Structure of physical models	39
6.2	Integration of one-dimensional systems	41
6.3	Exponential	43
6.4	Linear systems	45
6.5	Existence and uniqueness theorems	46
7	Oscillations and cycles	51
7.1	Harmonic oscillator	51
7.2	Mathematical pendulum and Jacobi’s elliptic integrals	52
7.3	Central forces and planetary motions	53
7.4	Cycles in chemistry and biology	55
7.5	Weather report	57
8	Linearização	59
8.1	Linearização conforme	59
8.2	Hiperbolicidade e linearização	59

9	Transversalidade e bifurcações	61
9.1	Transversalidade e persistência dos pontos fixos	61
9.2	Bifurcações	62
9.3	Duplicação do período e cascata de Feigenbaum	62
10	Statistical description of orbits	63
10.1	Probability measures	63
10.2	Transformations and invariant measures	65
10.3	Invariant measures and time averages	68
10.4	Examples of invariant measures	70
11	Recorrências	74
11.1	Comportamento assintótico das órbitas infinitas: conjuntos ω e α limite	74
11.2	Pontos recorrentes	74
11.3	Invariant measures and recurrent points: Poincaré theorem	75
11.4	Conjunto não-errante	76
12	Transitividade e órbitas densas	78
12.1	Transitividade	78
12.2	Minimalidade	80
12.3	Rotações irracionais do círculo	81
13	Homeomorfismos do círculo	83
13.1	Número de rotação	83
13.2	Teorema de classificação de Poincaré	84
13.3	Difeomorfismos do círculo e teorema de Denjoy	85
14	Perda de memória e independência assintótica	86
14.1	Órbitas desordenadas	86
14.2	Mixing topológico	87
14.3	Dinâmica dos deslocamentos de Bernoulli	89
14.4	Conjuntos de Cantor	90
14.5	Transformações expansoras	92
14.6	Automorfismos hiperbólicos do toro	94
15	Dimensions, fractals and entropy	96
15.1	Dimensions of metric spaces	96
15.2	Fractals	97
15.3	Self-similarity and iterated function systems	98
15.4	Kleinian groups	99
15.5	Entropia topológica	99
16	Ergodicity and convergence of time means	102
16.1	Ergodicity	102
16.2	Examples of ergodic maps	103
16.3	Normal numbers	104
16.4	Unique ergodicity	105

1 Introdução

1.1 Sistemas dinâmicos

Uma estrutura típica de um modelo físico é a seguinte. Existe um espaço X , dito “espaço dos estados”, do sistema (uma variedade simplética em mecânica clássica, um espaço de Hilbert em mecânica quântica, um certo espaço de funções em modelos hidrodinâmicos ...). Existe um espaço T , que chamamos “tempo”, que contém um ponto chamado 0 (agora), e junto com t e s também contém $t+s$ (se é possível esperar uma hora e esperar duas horas, também deve ser possível esperar três horas). As “leis” da física definem uma dinâmica em X : uma família de transformações $\Phi_t : X \rightarrow X$, definidas para $t \in T$, que verificam

$$\Phi_0 = \text{id}_X \quad \text{e} \quad \Phi_{t+s} = \Phi_t \circ \Phi_s.$$

Portanto, as leis definem uma ação $\Phi : T \times X \rightarrow X$ do semigrupo tempo no espaço dos estados. O ponto $\Phi_t(x)$ é o estado no tempo t de um sistema que estava no estado x no tempo 0. A função $t \mapsto \Phi_t(x)$ é a “trajetória” do estado inicial x . As leis podem ser “reversíveis”, ou seja podem permitir decidir o que aconteceu no passado, e nesse caso o tempo é idealizado como sendo o grupo \mathbb{R} ou \mathbb{Z} , ou irreversíveis, e neste caso o tempo é pensado como o semigrupo $\mathbb{R}_{\geq 0}$ ou \mathbb{N}_0 . Se o tempo é contínuo, o (semi)grupo costuma ser definido por meio do seu gerador infinitesimal

$$v = \lim_{t \downarrow 0} \frac{\Phi_t - \text{id}_X}{t}$$

(o campo de vetores definido pela equação de Newton $F = ma$, o grupo de operadores unitários $e^{-i\hbar t H}$ gerado pelo operador hamiltoniano H , o semigrupo $e^{-t\Delta}$ gerado pelo operador de Laplace-Beltrami Δ , ...). Se o tempo é discreto, o (semi)grupo é gerado pela transformação

$$\Phi_1 : X \rightarrow X$$

Numa experiência da física, não é necessariamente o estado do sistema que se observa. Fazer experiências quer dizer medir “observáveis”, ou seja ler nos instrumentos do laboratório os valores de certas funções $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ (a distância entre dois planetas, a energia de um elétron, a temperatura de um gás ...). A família de funções $\varphi_t = \varphi \circ \Phi_t$ descreve a dinâmica do observável φ . De fato, o que se observa podem ser médias temporais do genero $\frac{1}{T} \int_0^T \varphi_t dt$, às vezes indiretamente por meio dos espetros de Fourier $\int e^{ikt} \varphi_t dt$ ou de Laplace $\int e^{st} \varphi_t dt$.

1.2 Exemplos físicos

Só para ter uma ideia...

Mecânica clássica. O espaço dos estados de uma partícula (pensada como um ponto material) é, de acordo com o princípio de relatividade de Galileo, $\mathbb{R}^3 \times \mathbb{R}^3$. Um estado é um vetor $x = (q, p)$, onde $q \in \mathbb{R}^3$ é a “posição” e $p = m\dot{q} \in \mathbb{R}^3$ o “momento”, denota a derivada em ordem ao tempo e m a massa da partícula. A equação de Newton “força=massa×aceleração” se traduz no sistema de equações

$$\dot{q} = p/m \quad \dot{p} = F$$

que definem um campo de vetores $v = (p/m, F)$ em $\mathbb{R}^3 \times \mathbb{R}^3$. A solução de $dx(t)/dt = v(x(t))$ com condição inicial $x(0) = x$ é a trajetória $t \mapsto \Phi_t(x)$.

Mecânica quântica. O espaço dos estados de uma partícula é um espaço de Hilbert, por exemplo $L^2(\mathbb{R}^3)$. Um estado é uma função $q \mapsto \Psi(q)$, que tem a interpretação de “densidade de probabilidades de encontrar a partícula na posição q ”. A “energia” é um operador linear auto-ajunto $H : L^2(\mathbb{R}^3) \rightarrow L^2(\mathbb{R}^3)$, por exemplo da forma $-\frac{\hbar^2}{2m} \Delta + V(q)$, onde Δ é o operador de Laplace-Beltrami, \hbar é a constante de Planck, m é a massa da partícula, e V é a “energia potencial”. A equação de Schrödinger

$$i\hbar \frac{\partial}{\partial t} \Psi = -\frac{\hbar^2}{2m} \Delta \Psi + V \cdot \Psi$$

gera o grupo unitário de operadores $e^{-itH/\hbar} : L^2(\mathbb{R}^3) \rightarrow L^2(\mathbb{R}^3)$.

Hidrodinâmica. O espaço dos estados é um espaço de funções com um certo número de derivadas parciais contínuas, por exemplo $C^k(\mathbb{R}^3, \mathbb{R})$. Uma configuração, ou “campo”, é uma função $q \mapsto u(q)$ e representa a “densidade macroscópica” de certos observáveis microscópicos (número de partículas, energia, pressão, ...). Uma equação diferencial fenomenológica descreve a evolução do campo. Por exemplo, a propagação do calor é suposta seguir a equação

$$\frac{\partial}{\partial t} u = \sigma \Delta u$$

onde Δ é o operador de Laplace-Beltrami e σ é um coeficiente que determina a velocidade de propagação. O operador diferencial Δ gera o semigrupo de operadores $e^{t\sigma\Delta} : C^k(\mathbb{R}^3, \mathbb{R}) \rightarrow C^k(\mathbb{R}^3, \mathbb{R})$.

1.3 Problemas físicos e pequena história

O objetivo dos físicos é fazer previsões: querem saber o que acontece a um certo ponto x , ou melhor a um certo observável φ , passado um tempo t , e possivelmente dizer o que acontece quando t é grande. Eis uma lista, não exaustiva, de problemas fisicamente relevantes.

Calcular trajetórias. Resolver o “problema de Cauchy”: dada uma condição inicial x , o estado do sistema no presente, determinar os estados futuros $\Phi_t(x)$ com $t \geq 0$. No século XVII o Newton inventou o seu “methodus fluxionum” (o moderno cálculo diferencial e integral) para resolver as próprias equações e assim calcular as trajetórias dos planetas, dando uma explicação às leis de Kepler ...

Regularidades/periodicidades. Decidir se o sistema tem trajetórias regulares, no sentido de “previsíveis”. As mais previsíveis são as trajetórias periódicas, que satisfazem $\Phi_T(x) = x$ para algum tempo T dito período, e que portanto regressam a x em cada tempo múltiplo de T (a própria história do pensamento científico dos homens começou da observação das periodicidades dos astros, dando origem a cosmogonias e matemáticas em quase toda esquina do planeta). Decidir se as eventuais trajetórias regulares são observáveis, ou seja se uma pequena perturbação da condição inicial x ou da lei Φ ainda produz uma trajetória próxima da trajetória regular, ou se estraga tudo. A procura de órbitas periódicas e a teoria das perturbações foi um dos temas favoritos dos físicos matemáticos do século XIX, particularmente interessados aos problemas da mecânica celeste. Nos anos cinquenta do século XX, Kolmogorov, e depois Arnold e Moser, provaram o resultado espetacular de que muitos sistemas hamiltonianos têm muitas órbitas “quase-periódicas”.

Descrição qualitativa. Determinar o comportamento qualitativo da “maioria” das trajetórias. Acontece que, se o sistema não é extremamente simples (como um sistema kepleriano, uma partícula em um campo magnético constante, ...), é praticamente impossível “calcular” as trajetórias, embora possa ser possível provar a “existência”. Os físicos devem ficar satisfeitos com uma descrição “qualitativa” das órbitas possíveis. No final do século XIX, Henri Poincaré mostrou que é possível fazer afirmações interessantes sobre o comportamento qualitativo das trajetórias utilizando informações fracas sobre a lei de evolução. O resultado mais espetacular é o seu famoso “teorema de recorrência”. Outro exemplo é a classificação dos homeomorfismos do círculo, também devida a Poincaré e depois estudada por Denjoy.

Problemas numéricos. Embora seja geralmente impossível calcular trajetórias, é possível obter trajetórias aproximadas (por exemplo, hoje em dia, utilizando um computador que “resolve” equações diferenciais, mas lembre que os astrónomos calculam “efemérides” e “calendários” desde milénios!). Um esquema muito simplificado do cálculo numérico é assim. Dada uma condição inicial x e um “passo” τ , obtemos uma aproximação $\Phi'_\tau(x)$ de $\Phi_\tau(x)$ com um erro que possivelmente sabemos estimar, por exemplo limitado por ε . A seguir, utilizamos o nosso valor inicial $\Phi'_\tau(x)$ para estimar $\Phi_{2\tau}(x)$, assim produzindo $\Phi'_{2\tau}(x)$, supostamente a distância inferior a ε de $\Phi_\tau(\Phi'_\tau(x))$, mas geralmente a distância ainda maior de $\Phi_{2\tau}(x)$... O problema é decidir se, quando n é grande, a nossa conjectura $\Phi'_{n\tau}(x)$ ainda tem alguma coisa a ver com o verdadeiro $\Phi_{n\tau}(x)$.

Regularidades probabilísticas. Muitos sistemas interessantes têm comportamento desordenado (por exemplo, as trajetórias podem ter dependência sensível das condições iniciais), e o estado inicial não pode ser determinado com precisão (quer por razões “a priori”, quer porque todo instrumento tem a sua sensibilidade). A descrição estatística é neste caso uma necessidade e até pode simplificar a vida. Pode acontecer que o comportamento da maioria das trajetórias é tão irregular que acaba por parecer regular num sentido probabilístico. Este era o cenário imaginado por Ludwig Boltzmann, na sua teoria cinética dos gases, para justificar as leis observadas da termodinâmica. O estudo das regularidades probabilísticas dos sistemas dinâmicos é dito “teoria ergódica”, em homenagem às intuições de Boltzmann, e nasceu nos anos trinta do século XX com os resultados de von Neumann, Birkhoff, Khinchin, Hopf, Kolmogorov... Em tempos mais recentes, matemáticos e físicos como Bowen, Ruelle, Sinai, descobriram ligações interessantes com a mecânica estatística de Maxwell e Gibbs...

Previsões robustas. Um sistema dinâmico pode ser pensado como uma “máquina” que pega numa condição inicial x e produz uma trajetória $t \mapsto \Phi_t(x)$. O problema é decidir se uma pequena perturbação de Φ (uma incerteza nos parâmetros da lei física), digamos Φ' , produz trajetórias “comparáveis” com as trajetórias de Φ . Uma resposta que é particularmente apreciada pelos físicos consiste em formular resultados de “estabilidade”, que digam que uma “distância” entre Φ e Φ' suficientemente pequena não altera a estrutura das trajetórias. Isto levanta também a questão de decidir se certos fenómenos são típicos ou não no espaço das possíveis dinâmicas. A procura de sistemas “estruturalmente estáveis” desenvolveu-se a partir das ideias de Andronov e Pontryagin, nos anos trinta do século XX. A “hiperbolicidade” enquanto chave da estabilidade estrutural foi descoberta nos anos sessenta por Anosov, Smale, Sinai ..., ao desenvolver ideias geométricas precedentes de Hadamard, Hopf, Hedlund ...

1.4 Estratégia

Para um matemático, um sistema dinâmico é uma ação $G \times X \rightarrow X$ de um (semi)grupo “grande” (tal que seja possível dar um sentido à uma expressão do género “ $g \rightarrow \infty$ ”) G sobre um espaço X . Estudar um sistema dinâmico quer dizer compreender o espaço das órbitas $G \backslash X$, ou melhor a maneira em que as diferentes órbitas Gx estão mergulhadas em X . A ênfase é no comportamento “assintótico” das trajetórias $t \mapsto g_t x$ quando $g_t \rightarrow \infty$. Resulta que às vezes é possível fazer previsões interessantes esquecendo os “detalhes” da dinâmica, desde que X tenha alguma estrutura (uma topologia, uma métrica, uma estrutura diferenciável, simetrias, uma medida de probabilidades, ...) que de alguma maneira precisa é respeitada pela evolução temporal, e que a lei de evolução tenha certas propriedades qualitativas. Este é o tema da teoria dos sistemas dinâmicos. A estratégia é selecionar modelos simples e tratáveis, possivelmente “descobrir” classes de sistemas com comportamento compreensível, na esperança de que sistemas “reais” tenham comportamentos comparáveis. Até esquecendo as motivações físicas, as ideias da teoria dos sistemas dinâmicos fornecem outra maneira de olhar certas estruturas matemáticas, e produzem resultados interessantes em análise, geometria, teoria de grupos, teoria de números, etc...

2 Iteration/recursion

2.1 Exponential growth/decay

Geometric progression. Uma *progressão geométrica* de “razão” λ é uma sequência

$$x_0 = a \quad x_1 = a\lambda \quad x_2 = a\lambda^2 \quad \dots \quad x_n = a\lambda^n \quad \dots$$

obtida do termo inicial $x_0 = a$ usando a recursão $x_{n+1} = \lambda x_n$.

Geometric series. A identidade $(1 + \lambda + \lambda^2 + \lambda^3 + \dots + \lambda^n)(\lambda - 1) = \lambda^{n+1} - 1$ mostra que, se $\lambda \neq 1$, a soma dos primeiros $n + 1$ termos da progressão geométrica (com $a = 1$) é

$$1 + \lambda + \lambda^2 + \lambda^3 + \dots + \lambda^n = \frac{\lambda^{n+1} - 1}{\lambda - 1}$$

Em particular, quando $|\lambda| < 1$, a *série geométrica* $\sum_{n=0}^{\infty} \lambda^n$ é convergente, e a sua soma é

$$1 + \lambda + \lambda^2 + \lambda^3 + \dots + \lambda^n + \dots = \frac{1}{1 - \lambda}.$$

The dichotomy paradox. Using the above formula, you may convince [Zeno](#) that

$$1/2 + 1/4 + 1/8 + 1/16 + \dots = 1.$$

Decimal expansions. Also, you may convince yourself that

$$0.99999\dots = \frac{9}{10} + \frac{9}{100} + \frac{9}{1000} + \frac{9}{10000} + \dots = 1$$

and learn how to recognize rational numbers as

$$0.33333\dots \quad \text{or} \quad 1.285714285714\dots$$

from their periodic expansion.

Duplicação de células. As experiências mostram que a população de uma colônia de bactérias, num período de tempo em que podemos considerar ilimitado o nutrimento e desprezáveis as toxinas produzidas, duplica-se em cada hora.

- Se a população inicial é de 1000 células, determine a população passadas 2, 3, 10 horas.
- Quantas horas devo esperar para ver 1024 bactérias a partir de uma única célula inicial?
- Escreva uma fórmula para p_n , a população de bactérias passadas n horas, dada uma população inicial p_0 .

Invenção do xadrez. Dizem que Sissa inventou o jogo do xadrez e o ofereceu ao rei de Pérsia. Ao rei, que o convidou a escolher uma recompensa, pediu um grão de arroz para o primeiro quadrado do tabuleiro, o dobro, ou seja, dois grãos, para o segundo quadrado, o dobro, ou seja, quatro grãos, pelo terceiro quadrado, e assim a seguir até o último dos quadrados do tabuleiro.

- Quanto grãos de arroz o rei teve que pagar?
- Se 1 Kg de arroz contém à volta de 30000 grãos, quantas toneladas de arroz foram necessárias ao rei para pagar o seu jogo?

Tempo de meia-vida. O decaimento de uma substância radioactiva pode ser caracterizado pelo “tempo de meia-vida” τ , passado o qual aproximadamente metade dos núcleos inicialmente presentes terá decaído. Portanto, se q_n denota a quantidade de substância radioactiva presente no instante $n\tau$, com n inteiro, então

$$q_{n+1} = \frac{1}{2} q_n.$$

- Determine q_n em função da quantidade inicial q_0 .
- Determine a quantidade de producto do decaimento no instante $n\tau$.
- Passado quanto tempo a substância radioactiva fica reduzida a $\frac{1}{32}$ -ésimo da quantidade inicial?
- O tempo de meia-vida do radiocarbono ^{14}C é $\tau \simeq 5730$ anos. Mostre como “datar” um fóssil, sabendo que a proporção de ^{14}C num ser vivente é fixa e conhecida.¹

Crescimento exponencial. O crescimento exponencial de uma população num meio ambiente ilimitado é modelado com a equação recursiva

$$p_{n+1} = \lambda p_n$$

onde p_n representa a população no tempo n , dada uma certa população inicial p_0 .

- Interprete o parâmetro λ imaginando que em cada unidade de tempo o incremento $p_{n+1} - p_n$ da população é a soma de uma parcela αp_n , onde $\alpha > 0$ é um coeficiente de fertilidade, e uma parcela $-\beta p_n$, onde $\beta > 0$ é um coeficiente de mortalidade.
- Discuta o comportamento das soluções da equação recursiva ao variar o parâmetro λ .
- A uma população que cresce segundo o modelo exponencial, é adicionada ou retirada uma certa quantidade β em cada unidade de tempo. O modelo é portanto

$$p_{n+1} = \lambda p_n + \beta$$

onde β é um parâmetro positivo ou negativo. Determine soluções estacionárias, ou seja, que não dependem do tempo n , e a solução com condição inicial p_0 arbitrária (considere a substituição $x_n = p_n - \bar{p}$, onde \bar{p} é a solução estacionária). Para quais valores dos parâmetros λ e β as soluções p_n convergem para a solução estacionária quando o tempo $n \rightarrow \infty$?

2.2 Babylonian-Heron method to “compute” square roots

Considere o problema de determinar o lado ℓ de um quadrado dada a sua área $a > 0$, ou seja, o número que chamamos $\ell = \sqrt{a}$.

Babylonian-Heron algorithm. Um método, descrito por Heron², mas utilizado provavelmente pelos babilônios³, consiste em construir recursivamente rectângulos de área a com lados cada vez mais próximos. Se x_1 e y_1 são a base e a altura do primeiro rectângulo, e portanto $x_1 y_1 = a$, então o segundo rectângulo tem como base a média aritmética $x_2 = (x_1 + y_1)/2$ de base e altura

¹J.R. Arnold and W.F. Libby, Age determinations by Radiocarbon Content: Checks with Samples of Known Ages, *Sciences* **110** (1949), 1127-1151.

²“Since 720 has not its side rational, we can obtain its side within a very small difference as follows. Since the next succeeding square number is 729, which has 27 for its side, divide 720 by 27. This gives $26 \frac{2}{3}$. Add 27 to this, making $53 \frac{2}{3}$, and take half this or $26 \frac{5}{6}$. The side of 720 will therefore be very nearly $26 \frac{5}{6}$. In fact, if we multiply $26 \frac{5}{6}$ by itself, the product is $720 \frac{1}{36}$, so the difference in the square is $1/36$. If we desire to make the difference smaller still than $1/36$, we shall take $720 \frac{1}{36}$ instead of 729 (or rather we should take $26 \frac{5}{6}$ instead of 27), and by proceeding in the same way we shall find the resulting difference much less than $1/36$.”

Heron of Alexandria, *Metrica*, Book I.

³Carl B. Boyer, *A history of mathematics*, John Wiley & Sons, 1968. O. Neugebauer, *The exact sciences in antiquity*, Dover, 1969.

do primeiro, o terceiro rectângulo tem como base a média aritmética $x_3 = (x_2 + y_2)/2$ da base e a altura do segundo, e assim sucessivamente. A equação recursiva para as bases é

$$x_{n+1} = \frac{1}{2} \left(x_n + \frac{a}{x_n} \right).$$

Observe que se a e a conjectura inicial são racionais, então todos os x_n são números racionais.

The algorithm converges, and quite fast. We could, as the babylonians, put an initial guess $x_1 = 3/2$ for $\sqrt{2}$ (since $1^2 < 2 < 2^2$), and find

$$x_2 = \frac{17}{12} \simeq 1.41666666666 \quad x_3 = \frac{577}{408} \simeq 1.41421568627 \quad x_4 = \frac{665857}{470832} \simeq 1.41421356237$$

As you see, the sequence stabilizes quite fast.

Error estimate. As a first attempt to explain this miracle, we could start looking at the recursive equations for the bases and the heights of the rectangles:

$$x_{n+1} = \frac{x_n + y_n}{2} \quad y_{n+1} = \frac{1/x_n + 1/y_n}{2}$$

(so, the next height is the “harmonic mean” of the base and height). We see that the x_n 's and the y_n 's form decreasing and increasing sequences, respectively (disregarding the first guess, of course), namely

$$y_2 \leq y_3 \leq \dots \leq y_n \leq \dots \leq x_n \leq \dots \leq x_3 \leq x_2,$$

The real root is somewhere between, namely $y_n \leq \sqrt{a} \leq x_n$. Hence, we have an explicit control of the error. A computation shows that the lengths of those intervals, the differences $\varepsilon_n = x_n - y_n$ satisfy the recursion

$$\varepsilon_{n+1} < \frac{1}{2} \cdot \varepsilon_n$$

So, and initial “error” $\varepsilon_1 \leq 1$ (an easy achievement, since we easily recognize squares of integers) reduces to at least $\varepsilon_n \leq 2^{-n}$ after n iterations. The true error is actually much smaller. Indeed, in our example we may compute

$$\varepsilon_2 = \frac{17}{12} - 2 \frac{12}{17} = \frac{1}{204} \simeq .005 \quad \text{and} \quad \varepsilon_3 = \frac{577}{408} - 2 \frac{408}{577} = \frac{1}{235416} \simeq 0.000004$$

So that the first improved guess x_2 has already one correct decimals, and the second, x_3 has already four correct decimals!

Irrationals. What babylonians didn't suspect is that if you start with a rational guess for $\sqrt{2}$, you get an infinite sequence of rational approximations, but the process never stops. This is due to

Pythagoras theorem. *The square root of 2 is not rational.*

Exercícios.

- De acordo com a fórmula de Heron, a área de um triângulo de lados a , b e c , e semi-perímetro $s = (a + b + c)/2$ é

$$\text{área} = \sqrt{s(s-a)(s-b)(s-c)}$$

Estime a área de um triângulo de lados 7, 8 e 9.

- Estime $\sqrt{13}$ com um erro < 0.01 e 0.001 .
- Estime quantas iterações é preciso fazer para obter os primeiros n dígitos decimais de $\sqrt{2}$ usando o método dos babilônios.

2.3 Fibonacci numbers

Fibonacci problem. Considere o seguinte problema, posto por Leonardo Pisano (mais conhecido como Fibonacci, ou seja, “filius Bonacci”) no seu *Liber Abaci*, 1202:

*Quot paria coniculorum in uno anno ex uno pario germinentur.
Quidam posuit unum par cuniculorum in quodam loco, qui erat undique pariete circumdatus, ut sciret, quot ex eo paria germinarentur in uno anno: cum natura eorum sit per singulum mensem aliud par germinare; et in secundo mense ab eorum natiuitate germinant.*⁴

Fibonacci numbers. A resposta de Leonardo Pisano consiste no seguinte modelo. Se f_n o número de pares de coelhos no n -ésimo mês, então

$$f_{n+1} = f_n + f_{n-1}.$$

Esta é uma “lei” que prescreve recursivamente os valores dos f_n dados uns valores iniciais f_0 e f_1 . The sequence grows quite fast, as you can see:

1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, 377, 610, 987, 1597, 2584, ...

and the numbers soon become astronomically large. For example, after 10 years we get

$$f_{120} \simeq 8.67 \times 10^{24},$$

larger than the Avogadro number!

Quotients and the growth of Fibonacci numbers. How fast do Fibonacci numbers grow? Seja $q_n = f_{n+1}/f_n$ o quociente entre sucessivos números de Fibonacci. Os quocientes satisfazem a equação recursiva

$$q_{n+1} = 1 + 1/q_n$$

We compute:

1, 2, $3/2 = 1.5$, $5/3 \simeq 1.66666$, $8/5 = 1.6$, $13/8 = 1.625$, $21/13 \simeq 1.61538$, ...

A sucessão dos q_n converge (uma demonstração não é difícil, e será dada mais a frente), ou seja, $q_n \rightarrow \phi$ se $n \rightarrow \infty$. Ao passar ao limite na equação recursiva temos que $\phi = 1 + 1/\phi$, e portanto ϕ é uma raiz (positiva) do polinómio $x^2 - x - 1$, ou seja,

$$\phi = \frac{1 + \sqrt{5}}{2} \simeq 1.6180339887498948482 \dots$$

Hence, for large values of n we may approximate Fibonacci law as

$$f_{n+1} \approx \phi f_n,$$

an exponential growth with rate ϕ . In particular, we expect $f_n \sim \phi^n$.

The “ratio”. The limit ϕ is another famous irrational, the Greeks’ “ratio/proportion”. As described by Euclid:⁵

“A straight line is said to have been cut in extreme and mean ratio when, as the whole line is to the greater segment, so is the greater to the less.”

⁴Quantos pares de coelhos podem ser gerados por um par em um ano.

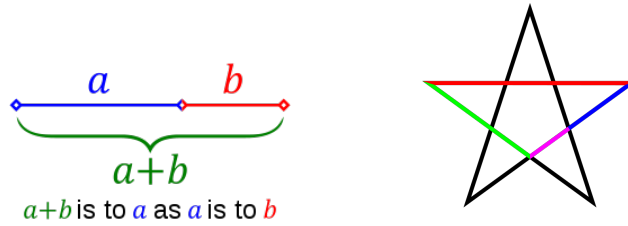
Alguém tem um par de coelhos, em um lugar inteiramente fechado, para descobrir quantos pares de coelhos podem ser gerados deste par em um ano: por natureza, cada par de coelhos gera cada mês outro par, e começa a procriar a partir do segundo mês após o nascimento.

⁵Euclid, *Elements*, Book VI, Definition 3.

If a is the greater part and b the less of a line of length $a + b$, Euclid's requirement is

$$\frac{a + b}{a} = \frac{a}{b}$$

There follows that the ratio $\phi = a/b$ satisfies $1 + 1/\phi = \phi$. This division of an interval is used in Book IV of the Elements to construct a regular pentagon.



Extreme and mean ratio, and regular pentagon.
(from http://en.wikipedia.org/wiki/Golden_ratio)

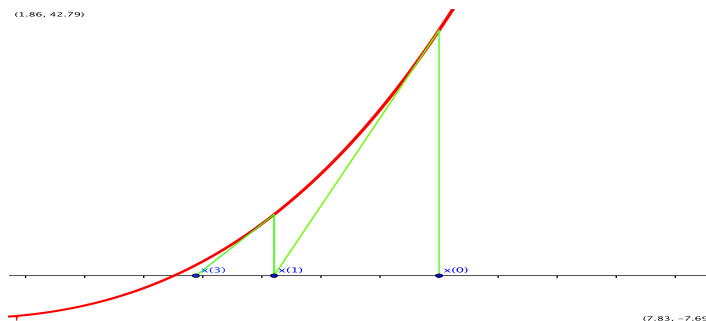
Exercícios.

- Show that ϕ^{-1} is equal to $\phi - 1$.
- Show that ϕ is irrational using its geometric definition (see Euclid's *Elements*, or [HW59] 4.6.)

2.4 Newton method to find roots of polynomials

Roots of polynomials. Finding \sqrt{a} means solving the polynomial equation $z^2 - a = 0$. What about finding roots of a generic polynomial $p(x) \in \mathbb{R}[x]$?

Newton-Raphson iterative scheme. O “método de Newton” é um método proposto por Joseph Raphson em 1690 para aproximar raízes de um polinómio $p(x)$ (o Newton só queria era resolver $x^3 - 2x - 5 = 0$). Consiste em “adivinhar” uma aproximação razoável x_0 de uma raiz, e depois melhorar a conjectura usando o zero da aproximação linear $p(x_0) + p'(x_0)(x - x_0)$.



Search for a root of $x^3 - 2x - 5$ using Newton iterations.

O método, portanto, consiste na recursão

$$x_{n+1} = x_n - \frac{p(x_n)}{p'(x_n)}$$

Se a sucessão converge, i.e. $x_n \rightarrow x_\infty$, e se $p'(x_\infty) \neq 0$, então o limite x_∞ é uma raiz de p .

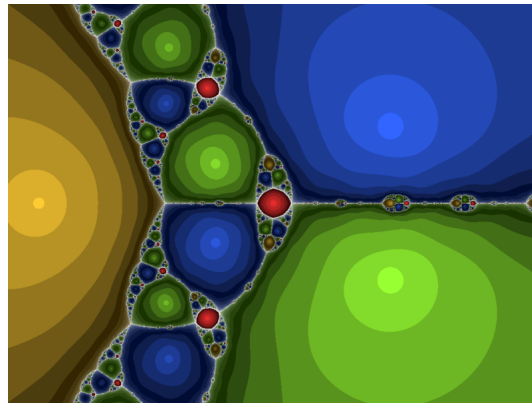
Exercícios.

- Use Newton method to solve Newton's problem, i.e. find the roots of $x^3 - 2x - 5$.
- Show that Newton method to solve $x^2 - a = 0$ corresponds to babylonian-Heron iterative scheme.
- Use o método de Newton para aproximar a “razão”, a raiz positiva de $x^2 - x - 1$. Then, compare with the babylonian-Heron method (i.e., estimate $\sqrt{5}$, then sum 1 and divide by 2).
- Write and implement Newton method to find n -th roots, i.e. to solve $x^n - a = 0$.

Newton's fractals. Em 1879 Cayley observou que o método pode ser utilizado também para aproximar raízes complexas de polinômios $p(z) \in \mathbb{C}[z]$. A receita consiste em iterar a função racional

$$f(z) = z - \frac{p(z)}{p'(z)}$$

O problema é decidir quando, ou seja para quais valores da conjetura inicial z_0 , a sucessão (z_n) , com $z_{n+1} = f(z_n)$, converge para uma raiz de $p(z)$. As bacias de atração das diferentes raízes desenham padrões surpreendentes no plano complexo



Basins of attraction of the roots of $2z^3 - 2z + 2$ in \mathbb{C}
(from http://en.wikipedia.org/wiki/Newton_fractal).

Iteração de funções racionais na esfera de Riemann. É natural considerar iterações de funções racionais $f(z) \in \mathbb{C}(z)$ arbitrárias (os endomorfismos da esfera de Riemann $\bar{\mathbb{C}} = \mathbb{C} \cup \{\infty\}$), e querer descrever as trajetórias definidas pela equação recursiva $z_{n+1} = f(z_n)$.

O exemplo mais estudado consiste nas iterações da família de polinômios quadráticos

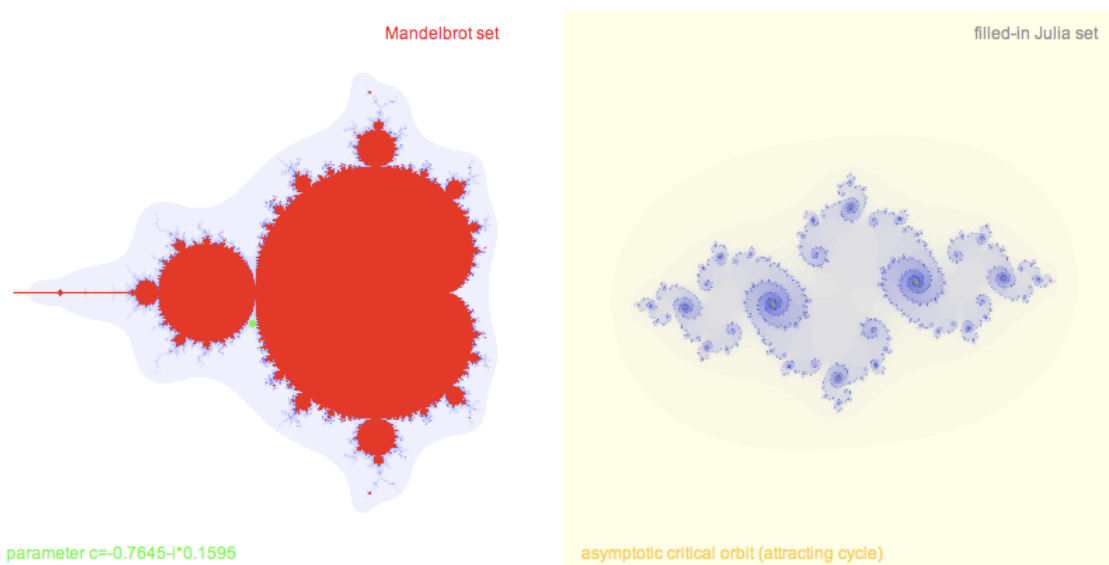
$$f(z) = z^2 + c$$

ao variar o parâmetro $c \in \mathbb{C}$. A sua beleza foi intuída por Gaston Julia⁶ e Pierre Fatou⁷ no princípio do século XX, desvendada com o auxílio dos computadores modernos por Benoît Mandelbrot, e estudada por uma multidão de excelentes matemáticos (como Adrian Douady, Dennis Sullivan, John Milnor, Misha Lyubich, Jean-Christophe Yoccoz, Curtis McMullen, ...) a partir dos anos '80 do século passado.

⁶G. Julia, Mémoire sur l'iteration des fonctions rationnelles, *Journal de Mathématiques Pures et Appliquées*, **8** (1918), 47-245.

⁷P. Fatou, Sur les substitutions rationnelles, *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences de Paris*, **164** (1917) 806-808, and **165** (1917), 992-995.

Nice pictures. Em baixo, está uma imagem que nos tempos de Julia e Fatou apenas era possível ver com uns olhos matemáticos bem afinados (um applet Java que produz a figura está no meu [bestiario](#)). O laço de corações vermelhos à esquerda, chamado *Mandelbrot set*, consiste nos valores do parâmetro complexo c tais que a órbita do ponto crítico $z_0 = 0$ permanece limitada. A região cinzenta à direita, chamada *filled-in Julia set*, consiste no conjunto das condições iniciais z_0 cuja órbita é limitada. As outras côres (que permitem ver os conjuntos “invisíveis” de Cantor) são escolhidas dependendo da velocidade com que as trajetórias z_n fogem para o infinito.



Conjunto de Mandelbrot (esquerda) e conjunto de Julia do polinómio $z^2 + c$ com $c \simeq -0.7645 - i \cdot 0.1595$ (direita).
(from <http://w3.math.uminho.pt/~scosentino/bestiario/julia.html>)

2.5 Finite difference equations

Fibonacci model is the prototype of

Recursive linear equations. A *recursive linear equation* (or “finite difference linear equation”) is a law

$$a_p x_{n+p} + a_{p-1} x_{n+p-1} + \cdots + a_1 x_{n+1} + a_0 x_n = 0$$

which defines a sequence (x_n) given a set of “initial conditions” x_0, x_1, \dots, x_{p-1} . Above, $a_0 \neq 0, a_1, \dots, a_{p-1}, a_p \neq 0$ are real or complex parameters. It is a discrete version of a linear ordinary differential equation of degree p with constant coefficients.

Eigenfunctions. The general recipe is: “linear equations have exponential solutions”. The conjecture $x_n = z^n$ solves the recursive equation if z is a root of the *characteristic polynomial*

$$P(z) = a_p z^p + a_{p-1} z^{p-1} + \cdots + a_1 z + a_0$$

In particular, if P has p distinct roots (in \mathbb{C}), say z_1, z_2, \dots, z_p , then the general solution of the recursive equation is a linear combination

$$x_n = c_1 z_1^n + c_2 z_2^n + \cdots + c_p z_p^n$$

where the c_1, c_2, \dots, c_p are constants which depend on the initial conditions x_0, x_1, \dots, x_{p-1} .

Exercícios.

- Find an explicit formula for the Fibonacci numbers f_n 's (which is known as *Binet's formula*).

Generating function. Given a sequence (x_n) , defined anyway, we may consider the (formal) power series

$$\sum_{n \geq 0} x_n z^n$$

If the series has a non-zero radius of convergence $r = 1/\limsup_{n \rightarrow \infty} x_n^{1/n} > 0$, hence defines an analytic function $g(z)$ in some neighborhood $B_r(0) = \{z \in \mathbb{C} \text{ s.t. } |z| < r\} \subset \mathbb{C}$ of the origin, then the original sequence may be recovered computing derivatives, as $x_n = g^{(n)}(0)/n!$.

Theorem A power series $\sum_{n \geq 0} x_n z^n$ represents a rational function $f(z) \in \mathbb{C}(z)$ iff the coefficients x_n satisfy a recursive linear equation.

Exercícios.

- If f_n denotes the n -th Fibonacci number, then the power series $\sum_{n \geq 0} f_n z^n$ represents the rational function

$$\frac{1}{1 - z - z^2}$$

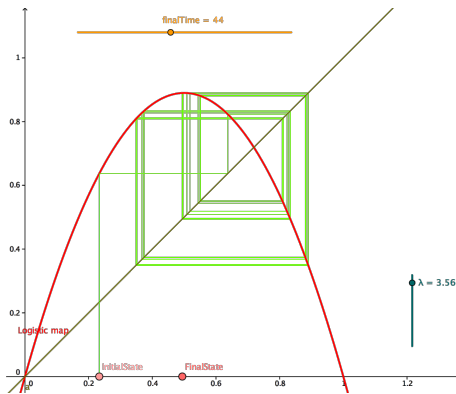
Observe that it has a pole at $1/\phi$, and deduce that $\limsup_{n \rightarrow \infty} |f_n|^{1/n} = \phi$ (so that $f_n \sim \phi^n$).

2.6 Transformações do intervalo e cobweb plot

Análise gráfica. Considere transformações $f : I \rightarrow \mathbb{R}$ definidas num intervalo I da reta real. A iteração é possível quando $f(I) \subset I$. Um estudo ingénuo (mas instrutivo!) das trajetórias pode-se fazer seguindo a história de um ponto x traçando os segmentos verticais e horizontais

$$(x, f(x)) \mapsto (f(x), f(x)) \mapsto (f(x), f^2(x)) \mapsto (f^2(x), f^2(x)) \mapsto (f^2(x), f^3(x)) \mapsto \dots$$

ajudando-se com o gráfico da identidade.



Cobweb plot of the quadratic map $f(x) = \lambda x(1 - x)$ when $\lambda = 3.56$.

É surpreendente observar que, logo que f não é linear, as trajetórias podem ter comportamento mesmo complicado...

Experiência: a família quadrática. Podem começar procurando entender a dinâmica da família quadrática, a família das transformações

$$f_\lambda : x \mapsto \lambda x(1 - x)$$

definidas na reta real, ao variar o parâmetro real λ . Esta família contém quase tudo o que está nestas notas... é uma "palestra" para testar ideias e resultados, e o seu estudo ainda levanta hoje em dia problemas e conjecturas!

Experiência. Procure entender a dinâmica das seguintes transformações definidas em intervalos de \mathbb{R} convenientes.

$$\begin{array}{lll} x \mapsto \pm x^3 & x \mapsto x^{1/3} & x \mapsto x^3 \pm x \\ x \mapsto x^2 + 1/4 & x \mapsto 3x(1-x) & x \mapsto 4x(1-x) \\ x \mapsto |1-x| & x \mapsto x^2 - 2 & x \mapsto \sin x \quad \text{e} \quad \cos x \end{array}$$

3 Sistemas dinâmicos topológicos, definições básicas

3.1 Transformações

Transformações. Nestas notas, um *sistema dinâmico topológico* será uma ação de \mathbb{N}_0 ou de \mathbb{Z} num espaço topológico (X, τ) , gerada por uma transformação contínua $f : X \rightarrow X$.

As “iteradas” da transformação f são as transformações $f^n : X \rightarrow X$, com $n \in \mathbb{N}_0$, definidas indutivamente por

$$f^0 = \text{id} \quad \text{e} \quad f^n = f \circ f^{n-1} \quad \text{se } n \in \mathbb{N}$$

(cuidado! nesta notação $f^2(x)$ não é o quadrado de $f(x)$, mas $f(f(x)) \dots$).

Em geral, se $n \in \mathbb{N}$ e A é um subconjunto de X , então $f^{-n}(A)$ denota o conjunto

$$f^{-n}(A) = \{x \in X \text{ t.q. } f^n(x) \in A\}.$$

Se f é um homeomorfismo, é possível definir as iteradas $f^n : X \rightarrow X$ para todo $n \in \mathbb{Z}$.

A ação $\Phi : \mathbb{N}_0 \times X \rightarrow X$, ou $\Phi : \mathbb{Z} \times X \rightarrow X$ se f for um homeomorfismo, é definida por $\Phi_n(x) = f^n(x)$.

Espaço dos estados. A seguir, (X, d) será um espaço métrico completo munido da topologia induzida τ , localmente compacto (todo ponto admite uma vizinhança compacta) e separável (admite um subconjunto enumerável denso, e portanto, sendo um espaço métrico, uma base enumerável da topologia). Por exemplo, domínios de \mathbb{R}^n , intervalos da reta, o círculo \mathbb{R}/\mathbb{Z} , o toro $\mathbb{R}^n/\mathbb{Z}^n$, o plano complexo \mathbb{C} , a esfera de Riemann $\overline{\mathbb{C}}$, conjuntos de Cantor... e produtos cartesianos de espaços finitos. Para evitar trivialidades e detalhes inúteis, assumiremos também que a cardinalidade de X seja infinita.

Translações em espaços homogêneos. A maneira mais simples, de fato tautológica, de construir ações é algébrica.

Seja G um grupo topológico, um grupo munido de uma topologia de Hausdorff tal que as operações $(g, g') \mapsto gg'$ e $g \mapsto g^{-1}$ sejam contínuas. Dado um subgrupo $\Gamma \subset G$, é possível formar o espaço homogêneo $X = G/\Gamma = \{g\Gamma \text{ com } g \in G\}$, munido da topologia quociente (a “maior” topologia em G/Γ tal que a projeção $\pi : G \rightarrow G/\Gamma$ seja contínua).

Todo subgrupo $S \subset G$ age no espaço homogêneo $X = G/\Gamma$, a ação $S \times G/\Gamma \rightarrow G/\Gamma$ sendo $(s, g\Gamma) \mapsto sg\Gamma$. O espaço das órbitas é $S \backslash G/\Gamma$.

Em particular, um subgrupo cíclico $S = \{s^n\}_{n \in \mathbb{Z}}$ gera uma ação $\Phi : \mathbb{Z} \times X \rightarrow X$ definida por $\Phi_n(g\Gamma) = s^n g\Gamma$, que consiste em iterar a translação esquerda

$$g\Gamma \mapsto sg\Gamma.$$

Propriedades genéricas. Tem interesse falar de coisas como “a maioria das trajetórias”, ou “quase todas as trajetórias”.

Seja X um espaço topológico, existe a possibilidade de considerar medidas (de probabilidades ou infinitas) sobre os borelianos de X . Dada uma medida de probabilidades μ , uma propriedade é verificada em μ -quase todo ponto se o conjunto C dos pontos que têm a propriedade em causa tem probabilidade $\mu(C) = 1$ (se a massa de μ for infinita, a condição tem que ser substituída por $\mu(X \setminus C) = 0$).

O análogo topológico da dicotomia “probabilidade zero ou um” é possível se X é um *espaço de Baire*, ou seja um espaço topológico de Hausdorff (cada dois pontos distintos admitem vizinhanças disjuntas) onde toda interseção enumerável de abertos densos é densa. Num espaço de Baire, um subconjunto é dito *residual* (ou *gordo*) se contém uma interseção enumerável de abertos densos, e é dito *magro* se é uma reunião enumerável de subconjuntos “nowhere dense” (cuja aderência tem interior vazio), ou seja se o seu complementar é residual. Uma propriedade é dita *genérica* se o conjunto C dos pontos de X que têm a propriedade em causa é residual. O teorema de Baire diz que exemplos de espaços de Baire são os espaços métricos completos.

3.2 Trajetórias e órbitas

Trajetórias. Estamos interessados no comportamento assintótico da “história” de um ponto $x \in X$, a sequência de pontos

$$x \mapsto f(x) \mapsto f^2(x) \mapsto f^3(x) \mapsto \dots$$

A ideia é que, se X é o espaço dos estados de um sistema físico, e se o sistema está no estado x no tempo 0, então o sistema estará no estado $f(x)$ no tempo 1, no estado $f^2(x) = f(f(x))$ no tempo 2, etc...

A *trajetória* de $x \in X$ é a sucessão $(x_n)_{n \in \mathbb{N}_0}$, a função que, dada a “condição inicial” $x_0 = x$, associa a cada tempo $n \geq 0$ o estado do sistema $x_n = f^n(x)$ no tempo n . Observe que a trajetória do ponto x é a solução da equação recursiva (ou equação às diferenças de primeira ordem)

$$x_{n+1} = f(x_n)$$

como condição inicial $x_0 = x$.

Órbitas. A *órbita* de $x \in X$ é a imagem da sua trajetória, ou seja o conjunto

$$\mathcal{O}_f^+(x) = \{f^n(x)\}_{n \in \mathbb{N}_0}$$

É costume abusar da linguagem e utilizar indistintamente as palavras “trajetória” e “órbita”, desde que seja claro o contexto e o significado da frase.

Em geral, um ponto x pode ter mais de uma pré-imagem, e portanto o seu passado não é único. A *grande órbita* do ponto x é o conjunto

$$\mathcal{GO}_f(x) = \{x' \in X \text{ t.q. } \exists n, m \geq 0 \text{ t.q. } f^n(x') = f^m(x)\}$$

ou seja o conjunto dos pontos que têm eventualmente a mesma história futura de x .

Observe que “estar na mesma grande órbita” é uma relação de equivalência. Vale a pena dizer desde já que o espaço quociente, dito *espaço das órbitas*, pode ser complicado, se as trajetórias forem pouco regulares. Por exemplo, se f admite uma órbita densa, então a topologia quociente no espaço das órbitas é a topologia trivial! Isto mostra que o espaço das órbitas, em quanto espaço topológico, pode não conter muita informação acerca do sistema dinâmico.

Se f é invertível, também é útil definir a *órbita completa* (que de fato coincide com a grande órbita)

$$\mathcal{O}_f(x) = \{f^n(x)\}_{n \in \mathbb{Z}}$$

a história passada e futura de x . A relação “estar na mesma órbita completa” é uma relação de equivalência, e portanto X é uma reunião disjunta de órbitas completas.

3.3 Órbitas periódicas

Pontos fixos. As órbitas mais simples são os *pontos fixos* de f , os pontos $p \in X$ tais que

$$f(p) = p.$$

Se X é um espaço linear, os pontos fixos são soluções da equação $f(x) - x = 0$.

Órbitas periódicas. A seguir, as *órbitas periódicas*. O ponto $p \in X$ é dito *periódico* de *período* $n \geq 1$ se $f^n(p) = p$ e se n é o menor dos tempos $k \geq 1$ tais que $f^k(p) = p$. Assim, a órbita do ponto periódico p é um conjunto finito

$$\{p, f(p), f^2(p), \dots, f^{n-1}(p)\}$$

de pontos que são permutados pela transformação f .

Um ponto x pode ter órbita finita sem ser periódico: pode acontecer que existe $k \geq 1$ tal que $f^k(x)$ é um ponto periódico. Tais pontos, que “caem” numa órbita periódica passado um tempo positivo, são ditos *pré-periódicos*.

$\text{Fix}(f^n)$ denota o conjunto dos pontos fixos da transformação f^n , ou seja o conjunto dos pontos periódicos de f cujos períodos dividem n .

$$\text{Per}_f = \bigcup_{n \geq 1} \text{Fix}(f^n)$$

denota o conjunto dos pontos periódicos da transformação f . Observe que cada um dos conjuntos $\text{Fix}(f^n)$ é fechado, pois f^n é contínua, mas a reunião Per_f pode não ser.

Exercício. Estude a dinâmica, ou seja a estrutura das órbitas, de uma transformação arbitrária definida num conjunto finito $\{1, 2, \dots, n\}$. Observe que o estudo da dinâmica das transformações bijetivas consiste essencialmente no estudo dos grupos simétricos S_n .

3.4 Observáveis

Observáveis. Os *observáveis* são funções $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ ou \mathbb{C} . Se o sistema está inicialmente no estado x , e portanto é observado o valor $\varphi(x)$ de φ , passado um tempo n a observação de φ dará o valor $\varphi(f^n(x))$.

Constantes do movimento. Particularmente interessantes são os observáveis que não mudam no tempo, que os físicos chamam “constantes do movimento”. A função $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ é dita *invariante* se

$$\varphi \circ f = \varphi$$

ou seja se é constante em cada órbita. Observe que, se φ é invariante, $I \subset \mathbb{R}$ e $A = \varphi^{-1}(I)$, então $f^{-1}(A) = A$. A existência de uma função invariante φ contém a seguinte informação: se sabemos que $\varphi(x) = a$, então o futuro e o passado de x pertencem ao conjunto de nível $\Sigma_a = \{x \in X \text{ t.q. } \varphi(x) = a\}$, i.e. $\mathcal{GO}_f(x) \subset \Sigma_a$. As funções invariantes, portanto, reduzem o espaço disponível às trajetórias.

Funções de Lyapunov. Também úteis são observáveis monótonos, crescentes ou decrescentes, ao variar o tempo, conhecidos em física como “funções de Lyapunov”. Por exemplos, se sabemos que $\varphi \circ f \leq \varphi$, e que $\varphi(x) = a$, então o futuro de x “não sai” do conjunto de sub-nível $\Sigma_{\leq a} = \{x \in X \text{ t.q. } \varphi(x) \leq a\}$, e o passado de x “vem” de $\Sigma_{\geq a} = \{x \in X \text{ t.q. } \varphi(x) \geq a\}$.

Exercícios.

- Mostre que, se $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ é invariante, $I \subset \mathbb{R}$ e $A = \varphi^{-1}(I)$, então $f^{-1}(A) = A$.
- Mostre que a função característica do subconjunto $A \subset X$ é invariante sse $f^{-1}(A) = A$.

Médias temporais. A *média temporal* (ou *média de Birkhoff*) do observável φ até ao tempo $n \geq 0$ é o observável $\bar{\varphi}_n$ definido por

$$\bar{\varphi}_n(x) = \frac{1}{n+1} \sum_{k=0}^n \varphi(f^k(x))$$

i.e. o valor de $\bar{\varphi}_n$ no ponto x é a média aritmética dos valores de φ na “ n -órbita de x ”, o subconjunto $\{x, f(x), f^2(x), \dots, f^n(x)\}$.

Se o limite

$$\bar{\varphi}(x) = \lim_{n \rightarrow \infty} \bar{\varphi}_n(x)$$

existe, tem o significado de “valor médio assintótico” de φ ao longo da órbita de x . Observe também que $\bar{\varphi}(x) = (\bar{\varphi} \circ f)(x)$ nos pontos onde o limite existe.

Se, em particular, 1_A denota a função característica de um subconjunto $A \subset X$, então o limite

$$\bar{1}_A(x) = \lim_{n \rightarrow \infty} \frac{1}{n+1} \text{card} \{0 \leq k \leq n \text{ t.q. } f^k(x) \in A\}$$

se existir, representa “a fração de tempo assintótica” que a trajetória de x passa em A , ou seja “a frequência com que a trajetória de x visita o conjunto A ”.

3.5 Conjuntos invariantes

Conjuntos invariantes. A função característica do subconjunto $A \subset X$ é invariante sse $f^{-1}(A) = A$. Uma definição consistente com esta observação é a seguinte: um subconjunto $A \subset X$ é dito *invariante* se

$$f^{-1}(A) = A$$

Esta condição implica que $f(A) \subset A$, e portanto um ponto de um conjunto invariante tem toda a sua história, futura e passada, contida no conjunto.

Observe que $\mathcal{GO}_f(x)$ é o menor conjunto invariante que contém x , e portanto um conjunto invariante é uma reunião de grandes órbitas, é composto pelas histórias possíveis passadas e futuras dos seus pontos.

Se f é invertível, $\mathcal{O}_f(x)$ é o menor conjunto invariante que contém x . Isto implica que, se $f : X \rightarrow X$ é invertível, um subconjunto $A \subset X$ é invariante sse é uma reunião de órbitas completas, i.e. se $A = \cup_{x \in A} \mathcal{O}_f(x)$.

Conjuntos \pm invariantes. Não há maneira de evitar o problema de distinguir entre outras noções de invariância. Um subconjunto $A \subset X$ é dito *+invariante* se $f(A) \subset A$ (se o futuro dos pontos de A vive em A), e é dito *-invariante* se $f^{-1}(A) \subset A$ (se o passado dos pontos de A está em A , ou os pontos de A “veem” de A).

Em particular, se A é +invariante é possível definir o sistema dinâmico $f|_A : A \rightarrow A$.

Exercícios.

- Descubra as implicações entre as condições

$$\begin{aligned} f^{-1}(A) = A, \quad f(A) \subset A, \quad f^{-1}(A) \subset A, \\ f(A) = A, \quad \text{e} \quad f^{-1}(A) = A = f(A) \end{aligned}$$

para uma transformação qualquer, uma transformação sobrejetiva e uma transformação bi-jetiva.

- Considere o conjunto C igual a $\mathcal{GO}_f(x)$, $\mathcal{O}_f(x)$ ou $\mathcal{O}_f^+(x)$ para algum ponto $x \in X$, e determine as propriedades de invariância dos conjuntos C , \bar{C} , ∂C e C' .
- Seja $A \subset X$. Mostre que $\cup_{n \geq 0} f^n(A)$ é um conjunto +invariante, de fato o menor conjunto +invariante que contém os pontos de A .
- Seja $A \subset X$. Mostre que, se $f : X \rightarrow X$ é invertível, então $\cup_{n \in \mathbb{Z}} f^n(A)$ é um conjunto invariante, de fato o menor conjunto invariante que contém os pontos de A .
- Seja $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ um observável, e seja $A \subset X$ o conjunto dos pontos $x \in X$ tais que o limite $\bar{\varphi}(x) = \lim_{n \rightarrow \infty} \varphi_n(x)$ existe. Mostre que A é invariante, e que o observável $\bar{\varphi} : A \rightarrow \mathbb{R}$ é invariante com respeito à transformação $f|_A : A \rightarrow A$.

3.6 Conjugação topológica

Conjugação. Os sistemas dinâmicos topológicos $f : X \rightarrow X$ e $g : Y \rightarrow Y$ são (*topologicamente*) *conjugados* se existe um homeomorfismo $h : X \rightarrow Y$, dito *conjugação*, tal que

$$h \circ f = g \circ h$$

Observe que a condição pode também ser escrita como $f = h^{-1} \circ g \circ h$, e que é uma relação de equivalência. Por indução, vê-se que $f^n = h^{-1} \circ g^n \circ h$ para todo tempo $n \geq 0$. Em particular, uma conjugação h envia órbitas de f em órbitas de g .

A ideia é que duas transformações topologicamente conjugadas são indistinguíveis do ponto de vista topológico (estamos simplesmente a mudar o nome aos pontos do espaço dos estados), e portanto mais vale estudar a dinâmica de um representante por cada classe de equivalência.

Semi-conjugação. Uma função contínua e sobrejetiva $h : X \rightarrow Y$ é dita *semiconjugação* entre os sistemas dinâmicos $f : X \rightarrow X$ e $g : Y \rightarrow Y$ se $h \circ f = g \circ h$. Neste caso, g é dito um *fator* de f . A h -imagem de toda órbita de f é uma órbita de g . Numa linguagem informal, “a dinâmica de g está contida na dinâmica de f ”. Esta definição é interessante sobretudo quando o conjunto dos pontos onde h não é injetiva é “pequeno”.

3.7 Estabilidade estrutural

Espaços de transformações. Uma distância natural no espaço das transformações contínuas dum espaço métrico (X, d) é a distância do sup

$$d_\infty(f, g) = \sup_{x \in X} d(f(x), g(x))$$

ou seja, f e g estão δ -próximos se $d(f(x), g(x)) < \delta$ para todo $x \in X$ (cuidado: dois pontos f e g podem estar a distância ∞ se X não é limitado!).

Se X tem uma estrutura diferenciável, por exemplo se X é um domínio $V \subset \mathbb{R}^n$, ou em geral uma variedade diferenciável, podemos considerar a classe das transformações que têm derivadas parciais de ordem $\leq k$ contínuas, munida da topologia de Whitney \mathcal{C}^k . Sem entrar em detalhes técnicos, se X é um intervalo compacto da reta real, as topologias \mathcal{C}^k são geradas pelas normas

$$\|f - g\|_{\mathcal{C}^0} = \sup_{x \in X} |f(x) - g(x)| \quad \|f - g\|_{\mathcal{C}^1} = \sup_{x \in X} |f(x) - g(x)| + \sup_{x \in X} |f'(x) - g'(x)| \quad \dots \text{etc.}$$

Estabilidade estrutural. Uma transformação $f : X \rightarrow X$ é \mathcal{C}^k -*estruturalmente estável* se toda transformação $g : X \rightarrow X$ suficientemente próxima de f na topologia \mathcal{C}^k é topologicamente conjugada a f .

Se o espaço X tem uma estrutura diferenciável, parece natural procurar conjugações diferenciáveis. O problema é que desta maneira uma divisão em classes de equivalência resulta muito fina e pouco significativa, devido a existência de “moduli”...

4 Números e dinâmica

“317 is a prime, not because we think so, or because our minds are shaped in one way rather than another, but because it is so, because mathematical reality is built that way.”

G.H. Hardy, *A Mathematician’s Apology*, 1940.

4.1 Expansão decimal e multiplicação $\times 10$

Ref. [HW59], chapter IX.

Expansão decimal. When children we learn to represent numbers as decimals, like

$$3.14159265358979323846264338327950288419716939937510\dots$$

Of course, there is nothing especial with the number 10, it is but the number of fingers in our hands. Any other integer $d \geq 2$ would do. Representing a non-negative (for simplicity) real number $x \in \mathbb{R}_+$ in base 10 means writing x as the sum of a convergent series

$$\begin{aligned} x &= X_m \dots X_2 X_1 X_0 . x_1 x_2 x_3 \dots \\ &= X_m \cdot 10^m + \dots + X_2 \cdot 10^2 + X_1 \cdot 10 + X_0 + \frac{x_1}{10} + \frac{x_2}{10^2} + \frac{x_3}{10^3} + \dots \\ &= \sum_{n=0}^m X_n \cdot 10^n + \sum_{n=1}^{\infty} x_n \cdot 10^{-n} \end{aligned}$$

where $X_n, x_n \in \{0, 1, 2, \dots, 9\}$ and $m \geq 0$. Some representations terminate, i.e. have $x_n = 0$ starting from some $n \geq N$, and some others are recurring, i.e. of the form

$$X_m \dots X_2 X_1 X_0 . x_1 x_2 \dots x_{k-1} \overline{x_k \dots x_{k+n}}$$

(and of course a terminating decimal is a recurring one with recurring word $\bar{0}$). The representation is unique, hence there is a bijection between \mathbb{R} and the space of infinite words $X_m \dots X_2 x_1 X_0 . x_1 x_2 x_3 \dots$ as above, if we do not admit recurrent 9’s, i.e. if we substitute $\dots x_{k-1} \bar{9}$ with $\dots (x_{k-1} + 1) \bar{0}$ (where we assume $x_{k-1} \neq 9$).

The finite sum

$$[x] = \sum_{n=0}^m X_n \cdot 10^n \in \mathbb{Z}$$

is the *integral part* of x , the largest of those integers n such that $n \leq x$. The possibly infinite sum

$$\{x\} = 0.x_1 x_2 x_3 \dots = \sum_{n=1}^{\infty} x_n \cdot 10^{-n} \in [0, 1)$$

is the *fractional part* of x , the difference $\{x\} = x - [x]$. Consequently, $[x] + \{x\} = x$.

Division algorithm. The iterative scheme to obtain the decimal representation of a rational number is the “division algorithm” that we learn when children. Consider a positive rational number $x = p/q$ with $p, q \in \mathbb{N}$:

$$\frac{p}{q} = x_0 . x_1 x_2 x_3 \dots$$

The integer $[x] = x_0$ is “the number of times q is contained in p ”, i.e. the unique integer such that

$$p = x_0 \cdot q + r_0$$

for some rest r_0 which is an integer $0 \leq r_0 < q$. Hence, $p/q = x_0 + r_0/q$ and $0 \leq r_0/q < 1$. The “geometric” meaning of x_1 is that the point r_0/q lies between $0.x_1$ and $0.x_1 + 0.1$. Multiplying by 10 and then by q this means that

$$x_1 \cdot q \leq 10 \cdot r_0 < x_1 \cdot q + q$$

or, equivalently, that x_1 is the unique integer between 0 and 9 such that

$$10 \cdot r_0 = x_1 \cdot q + r_1$$

where, again, the rest r_1 is a non-negative integer $0 \leq r_1 < q$. And so on. Hence, the digits of the decimal expansion of p/q are iteratively determined by

$$10 \cdot r_{n-1} = x_n \cdot q + r_n \quad \text{where} \quad 0 \leq r_n < q$$

Theorem. *The rational numbers are precisely those real numbers whose representation in base 10 (or any other base $d \geq 2$) is repeating/recurrent.*

Meanwhile, there exist irrational numbers!

Exercícios.

- Show that the decimal representation of a rational number terminates iff the denominator is $2^a 5^b$.
- Write $1/3$ in base 2, and $2/3$ in base 3 and 7.
- Show that the decimal (or any other base) representation of a rational number is repeating (observe that the possibilities for the rests r_n are finite).
- Show the converse: a repeating decimal represents a rational number (compute the sum of the series).
- Give examples of non-repeating decimal expansions (see [HW59], section 9.4).
- Prove that *Euler's number*

$$e = \sum_{n=0}^{\infty} \frac{1}{n!}$$

is irrational (Fourier's idea: assume that $e = p/q$ for some positive integers p, q , and deduce that $x = q!(e - \sum_{n=0}^q 1/n!)$ is then an integer. Estimate the series $x = \sum_{n=q+1}^{\infty} q!/n!$ and prove that $0 < x < 1$).

Multiplicação $\times d$. Seja $d \geq 2$ um inteiro. A transformação $F : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ que envia cada número x no seu múltiplo $d \cdot x$ tem uma dinâmica trivial. As coisas ficam mais interessantes se consideramos os números módulo os inteiros, e definimos a *multiplicação por d* como sendo a transformação do círculo $\times d : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ que envia

$$x + \mathbb{Z} \mapsto d \cdot x + \mathbb{Z}$$

Se $x = 0.x_1x_2x_3\dots$ é a representação de $x \in \mathbb{R}/\mathbb{Z} \simeq [0, 1)$ na base d , então a transformação $\times d$ envia

$$0.x_1x_2x_3\dots \mapsto 0.x_2x_3x_4\dots$$

Exercícios.

- Verifique que $\times d$ é contínua.
- Determine a cardinalidade da imagem inversa de um ponto arbitrário de \mathbb{R}/\mathbb{Z} .
- Determine os pontos periódicos e pré-periódicos de $\times d$.

4.2 Deslocamentos de Bernoulli

Espaço das palavras infinitas. Seja $\mathcal{A} = \{1, 2, \dots, z\}$ um “alfabeto” de $z \geq 2$ letras, um conjunto finito munido da topologia discreta, e seja $\Sigma^+ = \mathcal{A}^{\mathbb{N}}$ o produto topológico de infinitas cópias de \mathcal{A} . Os pontos de Σ^+ são denotados por $x = (x_1, x_2, x_3, \dots, x_n, \dots)$, com $x_n \in \mathcal{A}$, e são “palavras” infinitas nas letras do alfabeto \mathcal{A} .

A topologia produto é a menor topologia em $\mathcal{A}^{\mathbb{N}}$ tal que as projeções $\pi_n : \Sigma^+ \rightarrow \mathcal{A}$, que enviam $x \mapsto x_n$, sejam contínuas. Uma base da topologia produto τ em Σ^+ é a família \mathcal{C} dos “cilindros centrados”, os subconjuntos do género

$$C_\alpha = \{x \in \Sigma^+ \text{ t.q. } x_1 = \alpha_1, x_2 = \alpha_2, \dots, x_k = \alpha_k\}$$

palavras infinitas que “começam” pela palavra $\alpha = (\alpha_1, \alpha_2, \dots, \alpha_k)$, ao variar α entre todas as palavras finitas nas letras de \mathcal{A} . Observe que a família dos cilindros centrados é uma base de uma topologia porque é uma cobertura, pois $\Sigma^+ = C_1 \cup C_2 \cup \dots \cup C_z$, e porque a interseção de dois cilindros centrados é um cilindro centrado ou o conjunto vazio. De fato, C_α e C_β têm interseção não vazia sse uma das duas palavras, por exemplo $\alpha = (\alpha_1, \alpha_2, \dots, \alpha_k)$, é o pedaço inicial da outra palavra, no sentido em que $\beta = (\alpha_1, \alpha_2, \dots, \alpha_k, \beta_{k+1}, \dots, \beta_{k+i})$, e neste caso $C_\alpha \cap C_\beta = C_\beta$. A ideia é que, quanto maior for o comprimento da palavra α , quanto “menor” é o cilindro C_α . Um aberto do produto topológico Σ^+ é, por definição, uma reunião de cilindros centrados.

A topologia produto é metrizável. Uma possibilidade é a métrica

$$d_\lambda(x, x') = \sum_{n=1}^{\infty} \lambda^{-n} \cdot |x_n - x'_n|$$

onde $\lambda > 1$ (por exemplo, $\lambda = z$). Outra possibilidade é

$$d_\infty(x, x') = z^{-\min\{n \in \mathbb{N} : x_n \neq x'_n\}}$$

Os cilindros centrados são as bolas abertas, e também fechadas, de (Σ^+, d_∞) . A métrica d_∞ é uma ultra-métrica, ou seja, uma métrica tal que $d(x, y) \leq \max\{d(x, z), d(z, y)\}$.

O espaço Σ^+ é um espaço métrico compacto, perfeito e totalmente desconexo, logo homeomorfo a um conjunto de Cantor.

Exercícios.

- Mostre que d_∞ é uma ultra-métrica.
- Mostre que se X é um espaço munido de uma ultr-métrica, então cada bola aberta $B_\varepsilon(a) = \{y \in X \text{ t.q. } d(x, y) < \varepsilon\}$ é também uma bola fechada, e que cada ponto de uma bola é um seu centro.

Deslocamentos de Bernoulli. O *deslocamento de Bernoulli* (em inglês, *Bernoulli shift*) é a transformação $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ que “esquece a primeira letra”, definida por

$$\sigma : (x_1, x_2, x_3, \dots) \mapsto (x_2, x_3, x_4, \dots)$$

Observe que σ é uma transformação contínua, pois a imagem inversa de um cilindro centrado é uma reunião finita de z cilindros centrados, e portanto a imagem inversa de um aberto é uma reunião de cilindros centrados, logo um aberto. Observe também que σ não é invertível, todo ponto de Σ^+ tem z pré-imagens.

A ideia é que o alfabeto \mathcal{A} representa os possíveis resultados de uma experiência, como lançar um dado com z faces, e um ponto de Σ^+ representa os resultados de uma sequência infinita de experiências idênticas. Iterar n vezes o deslocamento corresponde a “esquecer” os resultados das primeiras n experiências.

Exercícios.

- Describe periodic and pre-periodic points of $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$. Show that they are dense in Σ^+ .
- Consider the alphabet $\mathcal{A} = \{0, 1, 2, \dots, 9\}$. Define a map $h : \mathcal{A}^{\mathbb{N}} \rightarrow [0, 1]$ as

$$(x_1, x_2, x_3, \dots) \mapsto 0.x_1x_2x_3\dots$$

Show that h is onto, and describe the map sending $h(x)$ into $h(\sigma(x))$.

4.3 Rotações do círculo/toro

Arithmetic progressions and exponential sums. The dynamics of an *arithmetic progression*

$$a \quad a + \alpha \quad a + 2\alpha \quad a + 3\alpha \quad \dots \quad a + n\alpha \quad \dots,$$

obtained from the initial condition $x_0 = a$ using the recursion $x_{n+1} = x_n + \alpha$, is quite trivial. All trajectories $x_n = a + n\alpha$ diverge, provided $\alpha \neq 0$.

Nevertheless, if we average the observable $\varphi(x) = e^{2\pi i x}$, something interesting appears: apart from a constant factor $e^{2\pi i a}$ and the normalization $1/n$, the Birkhoff averages read

$$S_\alpha(n) = \sum_{k=0}^{n-1} e^{2\pi i k \alpha}.$$

Sums as $E(N) = \sum_{k=1}^N e^{2\pi i x_k}$ are called *exponential sums*, and contain “spectral information” about the distribution of the numbers x_k modulo 1. Triangular inequality gives the trivial bound $|E(N)| \leq N$, i.e. $E(N) = \mathcal{O}(N)$. If the different exponentials $e^{2\pi i x_k}$ were “uncorrelated”, as successive positions of a random walk in the plane, we should expect $E(N) = \mathcal{O}(\sqrt{N})$. This, of course, does not happen with “deterministic” generic sequences. The best we can hope is some bound as $E(N) = o(N)$ (which, in our case, would mean that the Birkhoff averages $\bar{\varphi}_n \rightarrow 0$).

Exercícios.

- Show that the sum of the first n terms of an arithmetic progression $x_k = a + k\alpha$ is

$$\sum_{k=0}^{n-1} x_k = \frac{n}{2}(x_0 + x_{n-1}) = na + \frac{n(n-1)}{2}\alpha$$

- Observe that, for $q \in \mathbb{N}$, the complex number $z = e^{2\pi i/q}$ is a non-trivial q -th root of unity. Hence,

$$1 + z + z^2 + \dots + z^{q-1} = 0.$$

Deduce that if $\alpha = p/q \in \mathbb{Q}$ with $p \in \mathbb{Z}$, then

$$S_\alpha(q) = \sum_{n=0}^{q-1} e^{2\pi i k p/q} = 1$$

so that the exponential sum $S_{p/q}(n)$ is periodic, and in particular is $o(N)$.

O círculo. O círculo (o esfera de dimensão 1) é o espaço quociente $\mathbb{S}^1 = \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ do grupo comutativo \mathbb{R} pelo subgrupo \mathbb{Z} , munido da topologia quociente herdada da topologia euclidiana da reta.

A métrica euclidiana da reta induz uma métrica invariante d no círculo, definida por

$$\begin{aligned} d(x + \mathbb{Z}, x' + \mathbb{Z}) &= \min_{y \in \pi^{-1}\{x + \mathbb{Z}\}, y' \in \pi^{-1}\{x' + \mathbb{Z}\}} |y - y'| \\ &= \min_{n \in \mathbb{Z}} |x - x' + n| \end{aligned}$$

onde $\pi : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ denota a projeção $x \mapsto x + \mathbb{Z}$.

Rotações. As rotações do círculo são as transformações $+\alpha : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ definidas por

$$x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}$$

onde $\alpha \in \mathbb{R}$. Observe que o círculo \mathbb{R}/\mathbb{Z} é um grupo comutativo, e que as transformações $+\alpha$, com $\alpha \in \mathbb{R}/\mathbb{Z}$, são as translações do grupo.

As rotações do círculo são as isometrias de $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}, d)$ que preservam a orientação.

Em notação multiplicativa, se o círculo é identificado com $\mathbb{S}^1 \simeq \{z \in \mathbb{C} \text{ t.q. } |z| = 1\} \subset \mathbb{C}$, as rotações do círculo são as transformações $z \mapsto e^{i2\pi\alpha}z$.

Teorema. Uma rotação do círculo $x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}$ tem pontos periódicos sse α é racional.

De fato, se $\alpha = p/q$ com $(p, q) = 1$ e $q > 0$, então todo ponto do círculo é periódico de período q . Por outro lado, se α é irracional, não existe nenhum natural $n \geq 1$ tal que $x + \mathbb{Z} = x + n\alpha + \mathbb{Z}$, seja o que for x .

Exercícios.

- Verifique que

$$d(x + \mathbb{Z}, x' + \mathbb{Z}) = \min_{n \in \mathbb{Z}} |x - x' + n|$$

é uma métrica no círculo \mathbb{R}/\mathbb{Z} .

- Identifique o círculo \mathbb{R}/\mathbb{Z} com o intervalo $[0, 1[$ (toda classe $x + \mathbb{Z}$ tem um e só um representante x neste intervalo), e dê uma expressão analítica para a distância $d(x + \mathbb{Z}, x' + \mathbb{Z})$ em função de x e x' .

(Observe que se $|x - x'| \leq 1/2$ então $d(x + \mathbb{Z}, x' + \mathbb{Z}) = |x - x'|$)

- Verifique que as rotações $R_\alpha : x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}$, com $\alpha \in \mathbb{R}$, são isometrias, e portanto homeomorfismos, de $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}, d)$.

Transformações do círculo. Uma transformação contínua do círculo \mathbb{R}/\mathbb{Z} pode ser pensada como uma transformação contínua da reta real que “respeita” o retículo \mathbb{Z} . Formalmente, seja $\pi : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ a projeção $\pi(x) = x + \mathbb{Z}$. Toda função contínua $F : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ tal que $F(x+1) = F(x) \text{ mod } \mathbb{Z}$ para todo $x \in \mathbb{R}$ induz uma função contínua $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ definida por

$$f(x + \mathbb{Z}) = F(x) + \mathbb{Z}$$

Por outro lado, pode-se mostrar que toda função contínua $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ admite um levantamento, i.e. uma função contínua $F : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ tal que $f \circ \pi = \pi \circ F$. O levantamento não é único, mas dois levantamentos F e G de f diferem por um inteiro, no sentido em que existe $n \in \mathbb{Z}$ tal que $F(x) = G(x) + n$ para todo $x \in \mathbb{R}$. De fato, $F - G$ é uma função contínua da reta real (que é conexa) com valores inteiros, e portanto é constante. Isto implica que o número inteiro

$$\text{deg}(f) = F(x+1) - F(x)$$

dito grau de f , não depende do levantamento. O grau de f é a cardinalidade algébrica das pré-imagens $x' \in f^{-1}\{x\}$ de um ponto genérico x do círculo, onde cada x' conta ± 1 dependendo se f preserva ou inverte a orientação numa sua vizinhança.

Um homeomorfismo do círculo tem grau ± 1 , dependendo se preserva ou menos a orientação. Os recobribentos do círculo de grau k , com $k \in \mathbb{Z} \setminus \{0\}$, são as transformações $\times k : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ definidas por

$$x + \mathbb{Z} \mapsto k \cdot x + \mathbb{Z}$$

Observe que cada ponto do círculo tem precisamente $|k|$ pré-imagens.

Em geral, uma transformação do círculo de grau k tem um levantamento que é da forma $F(x) = k \cdot x + h(x)$, onde h é uma função contínua periódica de período um, i.e. tal que $h(x+1) = h(x)$ para todo $x \in \mathbb{R}$.

here?

Rotações do toro. O *toro* de dimensão n é o espaço quociente $\mathbb{T}^n = \mathbb{R}^n/\mathbb{Z}^n$, munido da métrica

$$d(x + \mathbb{Z}^n, x' + \mathbb{Z}^n) = \min_{y \in \pi^{-1}\{x + \mathbb{Z}^n\}, y' \in \pi^{-1}\{x' + \mathbb{Z}^n\}} |y - y'|$$

onde $\pi : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n/\mathbb{Z}^n$ é a projeção. As *rotações* do toro são os homeomorfismos $+\alpha : \mathbb{R}^n/\mathbb{Z}^n \rightarrow \mathbb{R}^n/\mathbb{Z}^n$ definidos por

$$x + \mathbb{Z}^n \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}^n$$

onde agora $\alpha \in \mathbb{R}^n$.

4.4 Dyadic adding machine

Inteiros diádicos. A norma diádica nos inteiros \mathbb{Z} é definida por $\|n\|_2 = 2^{-k}$ se 2^k é a maior potência de 2 que divide n (ou seja, se $n = 2^k q$ com q ímpar). O grupo aditivo (de fato, o anel) dos *inteiros diádicos* \mathbb{Z}_2 é o completamento de \mathbb{Z} com respeito à distância diádica $d_2(n, m) = \|n - m\|_2$. É um grupo topológico compacto. Pode ser pensado como o conjunto das séries formais

$$x = \sum_{n=1}^{\infty} x_n 2^n = \dots x_n \dots x_3 x_2 x_1$$

com $x_n \in \{0, 1\}$, munido da “adição” definida da forma usual da direita à esquerda. Em quanto espaço topológico, \mathbb{Z}_2 é isomorfo ao produto topológico $\Sigma^- \simeq \{0, 1\}^{-\mathbb{N}}$, o conjunto das palavras infinitas $(\dots x_n \dots x_3 x_2 x_1)$ nas letras 0 e 1, munido da topologia produto.

Adding machine. A “*dyadic adding machine*” (ou “*Kakutani-von Neumann odometer*”) é a translação $\eta : \mathbb{Z}_2 \rightarrow \mathbb{Z}_2$, definida por

$$x \mapsto x + 1$$

ou seja,

$$(\eta x)_n = \begin{cases} 1 - x_n & \text{se } x_k = 1 \quad \forall k < n \\ x_n & \text{caso contrário} \end{cases}$$

Exercícios.

- Verifique que η é um homeomorfismo, com inversa

$$(\eta^{-1}x)_n = \begin{cases} 1 - x_n & \text{se } x_k = 0 \quad \forall k < n \\ x_n & \text{caso contrário} \end{cases}$$

- A adding machine η tem pontos periódicos?

4.5 Frações contínuas e mapa de Gauß

Ref. [HW59] chapter X, and [Kh35].

Frações contínuas. As *frações contínuas (simples e com denominadores naturais)* são expressões formais

$$[a_0; a_1, a_2, a_3, \dots] = a_0 + \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + \frac{1}{a_3 + \frac{1}{\ddots}}}}$$

onde $a_0 \in \mathbb{Z}$ e os “denominadores” $a_n \in \mathbb{N}$ se $n \geq 1$. Os *convergentes* de $[a_0; a_1, a_2, a_3, \dots]$ são as frações contínuas finitas

$$[a_0; a_1, a_2, \dots, a_n] = a_0 + \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + \frac{1}{\ddots + \frac{1}{a_n}}}}$$

Observe que se os a_n são inteiros, então os convergentes são números racionais p_n/q_n (com $p_n, q_n \in \mathbb{Z}$, $q_n \neq 0$ e $(p_n, q_n) = 1$).

Teorema. Os convergentes $p_n/q_n = [a_0; a_1, a_2, \dots, a_n]$ da fração contínua $[a_0, a_1, a_2, a_3, \dots]$ são determinados pela equação recursiva

$$\begin{aligned} p_n &= a_n p_{n-1} + p_{n-2} \\ q_n &= a_n q_{n-1} + q_{n-2} \end{aligned}$$

com condições iniciais $p_0 = a_0$ e $q_0 = 1$, e $p_{-1} = 1$ e $q_{-1} = 0$.

Dem. [Kh35, HW59]

□ to be done

Exercícios.

- Mostre por indução que

$$q_n p_{n-1} - p_n q_{n-1} = (-1)^n$$

Deduz a que os convergentes p_n/q_n são frações reduzidas.

- Mostre que

$$\frac{p_{n+1}}{q_{n+1}} - \frac{p_n}{q_n} = \frac{(-1)^n}{q_{n+1} q_n}$$

Deduz a que os convergentes com n par crescem, e os convergentes com n ímpar decrescem.

- Use a equação recursiva (e as condições iniciais) para mostrar que os denominadores q_n dos convergentes p_n/q_n de uma fração contínua infinita $[a_0; a_1, a_2, a_3, \dots]$ satisfazem

$$q_{n+2} \geq q_{n+1} + q_n \geq 2q_n,$$

e portanto crescem exponencialmente (mais do que a sucessão de Fibonacci!):

$$q_{n+1} \geq 2^{n/2}.$$

Valores. A desigualdade

$$\left| \frac{p_{n+1}}{q_{n+1}} - \frac{p_n}{q_n} \right| = \frac{1}{q_{n+1} q_n} \leq 2^{1-n}$$

implica que a sucessão dos convergentes p_n/q_n de uma fração contínua infinita é convergente, ou seja, existe o $\lim_{n \rightarrow \infty} p_n/q_n = x$, chamado *valor* da fração contínua e denotado por

$$x = [a_0; a_1, a_2, a_3, \dots] = \lim_{n \rightarrow \infty} [a_0; a_1, a_2, \dots, a_n],$$

De facto, é possível mostrar que se a fração contínua é infinita, este valor é um número irracional, e os convergentes satisfazem

$$\frac{1}{q_n (q_{n+1} + q_n)} < \left| x - \frac{p_n}{q_n} \right| < \frac{1}{q_{n+1} q_n}$$

explain the first inequality!

Teorema. A cada número real $x \in \mathbb{R}$ corresponde uma única fração contínua, finita se é racional e infinita se é irracional:

- se $x \in \mathbb{Q}$, então

$$x = [a_0; a_1, a_2, \dots, a_n] \quad \text{com } a_n > 1,$$

- se $x \in \mathbb{R} \setminus \mathbb{Q}$, então

$$x = [a_0; a_1, a_2, \dots, a_n, \dots] = \lim_{n \rightarrow \infty} [a_0; a_1, a_2, \dots, a_n].$$

Construction of continued fractions representation. The recipe to get the (unique) continued fractions representation of a real number $x \in \mathbb{R}$ is as follows. First, define $a_0 = [x]$, so that

$$x = a_0 + x_0$$

for some $0 \leq x_0 < 1$. If $x_0 \neq 0$ (i.e. if x is not an integer) we may define $r_1 = 1/x_0$, then $a_1 = [1/x_0]$, and write

$$x = [a_0; r_1] = a_0 + \frac{1}{a_1 + x_1}$$

for some $0 \leq x_1 < 1$. If $x_1 \neq 0$, for otherwise x would be rational, we may define $r_2 = 1/x_1$, then $a_2 = [1/x_1]$ and write

$$x = [a_0; a_1, r_2] = a_0 + \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + x_2}}$$

for some $0 \leq x_2 < 1$. Inductively, we see that

$$x = [a_0; a_1, a_2, \dots, a_{n-1}, r_n] = a_0 + \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + \frac{1}{\dots + \frac{1}{a_n + x_n}}}}$$

where $a_n = [1/x_{n-1}]$ and $x_n = 1/x_{n-1} - a_n$. The algorithm stops if some $x_{n+1} = 0$, i.e. if r_n is an integer, hence if

$$x = [a_0; a_1, a_2, \dots, a_n]$$

is rational. Conversely, if $x = p/q$ is rational, all the r_n 's are positive rational, and have strictly decreasing denominators (for if $r_n = a/b$, then $1/r_{n+1} = r_n - a_n = (a - a_nb)/b = c/b$, and $c < b$ because $r_n - a_n < 1$). So, there must be some first r_n which is an integer, and the algorithm stops.

On the other side, if x is irrational, the x_n 's are never zero, hence all the a_n 's with $n > 0$ are positive integers, and x is represented by an infinite continued fraction, i.e.

$$x = \lim_{n \rightarrow \infty} [a_0; a_1, a_2, \dots, a_n] = [a_0; a_1, a_2, a_3, \dots]$$

Exercícios.

- Use the quadratic equation $\phi^2 - \phi - 1 = 0$ to show that the “ratio” ϕ has the simplest continued fraction, namely

$$\frac{1 + \sqrt{5}}{2} = [1; 1, 1, 1, 1, \dots]$$

(observe that $\phi^{-1} = \phi - 1$ is a root of $x^2 + x - 1 = 0$, hence $x = 1/(1 + 1/x)$, and so on). Its convergents are $1, 2, 3/2, 5/3, 8/5, 13/8, 21/13, 34/21, \dots$, ratios between successive Fibonacci numbers. It is also the (irrational) number with worse rational approximations, namely $|\phi - p/q| > (1/\sqrt{5})/q^2$ for any rational p/q .

- Also, the most famous irrational has a simple continued fraction. Show that

$$\sqrt{2} = [1; 2, 2, 2, 2, \dots]$$

(observe that $1 + \sqrt{2}$ is the positive root of $x^2 - 2x - 1$. Hence $x = 2 + 1/x$, and so on). Its convergents are $1, 3/2, 7/5, 17/12, 41/29, 99/70, 239/169, 577/408, \dots$

Gauß map. If x is irrational, the sequence (x_n) in the construction of its infinite continued fraction is the trajectory of $x_0 = x - [x]$ under the *Gauss map* $g:]0, 1[\rightarrow]0, 1[$, defined as

$$x \mapsto 1/x - [1/x]$$

Observe that g is not defined at the origin, hence to iterate g we need to avoid all the preimages of 0, which are the rationals.

Frações contínuas periódicas e irracionais quadráticos. Os números *irracionais quadráticos* são as raízes irracionais dos polinómio quadrático

$$f(x) = ax^2 + bx + c$$

com $a, b, c \in \mathbb{Z}$, ou seja, os números da forma $\frac{\alpha + \sqrt{\beta}}{\delta}$, onde $\alpha, \beta, \delta \in \mathbb{Z}$, $\delta \neq 0$ e $\beta > 0$ não é um quadrado.

Teorema de Lagrange. *A fração contínua de um número irracional $x \in \mathbb{R} \setminus \mathbb{Q}$ é periódica sse x é um irracional quadrático.*

Dem. See [Kh35, HW59]. The “if” part is easy, and is suggested in the following exercises. \square

Exercícios.

- Mostre, por indução, que se x é um irracional quadrático então $[a_0; a_1, a_2, \dots, a_n, x]$ é também um irracional quadrático, para todos os inteiros a_0, a_1, \dots, a_n .
- Mostre que para todo $x \in \mathbb{R}$ e todos a_0, a_1, \dots, a_n inteiros,

$$[a_0; a_1, a_2, \dots, a_n, x] = \frac{ax + b}{cx + d}$$

com $a, b, c, d \in \mathbb{Z}$.

- Observe que se $x = [a_0; \overline{a_1, a_2, \dots, a_n}]$, então

$$x = \frac{ax + b}{cx + d}$$

com $a, b, c, d \in \mathbb{Z}$, e portanto é um irracional (porque a sua fração contínua é infinita) quadrático (porque $x(cx + d) = ax + b$, donde $cx^2 + (d - a)x - b = 0$).

- Deduza que se a fração contínua de x é periódica então x é um irracional quadrático.

Rational approximations of irrationals. Rationals are dense in the real line (which is, indeed, the completion of rationals w.r.t. the Euclidean metric, so that real numbers are equivalence classes of Cauchy sequences of rationals). Hence, for any $x \in \mathbb{R}$ and any “precision” $\varepsilon > 0$ we may find “rational approximations” of x , i.e. solutions p/q of the inequality

$$\left| x - \frac{p}{q} \right| < \varepsilon.$$

The questions, when x is irrational, are: how large must be the denominator q given ε ? How do the denominators grow when we take smaller and smaller ε ?

Continued fraction gives the following first answer (but Dirichlet’s proof is much simpler, a pigeon-hole argument).

Theorem. *Let x be an irrational number. Then there exist an infinity of rationals p/q such that*

$$\left| x - \frac{p}{q} \right| < \frac{1}{q^2}.$$

Algebraic and transcendental numbers. *Algebraic numbers* are the roots of polynomials with integer coefficients. The *degree* of the algebraic number x is the minimal degree of a polynomial $p \in \mathbb{Z}[x]$ such that $p(x) = 0$. So, algebraic numbers of degree 1 are the rational numbers, algebraic numbers of degree 2 are the quadratic irrationals, and so on. Numbers which are not algebraic are called *transcendental*, and the natural problems are: do they exist? could we write some of them? do we recognize them?

Let us say that a number x is *approximable to order n* if there exists a constant $\lambda(x)$ (which may depend on x) such that the inequality

$$\left| x - \frac{p}{q} \right| < \frac{\lambda(x)}{q^n}.$$

admits infinite rational solutions p/q .

Liouville theorem. *A real algebraic number of degree n is not approximable to order $> n$.*

Proof. Let x be an algebraic number of degree n , and $f(x) = ax^n + bx^{n-1} + \dots \in \mathbb{Z}[x]$ be a polynomial of degree n such that $f(x) = 0$. Let p/q be a rational approximation to x . We may assume that p/q belongs to an interval $I = (x - \varepsilon, x + \varepsilon)$ around x so small that the polynomial $f(x)$ has no other root than x , and has bounded derivative, say $|f'(y)| < L$ if $y \in I$. Then

$$|f(p/q)| = \frac{|ap^n + bp^{n-1}q + \dots|}{q^n} \geq \frac{1}{q^n}$$

since the numerator is a positive integer. By the mean value theorem

$$|f(p/q)| = |f(x) - f(p/q)| = |f'(y)| \cdot |x - p/q| \leq L \cdot |x - p/q|$$

for some $y \in I$. Putting together the two inequalities we get

$$|x - p/q| \geq \frac{L^{-1}}{q^n}$$

□

Existence and construction of transcendental numbers. Liouville theorem shows that transcendental numbers do exist! Moreover, it allows us to give some examples: it is sufficient to produce numbers which are approximable to any order. The example in [HW59] is

$$0.1100010000000000000000010\dots = \frac{1}{10^{1!}} + \frac{1}{10^{2!}} + \frac{1}{10^{3!}} + \frac{1}{10^{4!}} + \dots$$

5 Órbitas regulares e perturbações

5.1 Teoremas de ponto fixo “topológicos”

Encontrar os pontos periódicos de uma transformação f , o seja os pontos fixos das iteradas f^n , é tudo menos que trivial. Pensem só no caso de um polinómio f de grau $k > 1$ definido na reta real. A iterada f^n é um polinómio de grau nk , e resolver a equação $f^n(x) = x$ não é fácil ...

Em dimensão um, conexos e convexos coincidem e são chamados intervalos. Este “milagre” é responsável de dois critérios muito simples para provar a existência de pontos fixos em determinados intervalos do domínio de uma transformação contínua $f : I \rightarrow \mathbb{R}$. Numa linguagem sugestiva, dizem que se uma transformação restringe ou estica um intervalo compacto $J \subset I$, então fixa pelo menos um ponto deste intervalo. Formalmente,

Teorema de ponto fixo. *Seja $f : I \rightarrow \mathbb{R}$ uma transformação contínua definida num intervalo $I \subset \mathbb{R}$.*

- i) Se $J \subset I$ é um intervalo compacto tal que $f(J) \subset J$, então f tem um ponto fixo em J .*
- ii) Se $J \subset I$ é um intervalo compacto tal que $J \subset f(J)$, então f tem um ponto fixo em J .*

A prova é uma aplicação elementar do teorema de Bolzano à função $f - \text{id}$. É instructivo procurar demonstrações mais abstratas. Observe que, se f não tivesse pontos fixos em J , então

$$x \mapsto \frac{f(x) - x}{|f(x) - x|}$$

seria uma aplicação contínua de um intervalo (J no caso i) ou um subintervalo de J no caso ii)) sobre o espaço desconexo $\{-1, 1\}$...

Outros teorema de ponto fixo. Em dimensão maior, o análogo do resultado i) é o “teorema de ponto fixo de Brouwer”: uma transformação contínua $f : B^n \rightarrow B^n$ da bola fechada $B^n = \{x \in \mathbb{R}^n \text{ t.q. } |x| \leq 1\} \subset \mathbb{R}^n$ tem um ponto fixo. O “absurdo” que produz a demonstração deste resultado não é tão trivial como no caso do intervalo, e utiliza ideias de topologia algébrica: não é possível deformar de maneira contínua a bola B^n até obter a esfera $S^{n-1} = \partial B^n$. A generalização em dimensão infinita é o teorema de ponto fixo de Shauder-Tychonov: uma transformação contínua $f : K \rightarrow K$ de um subconjunto compacto e convexo K de um espaço de Banach (ou de um espaço vetorial topológico localmente convexo) tem um ponto fixo.

5.2 Bacia de atração

Limite de trajetórias convergentes. Se a trajetória de x é uma sucessão convergente, o seu limite é um ponto fixo. De fato, se $f^n(x) \rightarrow p$, a continuidade de f implica que

$$f(p) = f\left(\lim_{n \rightarrow \infty} f^n(x)\right) = \lim_{n \rightarrow \infty} f^{n+1}(x) = p.$$

Bacia de atração. Seja p um ponto fixo de $f : X \rightarrow X$. A *bacia de atração*, ou *conjunto estável*, de p é o conjunto dos pontos cuja trajetória é assíntótica a p , i.e.

$$W^s(p) = \left\{ x \in X \text{ t.q. } \lim_{n \rightarrow \infty} f^n(x) = p \right\}$$

A unicidade do limite de uma sucessão convergente num espaço métrico implica que os conjuntos estáveis de dois pontos fixos diferentes são disjuntos.

Execícios.

- Seja $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ a transformação linear da reta definida por $x \mapsto \lambda x$. Estude a bacia de atração do ponto fixo 0 ao variar o parâmetro λ .

- Seja $f : \mathbb{R}^2 \rightarrow \mathbb{R}^2$ a transformação linear do plano definida por

$$x \mapsto \begin{pmatrix} a & b \\ c & d \end{pmatrix} x$$

Estude a bacia de atração do ponto fixo 0 ao variar os parâmetros a, b, c, d .

5.3 Dinâmica das contrações

Dinâmica das contrações. Seja (X, d) um espaço métrico. Uma aplicação $f : X \rightarrow X$ é uma *contração* (ou λ -*contração* se é importante lembrar o valor de λ) se é Lipschitz e tem constante de Lipschitz $\lambda < 1$, ou seja se existe $0 \leq \lambda < 1$ tal que para todos $x, x' \in X$

$$d(f(x), f(x')) \leq \lambda \cdot d(x, x')$$

A dinâmica das contrações é simples, e é descrita pelo

Princípio das contrações (teorema de ponto fixo de Banach). *Todas as trajetórias de uma contração $f : X \rightarrow X$ são sucessões de Cauchy, e a distância entre cada duas trajetórias diminui exponencialmente no tempo. Se X é completo, então f tem um e um único ponto fixo p , e a trajetória de todo ponto $x \in X$ converge exponencialmente para o ponto fixo, ou seja $f^n(x) \rightarrow p$ quando $n \rightarrow \infty$.*

dem. Seja $x_0 \in X$ um ponto arbitrário, e seja (x_n) a sua trajetória, i.e. $x_{n+1} = f(x_n)$. Iterando a contratividade vê-se que $d(x_{k+1}, x_k) \leq d(x_1, x_0) \cdot \lambda^k$. Usando k vezes a desigualdade do triângulo e depois a convergência da série geométrica de razão λ , vê-se que

$$\begin{aligned} d(x_{n+k}, x_n) &\leq \sum_{j=0}^{k-1} d(x_{n+j+1}, x_{n+j}) \leq d(x_1, x_0) \cdot \sum_{j=0}^{k-1} \lambda^{n+j} \\ &\leq d(x_1, x_0) \cdot \lambda^n \cdot \sum_{j=0}^{\infty} \lambda^j \leq \frac{\lambda^n}{1-\lambda} \cdot d(x_1, x_0). \end{aligned}$$

Portanto, (x_n) é uma sucessão de Cauchy, pois $\lambda^n \cdot d(x_1, x_0) / (1 - \lambda)$ é menor de cada $\varepsilon > 0$ a partir de um $n(\varepsilon)$ suficientemente grande. A continuidade de f implica que o limite $p = \lim_{n \rightarrow \infty} x_n$, que existe se X é completo, é um ponto fixo de f . A unicidade do ponto fixo é evidente, pois se p e p' são fixos então $d(p, p') = d(f(p), f(p')) \leq \lambda \cdot d(p, p')$ com $\lambda < 1$, donde $d(p, p') = 0$. Por outro lado, a contratividade também diz que $d(x_n, p) \leq \lambda^n \cdot d(x_0, p)$, ou seja que a convergência $x_n \rightarrow p$ é exponencial. \square

Estabilidade das contrações. Uma contração $f : X \rightarrow X$ do espaço métrico completo X pode ser pensada como uma “máquina” que calcula o ponto fixo $p = \lim_{n \rightarrow \infty} f^n(x)$ a partir de uma condição inicial arbitrária $x \in X$. O problema é decidir se uma pequena perturbação de f , digamos $g : X \rightarrow X$, produz um ponto fixo p' próximo de p . A resposta consiste em formular um resultado de “continuidade”, que diga que um controle da “distância” entre f e g permite ter um controle da distância entre p' e p . Ora, se $d_\infty(f, g) < \delta$, a transformação g pode não ser uma contração, por quanto pequeno seja o $\delta > 0$ (para se convencer, pode traçar gráficos de contrações da reta real, e ver que numa δ -vizinhança cabem gráficos de transformações mais chatas...). Uma solução é admitir que X tenha uma estrutura diferenciável e que as transformações sejam de classe \mathcal{C}^1 . A condição $\|f - g\|_{\mathcal{C}^1} < \delta$ implica que, se f é uma λ -contração e $\delta < 1 - \lambda$, então também g é uma contração e tem constante de Lipschitz $\leq \lambda + \delta$. Mais vale procurar o teorema de estabilidade diretamente dentro do espaço das contrações.

Teorema (perturbação da contração). *Seja $f : X \rightarrow X$ uma λ -contração do espaço métrico completo (X, d) , e seja $p \in X$ o seu ponto fixo. Para todo $\varepsilon > 0$ existe $0 < \delta < 1 - \lambda$ tal que se $g : X \rightarrow X$ uma $(\lambda + \delta)$ -contração a distância $d_\infty(f, g) < \delta$, e se p' é ponto fixo de g , então*

$$d(p, p') < \varepsilon$$

Dem. Se p' é o ponto fixo de g , então em particular $g^n(p) \rightarrow p'$ quando $n \rightarrow \infty$. Utilizando a desigualdade do triângulo vê-se que

$$\begin{aligned} d(p, p') &\leq \sum_{n=0}^{\infty} d(g^{n+1}(p), g^n(p)) \leq d(g(p), p) \cdot \sum_{n=0}^{\infty} (\lambda + \delta)^n \\ &\leq \delta \cdot \sum_{n=0}^{\infty} (\lambda + \delta)^n = \frac{\delta}{1 - (\lambda + \delta)} \end{aligned}$$

e esta quantidade é $< \varepsilon$ desde que δ seja suficientemente pequeno. \square

Classes de equivalência das contrações lineares da reta. As contrações da reta real fornecem também um exemplo simples de como pode ser utilizada a dinâmica para construir uma conjugação topológica.

Sejam $f : x \mapsto \alpha x$ e $g : x \mapsto \beta x$ duas contrações lineares de \mathbb{R} , com $0 < \alpha, \beta < 1$. A origem é o ponto fixo das duas contrações. O conjunto $A = [-1, -\alpha[\cup]\alpha, 1]$ é um “domínio fundamental” pela ação de f em $\mathbb{R} \setminus \{0\}$, no sentido em que, dado um $x \in \mathbb{R} \setminus \{0\}$ arbitrário, existe e é único um tempo $n(x) \in \mathbb{Z}$ tal que $f^{n(x)}(x) \in A$. Analogamente, um domínio fundamental pela ação de g em $\mathbb{R} \setminus \{0\}$ é $B = [-1, -\beta[\cup]\beta, 1]$. Seja $H : \bar{A} \rightarrow \bar{B}$ um homeomorfismo que verifique $H(-1) = -1$, $H(-\alpha) = -\beta$, $H(\alpha) = \beta$ e $H(1) = 1$ (por exemplo, podem escolher um homeomorfismo afim). É imediato verificar que a receita

$$h(x) = \begin{cases} 0 & \text{se } x = 0 \\ g^{-n(x)}(H(f^{n(x)}(x))) & \text{se } x \neq 0 \end{cases}$$

define um homeomorfismo $h : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$. Observando que $n(x) = n(f(x)) + 1$, vê-se que

$$\begin{aligned} (h \circ f)(x) &= g^{-n(f(x))} \left(H \left(f^{n(f(x))} f(x) \right) \right) = g^{-n(x)+1} \left(H \left(f^{n(x)-1} (f(x)) \right) \right) \\ &= g \left(g^{-n(x)} \left(H \left(f^{n(x)}(x) \right) \right) \right) = (g \circ h)(x) \end{aligned}$$

e portanto h é uma conjugação topológica entre f e g .

O caso em que $-1 < \alpha, \beta < 0$ pode ser tratado da mesma maneira. Não é difícil verificar que as contrações $x \mapsto \alpha x$ e $x \mapsto \beta x$ não podem ser conjugadas se $\alpha \cdot \beta < 0$, i.e. se uma é crescente e a outra é decrescente. O resultado é que todas as contrações lineares e não triviais da reta real com a mesma orientação são topologicamente conjugadas, e portanto só existem duas classes de equivalências de contrações lineares da reta.

É importante observar que uma conjugação h entre $f : x \mapsto \alpha x$ e $g : x \mapsto \beta x$ não pode ser de classe C^1 , a não ser que $\alpha = \beta$. Pois, se $f = h^{-1} \circ g \circ h$ e se h é diferenciável, então a regra da cadeia implica que $f'(0) = g'(0)$, logo que $\alpha = \beta$. Este fenómeno explica porque na definição de estabilidade estrutural é melhor pedir que a conjugação seja só contínua.

Execícios.

- Utilize o teorema do valor médio para mostrar que uma função $f : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n$ de classe C^1 é uma contração sse existe $\lambda < 1$ tal que $|f'(x)| \leq \lambda$ para todo $x \in \mathbb{R}^n$.
- Prove que uma contração de um espaço métrico compacto X não pode ser invertível, desde que o espaço contenha mais de um ponto.
(Compare os diâmetros de X e de $f(X)$)
- Dê exemplos de contrações de

$$[0, 1] \quad [0, 1] \times [0, 1] \quad B_r(x) = \{y \in \mathbb{R}^n \text{ t.q. } d(x, y) < r\} \quad \mathbb{S}^1 = \{z \in \mathbb{C} \text{ t.q. } |z| = 1\}$$

- Mostre que uma transformação $f : X \rightarrow X$ do espaço métrico completo (X, d) tal que

$$d(f(x), f(x')) < d(x, x')$$

para todos $x, x' \in X$ distintos pode não ter pontos fixos.

(Um exemplo com X não completo é obvio: basta retirar o ponto fixo de uma contração de um espaço completo. Um exemplo “minimalista” com X completo, é um espaço formado por uma única órbita, ou seja um espaço que só contém um ponto x_0 e os pontos $x_n = f^n(x_0)$ com $n \geq 1$. Se d_n denota a distância $d(x_n, x_{n-1})$, então $d_{n+1} < d_n$. Não queremos pontos fixos, portanto a sucessão (x_n) não pode ser convergente. Uma condição suficiente é que a série $\sum d_n$ seja divergente ...)

- Sejam $a > 0$ e $x_0 > 0$. Mostre que a sucessão (x_n) definida indutivamente por

$$x_{n+1} = \frac{1}{2} \left(x_n + \frac{a}{x_n} \right)$$

converge para \sqrt{a} . Assuma que $a = 2$, escolha um ponto inicial $x_0 > 0$, e estime a distância entre x_n e $\sqrt{2}$. Utilize o resultado para dar uma aproximação de $\sqrt{2}$ com dois dígitos decimais correctos⁸.

(A sucessão é uma trajetória da transformação $f : x \mapsto (x + a/x)/2$. Observe que a restrição de f ao domínio $[\sqrt{a}, \infty[$ é uma contração, e que $f(\mathbb{R}_{>0}) \subset [\sqrt{a}, \infty[$, logo toda trajetória cai neste domínio passada uma iteração...)

- Mostre que as contrações lineares da reta $x \mapsto \alpha x$ e $x \mapsto \beta x$ não podem ser conjugadas se $\alpha \cdot \beta < 0$, i.e. se uma é crescente e a outra é decrescente.

(Uma conjugação é um homeomorfismo da reta, em particular é monótono...)

Observação: princípio das contrações, teoremas de ponto fixo “analíticos” e métodos variacionais.

O princípio das contrações é o ingrediente de muitos teoremas de existência em matemática (pense só no teorema de existência das soluções das equações diferenciais). Se queremos provar a existência e a unicidade de um ponto $p \in X$ que satisfaz uma certa propriedade P , podemos tentar escrever a condição “ x satisfaz P ” na forma “ $f(x) = x$ ”, onde $f : X \rightarrow X$ é uma transformação. Se existe uma métrica d tal que f seja uma contração do espaço métrico completo (X, d) , então a trajetória de todo ponto $x \in X$ converge para o único ponto p que satisfaz a propriedade em causa. O método funciona porque $(f^n(x))$ é uma sucessão convergente, e a distância $d(f^n(x), p)$ converge para 0 quando $n \rightarrow \infty$. Em outras palavras, a função $x \mapsto d(x, p)$ é estritamente decrescente nas trajetórias de f , e tem um mínimo, único, no ponto p . Em falta de uma contração natural f , isto sugere uma outra estratégia. A ideia agora é tentar provar a existência de uma função φ tal que “ x satisfaz P ” sse “ $\varphi(x) < \varphi(x')$ para todo $x' \neq x$ ” (ou pelo menos para todo $x' \neq x$ numa vizinhança de x , o que quer dizer que φ tem um mínimo local em x), e depois utilizar resultados de compacidade para provar que o mínimo de φ existe e, com alguma sorte, é até único. Estes métodos são ditos “princípios variacionais”, e tiveram origem na física do século XIX. As próprias leis da física costumam ser enunciadas na forma de princípios variacionais. Por exemplo, em mecânica clássica, a trajetória de um ponto material com posição inicial q_0 e condição final q_T é a (derivada da) curva $q : [0, T] \rightarrow \mathbb{R}^3$, com $q(0) = q_0$ e $q(T) = q_T$, que é um ponto crítico de um certo funcional

$$\varphi(q) = \int_0^T L(q(t), \dot{q}(t)) dt$$

dito “ação”, o integral da Lagrangiana $L =$ “energia cinética–energia potencial” ao longo da trajetória. Esta é também a estratégia utilizada para provar a existência e a unicidade das soluções das equações às derivadas parciais da física matemática: procurar uma ação φ que tenha um ponto crítico nas soluções.

5.4 Ordem da reta real e trajetórias

A ordem da reta real implica restrições às trajetórias de transformações monótonas.

⁸Este era o método utilizado pelos babilónios (embora posteriormente atribuído a Arquitas de Taranto, a Heron de Alexandria, ou até ao Newton!) para “calcular” o lado de um quadrado de área a . Eles chegaram a ter uma aproximação de $\sqrt{2}$ que, em notação decimal, era 1.414213, um erro de apenas $\simeq 10^{-6}$! Uma conjectura sobre a origem do método está em O. Neugebauer, *The exact sciences in antiquity*, Dover, New York 1969.

Transformações crescentes do intervalo. Por exemplo, seja $f : I \rightarrow I$ uma transformação contínua e crescente do intervalo I . Então toda trajetória $(x_n)_{n \in \mathbb{N}_0}$ é monótona, crescente ou decrescente. A sucessão monótona $(x_n)_{n \in \mathbb{N}_0}$ só pode fazer duas coisas: ser convergente, i.e. $x_n \rightarrow p$ para algum ponto fixo p , se é limitada, ou ser divergente, no sentido em que $x_n \rightarrow \pm\infty$, se não é limitada. Em particular, se o intervalo I é compacto, a segunda possibilidade é impossível, logo toda trajetória é convergente. Isto implica que, se I é compacto, existe um compacto não vazio $F \subset I$ de pontos fixos, e que os pontos em cada componente conexa de $I \setminus F$ têm trajetórias contidas na componente conexa, e convergentes para um ponto de ∂F .

Exercícios.

- Prove que um homeomorfismo $f : I \rightarrow I$ de um intervalo $I \subset \mathbb{R}$ não tem pontos periódicos com período superior a 2. Quando tem pontos periódicos de período 2?

(Se o homeomorfismo é crescente então nenhum ponto pode ter período superior a 1. De fato, as trajetórias são monótonas, portanto ou $f(x) = x$, ou $f^{n+1}(x) > f^n(x) > \dots > x$ para todo $n \geq 1$, ou $f^{n+1}(x) < f^n(x) < \dots < x$ para todo $n \geq 1$. Seja agora f um homeomorfismo decrescente. Não é difícil ver que f tem um, e um único, ponto fixo p , e que p divide I em dois subintervalos I_- e I_+ que são permutados pela transformação f . Observe também que, se f é decrescente, então f^2 é crescente. Seja $x \neq p$ tal que $f^2(x) \neq x$. Então as sucessões $(f^{2n}(x))$ e $(f^{2n+1}(x))$ são estritamente monótonas e estão em "lados" distintos de p , i.e. uma em I_\pm e a outra em I_\mp ...)

- Sejam $I \subset \mathbb{R}$ um intervalo compacto e $f : I \rightarrow I$ uma função contínua e crescente. Prove que a trajetória de cada ponto de I converge para um ponto fixo de f . Discuta a dinâmica de f .
- Estude também a dinâmica de uma transformação contínua e decrescente $f : I \rightarrow I$ definida num intervalo compacto $I \subset \mathbb{R}$.

(Observe que, se f é decrescente, então f^2 é crescente...)

Desafio. Sejam I um intervalo da reta real, e $f : I \rightarrow I$ e $g : I \rightarrow I$ dois homeomorfismos de I sem pontos periódicos. Prove que f e g são topologicamente conjugados.

Teorema de Sharkovskii. A ordem da reta também influi na distribuição dos períodos das órbitas periódicas. Um resultado de Alexander N. Sharkovskii diz que *existe uma ordem \prec nos naturais*

$$\begin{aligned} 1 &\prec 2 \prec 2^2 \prec 2^3 \prec \dots \prec 2^m \prec \dots \prec 2^k \cdot (2n-1) \prec \dots \\ \dots &\prec 2^k \cdot 3 \prec \dots \prec 2 \cdot 3 \prec \dots \prec 2n-1 \prec \dots \prec 9 \prec 7 \prec 5 \prec 3 \end{aligned}$$

tal que, se uma função contínua $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ tem uma órbita periódica de período k e se $j \prec k$, então também tem uma órbita periódica de período j . Em particular, a existência de uma órbita de período 3 implica a existência de órbitas de todos os períodos!

5.5 Análise local: pontos fixos atrativos e repulsivos

A diferenciabilidade das transformações e o princípio das contrações ajudam a compreender as trajetórias dos pontos numa vizinhança dos pontos periódicos.

Pontos fixos atrativos. Sejam $f : X \rightarrow X$ uma transformação de classe \mathcal{C}^1 definida num aberto $X \subset \mathbb{R}^n$, e $p \in X$ um ponto fixo de f .

Teorema Se $|f'(p)| < 1$, então p é "atrativo", ou seja, admite uma vizinhança B tal que $f^n(x) \rightarrow p$ para todo $x \in B$.

dem. Pela continuidade de f' , existem $\lambda < 1$ e uma bola $B = B_\varepsilon(p)$ centrada em p tais que $|f'(x)| < \lambda$ para todo $x \in B$. O teorema do valor médio implica que $f(\overline{B}) \subset \overline{B}$, pois se $d(x, p) \leq \varepsilon$ então

$$d(f(x), p) \leq \lambda \cdot d(x, p) < \varepsilon$$

e que $d(f(x), f(x')) \leq \lambda \cdot d(x, x')$ se $x, x' \in \overline{B}$. Portanto, $f|_{\overline{B}} : \overline{B} \rightarrow \overline{B}$ é uma contração, e o princípio das contrações diz que a trajetória de todo ponto de \overline{B} converge para p . O resultado é que $B \subset W^s(p)$, i.e. a bacia de atração de p é uma vizinhança de p . \square

Pontos fixos repulsivos. A ordem da reta real permite codificar um comportamento “oposto” à atratividade. Sejam $f : I \rightarrow I$ uma transformação de classe C^1 definida num intervalo $I \subset \mathbb{R}$, e $p \in I$ um ponto fixo de f .

Teorema. Se $|f'(p)| > 1$, então p é “repulsivo”, i.e. admite uma vizinhança B tal que a trajetória de todo ponto $x \in B$ distinto de p sai da vizinhança em tempo finito.

dem. Pela continuidade de f' , existem $\lambda > 1$ e um intervalo $B = [p - \varepsilon, p + \varepsilon]$ centrado em p tais que $|f'(x)| > \lambda$ para todo $x \in B$. Observem também que f é estritamente crescente ou decrescente em B , dependendo do sinal de $f'(p)$, e portanto envia bijetivamente intervalos em intervalos. Agora, seja $x \in B$ um ponto diferente de p , e suponhamos que $f^k(x) \in B$ para todo tempo $0 \leq k \leq n$. A regra da cadeia implica que as derivadas das f^k em x crescem exponencialmente, pois

$$\left| (f^k)'(x) \right| = |f'(f^{k-1}(x))| \cdot |f'(f^{k-2}(x))| \cdot \dots \cdot |f'(x)| > \lambda^k$$

para todo $k \leq n$. O teorema do valor médio implica que n não pode ser arbitrariamente grande, porque

$$d(p, f^n(x)) \geq \lambda^n \cdot d(p, x) \quad \text{e} \quad d(p, f^n(x)) \leq \varepsilon$$

são incompatíveis quando n é grande. Portanto, existe um tempo $n \geq 1$ tal que $f^n(x) \notin B$. \square

Cuidado: este resultado é “local”. A condição $|f'(p)| > 1$ não contém informação acerca da bacia de atração de p .

Também, a condição $|f'(p)| > 1$ não é suficiente para decidir a repulsividade de um ponto fixo em dimensão maior, pois podem existir “direções” onde f estica as distâncias e outras onde f reduz as distâncias...

Exercícios.

- Dê exemplos que mostram que o conjunto estável de um ponto fixo repulsivo p pode conter estritamente $\{p\}$.
- Procure uma boa definição de *órbita periódica atrativa*.

(Observe que, se $\{p, f(p), \dots, f^{n-1}(p)\}$ é uma órbita, a derivada de f^n é a mesma em todos os seus pontos pela regra da cadeia. Se $|(f^n)'(p)| < 1$, então p é um ponto fixo atrativo da transformação f^n , e portanto existe uma vizinhança B de p tal que $f^{kn}(x) \rightarrow_{k \rightarrow \infty} p$ para todo $x \in B$. Então $B \cup f^{-1}(B) \cup \dots \cup f^{-(n-1)}(B)$ é uma vizinhança da órbita periódica, e as trajetórias dos seus pontos são assintóticas à órbita de p ...)

- Consider the family of quadratic maps

$$x \mapsto \lambda x^2$$

depending on the parameter λ . Find the basin of attraction of the fixed point $p = 0$, and describe the speed of convergence of convergent trajectories.

- Se p é um ponto fixo de $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ tal que $f'(p) = 1$, então tudo ou quase tudo pode acontecer! O conjunto estável de p pode ser uma vizinhança de p , pode ser só $\{x\}$, ou pode conter uma “meia vizinhança” de p , um intervalo do género $[p, p \pm \varepsilon[\dots$

Estude os exemplos

$$x \mapsto x \pm x^3 \quad \text{e} \quad x \mapsto x \pm x^2$$

e invente outros.

A família quadrática. A família quadrática, ou logística (do francês “logement”⁹), é a família de transformações $f_\lambda : [0, 1] \rightarrow [0, 1]$ definidas por

$$x \mapsto \lambda x(1 - x)$$

onde o parâmetro λ tem valores no intervalo $[0, 4]$.

Os pontos fixos de f_λ são 0, que é atrativo quando $0 \leq \lambda < 1$, e $p_\lambda = \frac{\lambda-1}{\lambda}$, que é atrativo quando $1 < \lambda < 3$.

Se $\lambda \in [0, 1]$ então toda trajetória ($f_\lambda^n(x)$) converge para 0. De fato, toda trajetória é uma sucessão decrescente e limitada, logo convergente, e o limite é o único ponto fixo 0.

Se $\lambda \in]1, 3]$ então toda trajetória ($f_\lambda^n(x)$) converge para p_λ . De fato, se $1 < \lambda < 3$, existe uma vizinhança V de p_λ tal que $f_\lambda|_V$ é uma contração e tal que para todo $x \in [0, 1]$ existe um tempo $n \geq 0$ tal que $f_\lambda^n(x) \in V$. O caso em que $\lambda = 3$ não é muito diferente ...

5.6 Convergência no método de Newton

Newton method. Seja $p \in \mathbb{R}[x]$ um polinômio com coeficientes reais. O método de Newton para determinar as raízes de $p(x)$, ou seja, resolver a equação $p(x) = 0$, consiste em escolher uma primeira aproximação x_0 , e iterar

$$x_{n+1} = x_n - \frac{p(x_n)}{p'(x_n)}.$$

Ou seja, se x_0 é uma primeira conjectura, uma conjectura melhor é o zero da aproximação linear $p(x) \simeq p(x_0) + p'(x_0) \cdot (x - x_0)$.

Se a sucessão (x_n) converge, i.e. $x_n \rightarrow r$, e se $p'(r) \neq 0$, então o limite r é um zero do polinômio p . Vice-versa, se r é uma raiz do polinômio p , e se $p'(r) \neq 0$, então r é um ponto fixo da transformação

$$x \mapsto f(x) = x - \frac{p(x)}{p'(x)}$$

A derivada de f em r é

$$f'(r) = 1 - \frac{(p'(r))^2 - p(r)p''(r)}{(p'(r))^2} = 0$$

Portanto, r é um ponto fixo atrativo de f : a trajetória de toda conjectura inicial x_0 suficientemente próxima da raiz r converge para r .

Quadratic convergence. De facto, sendo a derivada $f'(r) = 0$, a raiz é um ponto fixo *super-atractivo* de f , e a convergência é, em geral, mais do que exponencial.

Theorem. *Let r be a non-critical root of the polynomial $p \in \mathbb{R}[x]$, i.e. a root where $p'(r) \neq 0$. Then Newton's iterations starting with some x_0 sufficiently near the root r converge to this root, and the convergence is “quadratic”, i.e. the error $\varepsilon_n = |x_n - r|$ decreases as*

$$\varepsilon_{n+1} \leq K \cdot \varepsilon_n^2$$

for some $K > 0$.

⁹A família quadrática nasceu como modelo de dinâmica de populações. Num meio ambiente ilimitado, uma população tem crescimento exponencial, e um modelo razoável a tempo discreto é $z_{n+1} = \lambda z_n$, onde z_n é o tamanho da população no tempo n e $\lambda > 0$ é um parâmetro que caracteriza a “fertilidade” da espécie. Se o meio ambiente (a disponibilidade de espaço e comida) é limitado, parece razoável acrescentar um termo negativo $-\beta z_n^2$, onde $\beta > 0$, que toma conta da mortalidade devida à falta de recursos (a probabilidade de dois indivíduos estar num mesmo sítio, e portanto disputar a comida, é proporcional a z_n^2). O modelo é portanto $z_{n+1} = \lambda z_n - \beta z_n^2$. A maior população suportada pelo meio ambiente resulta ser λ/β e, se chamamos $x_n = z_n/\alpha$ a população relativa, obtemos o modelo $x_{n+1} = \lambda x_n(1 - x_n)$.

Proof. We may assume, without loss of generality, that the root we are looking for is the origin, so that $p(0) = 0$. Now, suppose we are at x_n after n iterations. Taylor's formula with Lagrange estimate of the error around x_n says that

$$p(x) = p(x_n) + p'(x_n) \cdot (x - x_n) + \frac{1}{2}p''(y) \cdot (x - x_n)^2$$

for some y between x and x_n . Taking $x = 0$ (the root!) and dividing by $p'(x_n)$ we get

$$0 = p(0) = p(x_n) - p'(x_n) \cdot x_n + \frac{1}{2}p''(y) \cdot x_n^2 \quad \text{i.e.} \quad x_n - \frac{p(x_n)}{p'(x_n)} = \frac{1}{2} \frac{p''(y)}{p'(x_n)} \cdot x_n^2$$

But the l.h.s. is x_{n+1} . There follows that the distance $\varepsilon_n = |x_n - 0|$ between the n -th iterate and the root satisfies the iterative bound

$$|x_{n+1}| \leq \frac{1}{2} \left| \frac{p''(y)}{p'(x_n)} \right| \cdot |x_n|^2$$

Since $p'(0) \neq 0$ (and polynomials have continuous derivatives), there is an interval $I =]-\varepsilon, \varepsilon[$ around the root 0 where $M = \sup_{x \in I} |p''(x)| < \infty$ and $\delta = \inf_{x \in I} |p'(x)| > 0$. Let $K = M/2\delta$. If the initial guess is sufficiently near the root 0 (so near that $|x_0| < 1$ and also $K|x_0| < 1$), then the x_n 's converge to 0 and the convergence is quadratic, i.e.

$$|x_{n+1}| \leq K \cdot |x_n|^2$$

□

Exercícios.

- Verifique que o método de Newton aplicado ao polinómio quadrático $z^2 - a$, com $a > 0$, corresponde ao algoritmo de Heron!
- Estime $\sqrt{17}$...
- Escreva a receita do método de Newton para resolver $z^n - a = 0$, com $a > 0$ e $n \geq 2$.
- Utilize o método de Newton para estimar raízes de

$$z^2 + 1 + z \quad z^3 - z - 1 \quad z^5 + z + 1 \quad z^3 - 2z - 5$$

Iteração de funções racionais.

6 Flows

“... forse stima che la filosofia sia un libro e una fantasia d’un uomo, come l’Iliade e l’Orlando furioso, libri ne’ quali la meno importante cosa è che quello che vi è scritto sia vero. Signor Sarsi, la cosa non istà così. La filosofia è scritta in questo grandissimo libro che continuamente ci sta aperto innanzi agli occhi (io dico l’universo), ma non si può intendere se prima non s’impara a intender la lingua, e conoscer i caratteri, ne’ quali è scritto. Egli è scritto in lingua matematica, e i caratteri son triangoli, cerchi, ed altre figure geometriche, senza i quali mezzi è impossibile a intenderne umanamente parola; senza questi è un aggirarsi vanamente per un oscuro laberinto.”

Galileo Galilei, *Il saggiatore*, 1623.

6.1 Structure of physical models

Flows of vector fields. The main way in which dynamical systems enter in physics is through differential equations. Let X be a differentiable manifold, and let v be a vector field on X . If we assume that the autonomous differential equation

$$\dot{x} = v(x)$$

with any given initial condition $x(0) = x$, has solutions $t \mapsto x(t)$ which exist for any time $t \in \mathbb{R}$ (as is the case when v is smooth and X is compact), then the flow of v is the action $\Phi : \mathbb{R} \times X \rightarrow X$ given by $\Phi_t(x) = x(t)$.

From flows to maps. Given a flow $\Phi : \mathbb{R} \times X \rightarrow X$, one could specialize to discrete time looking at the system at multiples integers $n\tau$ of a given time-unit $\tau > 0$, and this amounts to iterate the transformation $f = \Phi_\tau$.

Also, given a submanifold $U \subset X$ of codimension 1 which is transversal to the flow (i.e. the tangent space $T_x U$ is transversal to $\mathbb{R}v(x)$ for any $x \in U$), one could define a *first return map* $f : U \rightarrow U$ sending a point $x \in U$ into $x(t)$ if t is the smallest positive time $t > 0$ such that $\Phi_t(x) \in U$.

Newtonian mechanics. According to greeks, the “velocity” $\dot{q} = \frac{d}{dt}q$ of a planet, where $q \in \mathbb{R}^3$ is its position in our euclidean space and t is time, was determined by gods or whatever forced planets to move around circles. Then came Galileo, and showed that gods could at most determine the “acceleration” $\ddot{q} = \frac{d^2}{dt^2}q$, since the laws of physics should be written in the same way by an observer in any reference system at uniform rectilinear motion with respect to the fixed stars. Finally came Newton, who decided that what gods determined was to be called “force”, and discovered that the trajectories of planets, fulfilling Kepler’s experimental three laws¹⁰, were solutions of his famous (second order differential) equation

$$m\ddot{q} = F$$

where m is the mass of the planet, and where the attractive force F between the planet and the Sun is proportional to the product of their masses and inverse proportional to the square of their distance.

Later, somebody noticed that most observed forces were “conservative”, could be written as $F = -\nabla V$, for some real valued function $V(q)$ called “potential energy”. There follows that Newton equations can be written as $m\ddot{q} = -\nabla V$, and that the “total energy”

$$E = \frac{1}{2}m|\dot{q}|^2 + V(q)$$

¹⁰In *Astronomia nova*, 1609, and *Harmonices mundi*, 1619, Johannes Kepler published his three laws of planetary motions:

- i) planets moves in ellipses with focus at the Sun,
- ii) the radius vector describes equal areas in equal times,
- iii) the squares of the periods are to each other as the cubes of the mean distance from the Sun.

It was with the purpose to derive Kepler laws from a second order differential equation $m\ddot{q} = F$ that Isaac Newton realized that the force of gravitational attraction between the Sun and a planet (hence between any two bodies!) should be proportional to m/ρ^2 (*Philosophiae naturalis principia mathematica*, 1687).

is constant along trajectories. The function $\frac{1}{2}m|\dot{q}|^2$ is called “kinetic energy” of the system.

An alternative (and indeed useful) formulation of Newtonian mechanics is the one developed by Lagrange. He defined the “Lagrangian” of the system as

$$L(q, \dot{q}) = \frac{1}{2}m|\dot{q}|^2 - V(q)$$

and observed that Newton equations are equivalent to the (Euler)-Lagrange equations

$$\frac{d}{dt} \left(\frac{\partial L}{\partial \dot{q}} \right) = \frac{\partial L}{\partial q}$$

The product $p = m\dot{q} = \partial L / \partial \dot{q}$ is called “(linear) momentum”, and, since p/m is the gradient of the kinetic energy $K(p) = |p|^2/2m$, Hamilton could write Newton’s second order differential equations as the system of first order differential equations

$$\dot{q} = \frac{\partial H}{\partial p} \quad \dot{p} = -\frac{\partial H}{\partial q}$$

where $H(q, p) = K(p) + V(q)$ is the total energy as function of q and p , nowadays called “Hamiltonian”. It is a simple check that the energy is a constant of the motion, since

$$\frac{d}{dt} H = \frac{\partial H}{\partial q} \cdot \dot{q} + \frac{\partial H}{\partial p} \cdot \dot{p} = \frac{\partial H}{\partial q} \cdot \frac{\partial H}{\partial p} - \frac{\partial H}{\partial p} \cdot \frac{\partial H}{\partial q} = 0$$

Hamiltonian flows. The modern abstract formulation of classical mechanics is as follows. Let (X, ω) be a symplectic manifold, i.e. a differentiable manifold X of even dimension $2n$, equipped with a smooth closed differential two-form ω such that $\omega^n \neq 0$. Darboux theorem says that locally one can choose “canonical” coordinates $(q_1, \dots, q_n, p_1, \dots, p_n)$ such that $\omega = \sum_{k=1}^n dp_k \wedge dq_k$. Let $H : X \rightarrow \mathbb{R}$ be a smooth function, called “Hamiltonian” and thought as the “energy” of the system. Typically, it has the form “kinetic energy+potential energy”, where the kinetic energy is a positive definite quadratic form in the momenta p , and the potential energy is a function V depending on the positions q and possibly on the momenta p . The Hamiltonian vector field v is defined by the identity $dH = i_v \omega$, and the *Hamiltonian flow* is the flow of v . In canonical coordinates, the equations of motion read

$$\dot{q}_k = \frac{\partial H}{\partial p_k} \quad \dot{p}_k = -\frac{\partial H}{\partial q_k}$$

It happens that the Hamiltonian flow Φ preserves the energy, namely $H(\Phi_t(x)) = H(x)$ for any $x \in X$ and any time $t \in \mathbb{R}$, as follows from the fact that $\mathcal{L}_v H = 0$.

Geodesic flows. The simplest mechanical system, the free motion of a particle, belongs to the class of geodesic flows. Let (M, g) be a Riemannian manifold, g being the Riemannian metric. Let SM be the unit tangent bundle of M . If M is geodesically complete, to every unit vector $v \in SM$ there corresponds a unique geodesic line (i.e. a local isometry) $c : \mathbb{R} \rightarrow M$ such that $\dot{c}(0) = v$. The *geodesic flow* is the action $\Phi : \mathbb{R} \times SM \rightarrow SM$, defined as $\Phi_t(v) = \dot{c}(t)$.

Particularly interesting are geodesic flows over homogeneous spaces. Apart from the rather trivial exemple of flat spaces, a source of interesting dynamical properties is the geodesic flow on a manifold with constant negative curvature. The proptotype is as follows. The group $G = PSL(2, \mathbb{R})$ can be seen as the orientation preserving isometry group of the Poincaré half-plane \mathbb{H} , equipped with the hyperbolic metric of sectional curvature -1 . Its action is transitive. Since the stabilizer of a point in the half-plane is isomorphic to the group of rotations $SO(2)$, we can identify $S\mathbb{D}$ with G . Now, let Γ be a discrete cocompact subgroup of G with no torsion. The quotient space $\Sigma = \mathbb{D}/\Gamma$ is a compact Riemann surface, which comes equipped with a Riemannian metric of sectional curvature -1 , and its unit tangent bundle is diffeomorphic to G/Γ . The geodesic flow on $S\Sigma$ is then the algebraic flow $\Phi : \mathbb{R} \times G/\Gamma \rightarrow G/\Gamma$ defined as $\Phi_t(g\Gamma) = e_t g\Gamma$, where

$$e_t = \begin{pmatrix} e^{t/2} & 0 \\ 0 & e^{-t/2} \end{pmatrix}$$

6.2 Integration of one-dimensional systems

“6accdae13eff7i3l9n4o4qrr4s8t12vx”

(*Data aequatione quotcunque fluentes quantitates involvente fluxiones invenire et vice versa*)

Isaac Newton, letter to Gottfried Leibniz, 1677.

Some techniques to integrate ordinary differential equations (ODEs) like

$$\dot{x} = v(x, t)$$

when the phase space $X \subset \mathbb{R}$ is one or two-dimensional.

Integrating simple ODEs. The simplest case occurs when the velocity field v does not depend on the phase space variable x , hence

$$\dot{x} = v(t),$$

where $v(t)$ is some given (piecewise) continuous function of time. This just says that x must be a primitive of v , and the fundamental theorem of calculus (i.e. Leibniz and/or Newton’s discovery) tells us how to compute such a primitive:

$$x(t) = x_0 + \int_{t_0}^t v(s) ds.$$

Here you may observe that this class of ODEs have “symmetries”. The line field does not depend on x , hence slopes of solutions are the same along horizontal lines ($t = \text{constant}$) in the extended phase space $X \times \mathbb{R}$. There follows that any translate $\varphi(t) + c$ of a solution $\varphi(t)$ is still a solution.

Autonomous first order ODEs and their flows. A first order ODE of the form

$$\dot{x} = v(x),$$

where the velocity field v does not depend on time, is called *autonomous*. Most fundamental equations of physics (those describing closed systems, without external forces) can be written as autonomous first order ODEs, and this corresponds to time-invariance of physical laws.

Here you may notice symmetries again. The line field v of an autonomous equation is constant along vertical lines ($x = \text{constant}$) of the extended phase space $X \times \mathbb{R}$. Hence any translate $\varphi(t+s)$ of a solution $\varphi(t)$ is still a solution. This is the manifestation of time-invariance of a law codified by an autonomous ODE. This also implies that there is no loss of generality in restricting to an initial time $t_0 = 0$.

Equilibrium solutions. First, we observe that an autonomous equation may admit constant solutions. Indeed, if x_0 is a *singular point* of the vector field v , i.e. a point where $v(x_0) = 0$, then the constant function

$$x(t) = x_0 \quad \forall t \in \mathbb{R}$$

obviously solves the equation. Such solutions, which do not change with time, are called *equilibrium*, or *stationary*, solutions.

Solutions near non-singular points. The trick used to “guess” other solutions, when the phase space is one-dimensional, i.e. $X \subset \mathbb{R}$, is a first instance of the method of “separation of variables”. Fix a *non-singular point* of the velocity field, i.e. a point x_0 where $v(x_0) \neq 0$. We want to solve the Cauchy problem with initial condition $x(t_0) = x_0$. First, rewrite the equation $dx/dt = v(x)$ formally as “ $dx/v(x) = dt$ ” (multiply by dt and divide by $v(x)$, so that all x ’s are on the left and all t ’s are on the right). Instead of trying to make sense to this last expression (which is possible, of course, and here you can appreciate the beauty of Leibniz’ notation dx/dt for derivatives!), observe that it is suggesting that $\int dx/v(x) = \int dt$. Now assume that the velocity field v is continuous and let $J = (x_-, x_+)$ be the maximal interval containing x_0 where v is different

from zero. Integrating, from x_0 to $x \in J$ on the left and from t_0 to t on the right, we obtain a differentiable function $x \mapsto t(x)$ defined as

$$t(x) = t_0 + \int_{x_0}^x \frac{dy}{v(y)}$$

for any $x \in J$. Now, observe that the derivative dt/dx is equal to $1/v$. Since, by continuity, $1/v$ does not change its sign in J , our $t(x)$ is a strictly monotone continuously differentiable function. We can invoke the inverse function theorem and conclude that the function $t(x)$ is invertible. This proves that the above relation defines actually a continuously differentiable function $t \mapsto x(t)$ in some interval $I = t(J)$ of times around t_0 . Finally, you may want to check that the function $t \mapsto x(t)$ solves the Cauchy problem: just compute the derivative (using the inverse function theorem),

$$\begin{aligned} \dot{x}(t) &= 1 / \left(\frac{dt}{dx}(x(t)) \right) \\ &= v(x), \end{aligned}$$

and check the initial condition. Observe that the function $t(x) - t_0$ has then the interpretation of the “time needed to go from x_0 to x ”.

At the end of the story, if you are lucky enough and know how to invert the function $t(x)$, you’ll get an explicit solution as

$$x(t) = F^{-1}(t - t_0 + F(x_0)),$$

where F is any primitive of $1/v$. Close inspection of the above reasoning shows that the local solution you’ve found is indeed the unique one. Namely, we have the following

Existence and uniqueness theorem for autonomous ODEs near a non-singular point.

Let $v(x)$ be a continuous velocity field and let x_0 be a non-singular point of v . Then there exist one and only one solution of the Cauchy problem $\dot{x} = v(x)$ with initial condition $x(t_0) = x_0$ in some sufficiently small interval I around t_0 . Moreover, the solution $x(t)$ is the inverse function of

$$t(x) = t_0 + \int_{x_0}^x \frac{dy}{v(y)},$$

defined in some small interval J around x_0 .

Proof. Here we give the pedantic proof. Let J be as above. Define a function $H : \mathbb{R} \times J \rightarrow \mathbb{R}$ as

$$H(t, x) = t - t_0 - \int_{x_0}^x \frac{dy}{v(y)}.$$

If $t \mapsto \varphi(t)$ is a solution of the Cauchy problem, then computation shows that $\frac{d}{dt}H(t, \varphi(t)) = 0$ for any time t . There follows that H is constant along the solutions of the Cauchy problem. Since $H(t_0, x_0) = 0$, we conclude that the graph of any solution belongs to the level set $\Sigma = \{(t, x) \in \mathbb{R} \times J \text{ s.t. } H(t, x) = 0\}$. Now observe that H is continuously differentiable and that its differential $dH = dt + dx/v(x)$ is never zero. Actually, both partial derivatives $\partial H/\partial t$ and $\partial H/\partial x$ are always different from zero. Hence we can apply the implicit function theorem and conclude that the level set Σ is, in some neighborhood $I \times J$ of (t_0, x_0) , the graph of a unique differentiable function $x \mapsto t(x)$, as well as the graph of a unique differentiable function $t \mapsto x(t)$, the inverse of t , which as we have already seen solves the Cauchy problem. \square

On the failure of uniqueness near singular points. The interval $I = t(J)$ where the solution is defined need not be the entire real line: solutions may reach the boundary of J , i.e. one of the singular points x_{\pm} of the velocity field, in finite time. Since singular points are themselves equilibrium solutions, this implies that solutions of the Cauchy problem at singular points may not be unique, under such mild conditions (continuity) for the velocity field. Later we’ll see Picard’s theorem, which prescribes stronger regularity conditions on the velocity field v under which the Cauchy problem admits unique solutions for any initial condition in the extended phase space.

Counter-example. Both the curves $x(t) = 0$ and $x(t) = t^3$ solve the equation

$$\dot{x} = 3x^{2/3}$$

with initial condition $x(0) = 0$. The problem here is that the velocity field $v(x) = 3x^{2/3}$, although continuous, is not differentiable and not even Lipschitz at the origin. You may notice that the solution starting, for example, at $x_0 = 1$ reaches (or better comes from) the singular point $x_- = 0$ in finite time, since

$$\begin{aligned} t(x_-) - t(x_0) &= \int_1^0 \frac{1}{3} y^{-2/3} dy \\ &= -1. \end{aligned}$$

One-dimensional Newtonian motion in a time independent force field. The one-dimensional motion of a particle of mass m subject to a force $F(x)$ that does not depend on time is described by the Newton equation

$$m\ddot{x} = -U'(x),$$

where the potential $U(x) = -\int F(x)dx$ is some primitive of the force. The total energy

$$E(x, \dot{x}) = \frac{1}{2}m\dot{x}^2 + U(x)$$

(which of course is defined up to an arbitrary additive constant) of the system is a constant of the motion, i.e. is constant along solutions of the Newton equation. In particular, once a value E of the energy is given (depending on the initial conditions), the motion takes place in the region where $U(x) \leq E$, since the kinetic energy $\frac{1}{2}m\dot{x}^2$ is non-negative. Conservation of energy allows to reduce the problem to the first order ODE

$$\dot{x}^2 = \frac{2}{m}(E - U(x)),$$

which has the unpleasant feature to be quadratic in the velocity \dot{x} . Meanwhile, if we are interested in a one-way trajectory going from some x_0 to x , say with $x > x_0$, we may solve for \dot{x} and find the first order autonomous ODE

$$\dot{x} = \sqrt{\frac{2}{m}(E - U(x))}.$$

There follows that the time needed to go from x_0 to x is

$$t(x) = \int_{x_0}^x \frac{dy}{\sqrt{\frac{2}{m}(E - U(y))}}.$$

The inverse function of the above $t(x)$ will give the trajectory $x(t)$ with initial position $x(0) = x_0$ and initial positive velocity $\dot{x}(0) = \sqrt{\frac{2}{m}(E - U(x_0))}$, at least for sufficiently small times t .

6.3 Exponential

The exponential. The exponential function, according to Walter Rudin “the most important function in mathematics” ([Ru87], 1st line of page 1), is the unique solution of the (autonomous) differential equation

$$\dot{x} = x$$

with initial condition $x(0) = 1$. Actually, it is convenient to complexify time, i.e. take $z = t + i\theta \in \mathbb{C}$ with $t, \theta \in \mathbb{R}$, and define the *exponential* as the power series

$$\exp(z) = 1 + x + \frac{x^2}{2} + \frac{x^3}{6} + \frac{x^4}{24} + \cdots = \sum_{n \geq 0} \frac{z^n}{n!}$$

Since $\limsup_{n \rightarrow \infty} (1/n!)^{1/n} = 0$, the radius of convergence is ∞ , hence the power series defines an entire function, i.e. a holomorphic function $\exp : \mathbb{C} \rightarrow \mathbb{C}$. Deriving each term of the series, we

easily verify that indeed $\exp' = \exp$. The initial condition $\exp(0) = 1$ is obvious. From absolute convergence of the series and algebraic manipulation we also get the group property

$$\exp(z + w) = \exp(z) \cdot \exp(w)$$

for any $z, w \in \mathbb{C}$, saying that \exp is a homomorphism of the additive group \mathbb{C} into the multiplicative group $\mathbb{C}^\times = \mathbb{C} \setminus \{0\}$. In particular, $\exp(-z) = 1/\exp(z)$, so that the exponential $\exp(z)$ is never 0. This also justifies our notation $\exp(z) = e^z$, where

$$e = \exp(1) = 1 + \frac{1}{1!} + \frac{1}{2!} + \frac{1}{3!} + \dots \simeq 2.7182818284590452353602874713526624977572\dots$$

(another famous irrational, actually a transcendental number!). For real time $z = t$, we recover the familiar model of “exponential growth” $t \mapsto e^t$, a strictly increasing function from the additive group \mathbb{R} onto the multiplicative group $\mathbb{R}_+ =]0, \infty[$, growing faster than any power t^n as $t \rightarrow \infty$. For pure imaginary times, say $z = i\theta$, we get the *Euler’s formula*

$$e^{i\theta} = \left(1 - \frac{\theta^2}{2!} + \frac{\theta^4}{4!} - \dots\right) + i \left(\theta - \frac{\theta^3}{3!} + \frac{\theta^5}{5!} - \dots\right) = \cos(\theta) + i \sin(\theta)$$

So, $\theta \mapsto e^{i\theta}$ defines a periodic function with period 2π , sending the real line \mathbb{R} onto the unit circle $\mathbb{S} = \{z \in \mathbb{C} \text{ s.t. } |z| = 1\}$. Finally, the exponential \exp is a periodic entire function with period $i2\pi$ which only omits the value 0, a holomorphic bijection of the cylinder $\mathbb{C}/i2\pi\mathbb{Z}$ onto $\mathbb{C} \setminus \{0\}$.

Interest rates and the exponential. Let x be the annual interest paid for a deposit (so that an interest of 0.2% mean $x = 0.02$). If the interest is payed once each year, an initial deposit of a euros increases to

$$a + xa = a \cdot (1 + x)$$

after one year. If, however, the interest is “computed” every six months, the same initial deposit produces

$$a + \frac{x}{2}a + \left(a + \frac{x}{2}a\right) \frac{x}{2} = a \cdot \left(1 + \frac{x}{2}\right)^2$$

after one year. By induction, we see that if the interest is computed every $12/n$ months, after one year we get a final capital of

$$a \cdot \left(1 + \frac{x}{n}\right)^n$$

The limit of the gain factor as $n \rightarrow \infty$,

$$E(x) = \lim_{n \rightarrow \infty} \left(1 + \frac{x}{n}\right)^n$$

is another definition of the exponential function.

Population dynamics. The exponential models the dynamics of a population in a unlimited environment. The *Malthusian/exponential model*¹¹ is

$$\dot{N} = \lambda N$$

where $N(t)$ is the population at time t , and $\lambda > 0$ is some growth constant (the difference $\alpha - \beta$ between the natality rate and the mortality rate). The solution is $N(t) = N(0)e^{\lambda t}$. If we retire at fixed rate $\alpha > 0$

$$\dot{N} = \lambda N - \alpha$$

we have a non-trivial stationary solution $\bar{N} = \alpha/\lambda$, and the difference $x(t) = N(t) - \bar{N}$ is still exponential.

This behaviour has to be compared with the *super-exponential model*

$$\dot{N} = \alpha N^2.$$

¹¹T.R. Malthus, *An Essay on the Principle of Population*, London, 1798.

which undergoes a catastrophe (infinite population) in finite time!

Um modelo mais realista da dinâmica de uma população num meio ambiente limitado é a equação logística¹²

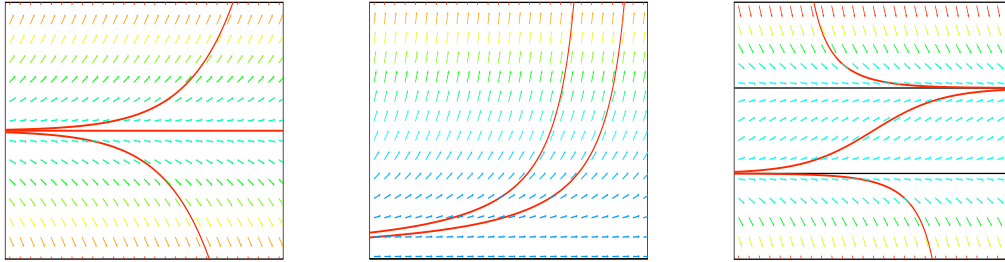
$$\dot{N} = \lambda N(1 - N/M)$$

onde $\lambda > 0$ e a constante $M > 0$ é a população máxima suportada pelo meio ambiente. Observe que $\dot{N} \simeq \lambda N$ se $N \ll M$, e que $\dot{N} \rightarrow 0$ quando $N \rightarrow M$. A população relativa $x(t) = N(t)/M$ satisfaz a equação logística “adimensional”

$$\dot{x} = \lambda x(1 - x).$$

Here we see two equilibria: the trivial equilibrium $x(t) = 0$ and the maximum allowed population $x(t) = 1$. The generic solution with initial condition $0 < x(0) < 1$ is

$$x(t) = \frac{1}{1 + \left(\frac{1}{x_0} - 1\right) e^{-\lambda t}},$$



Exponential growth, super-exponential growth and logistic model.

6.4 Linear systems

Linear systems and exponential. Consider a linear system

$$\dot{x} = Ax$$

for $t \mapsto x(t) \in \mathbb{R}^n$ and $A \in \text{Mat}_n(\mathbb{R})$. The solution is given formally by

$$x(t) = e^{tA}x(0)$$

where the “exponential operator” e^{tA} is defined by the power series

$$e^{tA} = \sum_{n=0}^{\infty} \frac{t^n}{n!} A^n$$

Hyperbolic systems. O campo linear $v(x) = Ax$ é dito *hiperbólico* se o espectro de A , o conjunto

$$\text{sp}(A) = \{\lambda_k = \rho_k + i\omega_k \in \mathbb{C} \quad \text{t.q.} \quad \det(A - \lambda_k I) = 0\}$$

dos valores próprios de A , é disjunto do eixo imaginário (ou seja, $\rho_k \neq 0 \forall k$).

- Verifique que

$$A = \begin{pmatrix} \rho_1 & 0 \\ 0 & \rho_2 \end{pmatrix} \quad \Rightarrow \quad e^{tA} = \begin{pmatrix} e^{\rho_1 t} & 0 \\ 0 & e^{\rho_2 t} \end{pmatrix}$$

A origem é dita *nodo estável* se $\rho_1, \rho_2 < 0$, *nodo instável* se $\rho_1, \rho_2 > 0$, *ponto de sela* se $\rho_1 < 0 < \rho_2$.

¹²Pierre François Verhulst, Notice sur la loi que la population poursuit dans son accroissement, *Correspondance mathématique et physique* **10** (1838), 113-121.

- Verifique que

$$A = \begin{pmatrix} \rho & 1 \\ 0 & \rho \end{pmatrix} \Rightarrow e^{tA} = e^{\rho t} \begin{pmatrix} 1 & t \\ 0 & 1 \end{pmatrix}$$

- Verifique que

$$A = \begin{pmatrix} 0 & \omega \\ -\omega & 0 \end{pmatrix} \Rightarrow e^{tA} = \begin{pmatrix} \cos(\omega t) & \sin(\omega t) \\ -\sin(\omega t) & \cos(\omega t) \end{pmatrix}$$

$$A = \begin{pmatrix} \rho & \omega \\ -\omega & \rho \end{pmatrix} \Rightarrow e^{tA} = e^{\rho t} \begin{pmatrix} \cos(\omega t) & \sin(\omega t) \\ -\sin(\omega t) & \cos(\omega t) \end{pmatrix}$$

A origem é dita *foco estável* se $\rho < 0$, *foco instável* se $\rho > 0$.

- Considere o sistema linear

$$\begin{aligned} \dot{x} &= x - y \\ \dot{y} &= x + y \end{aligned}$$

Determine a solução com condições iniciais $x(0) = 1$ e $y(0) = 0$.

6.5 Existence and uniqueness theorems

Here we consider a generic first order ODE of the form

$$\dot{x} = v(x, t)$$

where the velocity field v is a (continuous) function defined in some extended phase space $X \times \mathbb{R}$. The phase space X may be some interval of the real line, an open subset of some Euclidean \mathbb{R}^n , or a differentiable manifold.

The problem we address is the existence and uniqueness of solutions of the initial value (or Cauchy) problem. A *local solution* passing through the point $(x_0, t_0) \in X \times \mathbb{R}$ is a solution $t \mapsto \varphi(t)$, defined in some neighborhood I of t_0 , such that $\varphi(t_0) = x_0$. Eventually, we'll be interested also in the possibility of extending such local solutions to larger intervals of times.

The basic existence theorem is ¹³

Peano's theorem. *Let $v(x, t)$ be a continuous velocity field in some domain A of the extended phase space \mathbb{R}^2 . Then for any point $(x_0, t_0) \in A$ passes at least one integral curve of the differential equation $\dot{x} = v(x, t)$.*

Idea of the proof. Natural guesses for the solutions are Euler lines starting through (x_0, t_0) . If we restrict to a sufficiently small neighborhood of (x_0, t_0) , we can assume that the velocity field is bounded, say $|v(x, t)| \leq K$, and that all such Euler lines lies in the “papillon” made of two triangles touching at (x_0, t_0) with slopes $\pm K$. Construct a family of Euler lines, graphs of $\varphi_n(t)$, such that the maximal step ε_n of the n -th line goes to 0 as $n \rightarrow \infty$. One easily sees that the family (φ_n) is bounded and equicontinuous. By the Ascoli-Arzelá theorem it admits a (uniformly) convergent subsequence. Finally, we claim that the sublimit $\varphi_{n_i} \rightarrow \varphi$ solves the differential equation. **q.e.d.**

Both existence and uniqueness may fail. The Hamilton-Jacobi equation

$$(\dot{x})^2 - xt + 1 = 0$$

cannot have solutions satisfying the initial condition $x(0) = 0$, for otherwise we would have a negative “kinetic energy” $(\dot{x})^2 = -1$ at that point!

Some regularity of the functions involved in a differential equation is also needed to ensure the uniqueness of solutions. For example, both curves $t \mapsto 0$ and $t \mapsto t^3$ solve the equation

$$\dot{x} = 3x^{2/3}$$

with initial condition $x(0) = 0$. The problem here is that the velocity field $v(t, x) = 3x^{2/3}$, although continuous, is not differentiable and not even Lipschitz at the origin.

¹³G. Peano, Sull'integrabilità delle equazioni differenziali del primo ordine, *Atti Accad. Sci. Torino* **21** (1886), 677-685. G. Peano, Demonstration de l'intégrabilité des équations différentielles ordinaires, *Mathematische Annalen* **37** (1890) 182-228.

Uniqueness of solutions. A velocity field $v(t, x)$, defined in a domain $I \times D$ of the extended phase space $\mathbb{R} \times \mathbb{R}^n$, is *locally Lipschitz* w.r.t. to the variable x if for any $(t_0, x_0) \in I \times D$ there is a neighborhood $J \times U \ni (t_0, x_0)$ and a constant $L \geq 0$ such that

$$\|v(t, x) - v(t, y)\| \leq L \cdot \|x - y\| \quad \forall (t, x), (t, y) \in J \times U$$

If $v(t, x)$ has continuous derivative w.r.t. x , i.e. if the Jacobian

$$D_x v(t, x) = \left(\frac{\partial v_i}{\partial x_j}(t, x) \right)$$

exists and is continuous, then $v(t, x)$ is locally Lipschitz in any compact convex domain $I \times K \subset \mathbb{R} \times \mathbb{R}^n$. The basic uniqueness theorem is¹⁴

Picard-Lindelöf theorem. *Let $v(t, x)$ be a continuous velocity field defined in some domain D of the extended phase space $\mathbb{R} \times X$. If v is locally Lipschitz (for example continuously differentiable) w.r.t. the second variable x , then there exist one and only one local solution of $\dot{x} = v(t, x)$ passing through any point $(t_0, x_0) \in D$.*

Geometrically, the uniqueness theorem says that through any point (t_0, x_0) of the domain D there pass one and only one solution. Hence solutions, considered as curves in the extended phase space, cannot intersect each other.

In a domain where Picard's theorem applies, if two local solutions agree in a common interval of times then they are indeed restrictions of a unique solution defined in the union of the respective domains. There follows that solutions are always extendible to a maximum domain. Such solutions are called *maximal solutions*.

Strategy of the proof of the Picard's theorem. The first observation is that a function $\varphi(t)$ is a solution of the Cauchy problem for $\dot{x} = v(t, x)$ with initial condition $\varphi(t_0) = x_0$ iff

$$\varphi(t) = x_0 + \int_{t_0}^t v(s, \varphi(s)) ds$$

Now, we notice that the above identity is equivalent to the statement that φ is a fixed point of the so called *Picard's map* $\phi \mapsto \mathcal{P}\phi$, sending a function $t \mapsto \phi(t)$ into the function

$$(\mathcal{P}\phi)(t) = x_0 + \int_{t_0}^t v(s, \phi(s)) ds$$

At this point, one must choose cleverly the domain of the Picard's map, which is the space of functions where we think a solution should be. It will be a certain space \mathcal{C} of continuous functions, defined in an appropriate neighborhood I of t_0 , equipped with a norm that makes it a complete metric space (hence a Banach space). The Lipschitz condition, together with continuity, satisfied by the velocity field will imply that if the interval I is sufficiently small then the Picard's map $\mathcal{P} : \mathcal{C} \rightarrow \mathcal{C}$ is a contraction. The contraction principle (a.k.a. Banach fixed point theorem) finally guarantees the existence and uniqueness of the fixed point of \mathcal{P} in \mathcal{C} .

Picard's iterations. The contraction principle actually says that the fixed point, i.e. the solution we are looking for, is the limit of any sequence $\phi, \mathcal{P}\phi, \dots, \mathcal{P}^n\phi, \dots$ of iterates of the Picard map starting with any initial guess $\phi \in \mathcal{C}$. In other words, the existence part of the theorem is "constructive", it gives us a procedure to find out the solution, or at least a sequence of functions which approximate the solution.

¹⁴M. E. Lindelöf, Sur l'application de la méthode des approximations successives aux équations différentielles ordinaires du premier ordre, *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences* **114** (1894), 454-457. Digitized version online via <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3074>

Example (simple ODEs). Consider the simple ODE $\dot{x} = v(t)$ with initial condition $x(t_0) = x_0$. Picard's recipe, starting from the initial guess $\phi(t) = x_0$ gives, already at the first step,

$$(\mathcal{P}\phi)(t) = x_0 + \int_{t_0}^t v(s) ds$$

which is the solution we know.

Example (the exponential). Suppose you want to solve $\dot{x} = x$ with initial condition $x(0) = 1$. You start with the guess $\phi(t) = 1$, and then compute

$$(\mathcal{P}\phi)(t) = 1 + t \quad (\mathcal{P}^2\phi)(t) = 1 + t + \frac{1}{2}t^2 \quad \dots \quad (\mathcal{P}^n\phi)(t) = 1 + t + \frac{1}{2}t^2 + \dots + \frac{1}{n!}t^n$$

Hence the sequence converges (uniformly on bounded intervals) to the Taylor series of the exponential function

$$(\mathcal{P}^n\phi)(t) \rightarrow 1 + t + \frac{1}{2}t^2 + \dots + \frac{1}{n!}t^n + \dots = e^t,$$

which is the solution we already knew.

Details of the proof of the Picard's theorem. Choose a sufficiently small rectangular neighborhood

$$I \times B = [t_0 - \varepsilon, t_0 + \varepsilon] \times \overline{B}_\delta(x_0)$$

around (t_0, x_0) , where $B = \overline{B}_\delta(x_0)$ denotes the closed ball with center x_0 and radius δ in X . There follows from continuity of v that there exists K such that

$$|v(t, x)| \leq K$$

for any $(t, x) \in I \times B$. There follows from the local Lipschitz condition for v that there exists M such that

$$|v(t, x) - v(t, y)| \leq M|x - y|$$

for any $t \in I$ and any $x, y \in B$. Now restrict, if needed, the (radius of the) interval I in such a way to get both the inequalities $K\varepsilon \leq \delta$ and $M\varepsilon < 1$. Let \mathcal{C} be the space of continuous functions $t \mapsto \phi(t)$ sending I into B . Equipped with the sup norm

$$\|\phi - \varphi\| = \sup_{t \in I} |\phi(t) - \varphi(t)|$$

this is a complete space. One verifies that the Picard's map sends \mathcal{C} into \mathcal{C} , since

$$|(\mathcal{P}\phi)(t) - x_0| \leq \int_{t_0}^t |v(s, \phi(s))| ds \leq K\varepsilon \leq \delta.$$

Finally, given two functions $\phi, \varphi \in \mathcal{C}$, one sees that

$$|(\mathcal{P}\phi)(t) - (\mathcal{P}\varphi)(t)| \leq \int_{t_0}^t |v(s, \phi(s)) - v(s, \varphi(s))| ds \leq M\varepsilon \sup_{t \in I} |\phi(t) - \varphi(t)|$$

hence $\|\mathcal{P}\phi - \mathcal{P}\varphi\| < M\varepsilon\|\phi - \varphi\|$. Since $M\varepsilon < 1$, this proves that the Picard's map is a contraction and the fixed point theorem allows to conclude. \square

We may not be able to solve them! Last but not least, we must keep in mind that we are not able to solve all equations. Actually, although we may prove the existence and the uniqueness for large classes of equations, we are simply not able to explicitly integrate the really interesting differential equations...

Ultimately we must recur to numerical methods to find approximate solutions and to qualitative analysis

Dependence on initial data and parameters Consider a family of ODEs

$$\dot{x} = v(t, x, \lambda)$$

where λ is a real parameter. We want to understand how solutions depend on the parameter λ . A basic instrument is the¹⁵

Grönwall's lemma. *Let $\phi(t)$ and $\psi(t)$ be two non-negative real valued functions defined in interval $[a, b]$ such that*

$$\phi(t) \leq K + \int_a^t \psi(s)\phi(s)ds$$

for any $a \leq t \leq b$ and some constant $K \geq 0$. Then

$$\phi(t) \leq Ke^{\int_a^t \psi(s)ds}.$$

Proof. First, assume $K > 0$. Define

$$\Phi(t) = K + \int_a^t \psi(s)\phi(s)ds$$

and observe that $\Phi(a) = K > 0$, hence $\Phi(t) > 0$ for all $a \leq t \leq b$. The logarithmic derivative is

$$\frac{d}{dt} \log \Phi(t) = \frac{\psi(t)\phi(t)}{\Phi(t)} \leq \psi(t)$$

where we used the hypothesis $\phi(t) \leq \Phi(t)$. Integrating the inequality we get, for $a \leq t \leq b$,

$$\log \Phi(t) \leq \log \Phi(a) + \int_a^t \psi(s)ds.$$

Exponentiation gives the result, since

$$\phi(t) \leq \Phi(t) \leq K \cdot e^{\int_a^t \psi(s)ds}$$

The case $K = 0$ follows taking the limit of the above inequalities for a sequence of $K_n > 0$ decreasing to zero. **q.e.d.**

Continuous dependence on initial conditions. If $x(t)$ and $y(t)$ are two solutions of

$$\dot{x} = v(t, x)$$

then

$$x(t) - y(t) = x(0) - y(0) + \int_{t_0}^t (v(s, x(s)) - v(s, y(s))) ds$$

If $L(s)$ denotes the Lipschitz constant of $v(s, \cdot)$, we get

$$\|x(t) - y(t)\| \leq \|x(0) - y(0)\| + \int_{t_0}^t L(s)\|x(s) - y(s)\|ds$$

The Gronwall's lemma gives the control

$$\|x(t) - y(t)\| \leq e^{\int_{t_0}^t L(s)ds} \|x(0) - y(0)\|$$

Observe that the above control also gives an alternative proof of uniqueness of solutions given a Lipschitz condition on the vector field.

¹⁵T. H. Gronwall, Note on the derivative with respect to a parameter of the solutions of a system of differential equations, *Ann. of Math* **20** (1919), 292-296.

Theorem (smooth dependence on parameters). *Let $v(t, x, \lambda)$ be a family of vector fields defined on some domain of the extended phase space $D \subset \mathbb{R} \times X$ depending on a parameter $\lambda \in \Lambda \subset \mathbb{R}$. If v is of class C^k with $k \geq 1$, then in some neighborhood of any $(t_0, x_0, \lambda_0) \in D \times \Lambda$ the local solutions of*

$$\dot{x} = v(t, x, \lambda)$$

with initial condition $x(t_0) = x_0$ are differentiable (indeed C^k) functions of (t, x, λ) .

Proof. See [BN05]

□

Warning. Continuous dependence does not exclude sensitive dependence on both initial conditions and parameters, even in the linear case! For example, the distance between solutions of $\dot{x} = \mu x$ with different $x(0)$ and/or μ may diverge for large time ...

7 Oscillations and cycles

7.1 Harmonic oscillator

Harmonic oscillator. The *harmonic oscillator* is the (phenomenon modeled by the) Newton equation

$$\ddot{q} = -\omega^2 q.$$

This is a quite universal equation, since it describes small oscillations around a “generic” stable equilibrium of any one-dimensional Newtonian system¹⁶ (indeed, take a Newton equation $m\ddot{x} = -dU'(x)$ of a particle in a potential field U . An equilibrium position is a zero of the force, i.e. a point x_0 where $U'(x_0) = 0$. It is “stable” if x_0 is a local minimum of the potential, so that the Taylor expansion of the potential around x_0 in powers of $q = x - x_0$ starts with $U(x) = \alpha + \frac{1}{2}\beta q^2 + \dots$, for some positive second derivative $U''(x_0) = \beta$. If we are only interested in small displacements of x around x_0 , we can safely disregard high order terms and approximate the Newton equation as $m\ddot{q} \simeq -\beta q$, which is a harmonic oscillator with resonant frequency $\omega = \sqrt{\beta/m}$).

Call $p = \dot{q}$ the momentum. The Newton equation $\ddot{q} = -\omega^2 q$ is equivalent to Hamilton’s first order equations

$$\begin{aligned} \dot{q} &= p \\ \dot{p} &= -\omega^2 q. \end{aligned}$$

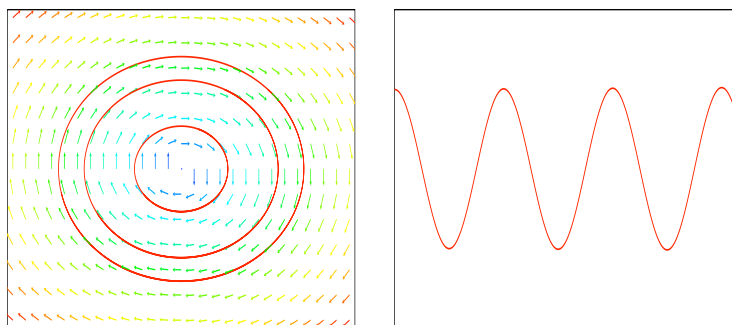
If we define the complex variable $z = \omega q + i\dot{q}$, Newton equation then takes the form of a first order linear equation in the complex line, namely $\dot{z} = -i\omega z$, whose solution is $z(t) = e^{-i\omega t} z(0)$.

In terms of the original (physical) variables, the solutions read

$$q(t) = q_0 \cos(\omega t) + \frac{v_0}{\omega} \sin(\omega t) = A \sin(\omega t + \phi)$$

where the amplitude A and the initial phase ϕ depend on the initial conditions $q(0) = q_0$ and $\dot{q}(0) = v_0$. So, all trajectories are periodic with common period $2\pi/\omega$, and orbits are ellipses in the q - \dot{q} plane, determined by the conserved energy

$$E = \frac{1}{2} (\dot{q}^2 + \omega^2 q^2) = \omega^2 A^2.$$



Harmonic oscillator, phase curves and time series.

¹⁶ “The harmonic oscillator, which we are about to study, has close analogs in many other fields; although we start with a mechanical example of a weight on a spring, or a pendulum with a small swing, or certain other mechanical devices, we are really studying a certain *differential equation*. This equation appears again and again in physics and other sciences, and in fact is a part of so many phenomena that its close study is well worth our while. Some of the phenomena involving this equation are the oscillations of a mass on a spring; the oscillations of charge flowing back and forth in an electrical circuit; the vibrations of a tuning fork which is generating sound waves; the analogous vibrations of the electrons in an atom, which generate light waves; the equations for the operation of a servosystem, such as a thermostat trying to adjust a temperature; complicated interactions in chemical reactions; the growth of a colony of bacteria in interaction with the food supply and the poison the bacteria produce; foxes eating rabbits eating grass, and so on; ...”

Richard P. Feynman [Fe63]

periodicity of
exp

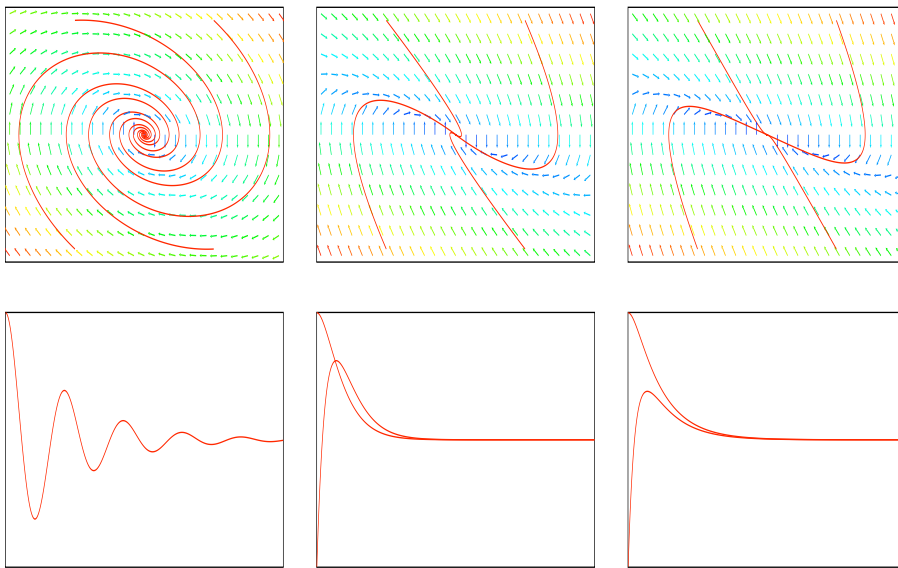
Damped oscillations. Adding friction to an harmonic oscillator we get

$$\ddot{q} = -2\alpha\dot{q} - \omega^2q,$$

where $\alpha > 0$ is some friction coefficient. The guess $q(t) = e^{-\alpha t}y(t)$ gives $\ddot{y} = \delta y$ where the “discriminant” is $\delta = \omega^2 - \alpha$. Find the general solution, draw pictures and discuss the cases $\alpha^2 < \omega^2$ (under-critical damping), $\alpha^2 = \omega^2$ (critical damping), and $\alpha^2 > \omega^2$ (overcritical damping). Show that the energy

$$E(q, \dot{q}) = \frac{1}{2}\dot{q}^2 + \frac{1}{2}\omega^2q^2$$

decreases with time outside equilibrium points.



Underdamped, critical and overdamped oscillations (phase portrait and time series).

7.2 Mathematical pendulum and Jacobi’s elliptic integrals

Mathematical pendulum. The Newton equation

$$I\ddot{\theta} = -mgl \sin \theta$$

models the motion of an idealized pendulum (meaning a point mass attached to a wire of negligible weight, under a constant gravitational force) with mass m and length ℓ , where $I = m\ell^2$ is the moment of inertia, g is the gravitational acceleration (near the Earth’s surface), and θ is the angle of the wire with the origin $\theta = 0$ located at the stable equilibrium point. Observe that in the limit of small oscillations we could safely replace $\sin \theta \simeq \theta$ and we are back to the harmonic oscillator. The energy

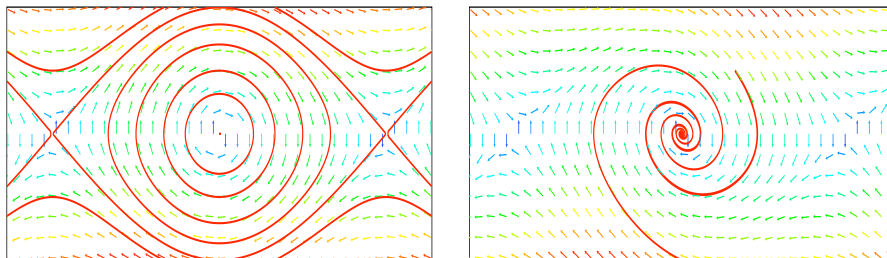
$$E = \frac{1}{2}\dot{\theta}^2 - mgl \cos \theta$$

is a constant of the motion. We can define the resonant frequency $\omega = \sqrt{mgl/I}$ and write the equation as

$$\ddot{\theta} = -\omega^2 \sin \theta$$

To simplify things, let’s take $\omega = 1$. Solving for $\dot{\theta}^2$ we see that the motion with energy E is given implicitly by the “elliptic integral”

$$t = \int \frac{d\theta}{\sqrt{2(E - \cos(\theta))}}$$



Phase portrait of a mathematical pendulum (without and with friction)

Jacobi elliptic functions. What does a mathematician/physicist do when he/she face an integral and doesn't see how to solve it in terms of known functions? He/she gives a name to it.

Define $k = \sqrt{\frac{E+1}{2}}$ and then $x = \frac{1}{k} \sin(\theta/2)$. The conservation of energy reads

$$\dot{x} = \sqrt{(1-x^2)(1-k^2x^2)}$$

There follows that time is given by the so called *Jacobi's elliptic integral of the first kind*

$$t = \int \frac{dx}{\sqrt{(1-x^2)(1-k^2x^2)}}$$

The solution, actually the inverse function $x = \text{sn}(t, k)$ as a function of t and the parameter k , is "named" *Jacobi elliptic function*.

This is the beginning of a long story. You may want to know that sn , as well its relatives, is a quotient of products of *Jacobi's theta functions*, hence, we are at the intersection between complex analysis, algebraic geometry, number theory, ...

7.3 Central forces and planetary motions

Bertrand theorem. ¹⁷ *The unique central forces $F(r)$ such that any bounded orbit is periodic are the Newtonian force $F(r) = k/r^2$ and the elastic force $F(r) = kr$.*

Two-body problem. Kepler problem deals with the motion of two point-like bodies (planets and/or stars) under mutual gravitational interaction. Let $m_1, m_2 > 0$ be their masses, and $q_1, q_2 \in \mathbb{R}^3$ their positions, respectively. Gravitational interaction is described by the conservative force $-\nabla V$ with potential energy

$$V(q_1, q_2) = G \frac{m_1 m_2}{|q_1 - q_2|}$$

where G is the gravitational constant. This force verifies the "third law of dynamics", hence the total linear and angular momentum

$$P = m_1 \dot{q}_1 + m_2 \dot{q}_2 \quad \text{and} \quad M = m_1 q_1 \wedge \dot{q}_1 + m_2 q_2 \wedge \dot{q}_2$$

are conserved. This implies that the center of mass moves at uniform rectilinear speed and that the motion of the two bodies takes place in a plane orthogonal to the angular momentum M . If we choose a Galileian reference system where $P = 0$ and M is parallel to the z -axis (in particular M is supposed different from the zero vector, a case which leads to a collision ...), the full system is described by the single vector $q_2 - q_1$ in the x - y plane, which we write in polar coordinates as $\rho e^{i2\pi\theta}$. It turns out that the two-body problem is equivalent to the motion of a single point mass $m = \frac{m_1 m_2}{m_1 + m_2}$ moving on a plane under the influence of a potential energy $V(\rho) = -G \frac{m}{\rho}$, the (conserved) energy being

$$E = \frac{1}{2} m (\dot{\rho}^2 + \rho^2 \dot{\theta}^2) + V(\rho)$$

¹⁷J. Bertrand, Théorème relatif au mouvement d'un point attiré vers un centre fixe, *C. R. Acad. Sci.* **77** (1873), 849-853.

Observe that if one of the bodies is much bigger than the other (like the Sun and the Earth), say $m_1 \gg m_2$, then the center of mass nearly coincides with the position q_1 of the bigger body, while the reduced mass m is essentially the mass m_2 of the smaller one (hence it looks like the Earth moving around the Sun, as Galileo had suggested).

Central forces. Consider the Newton equation

$$m\ddot{r} = F(|r|)\hat{r}$$

describing the motion of a particle (planet) of mass m in a central force field F . Conservation of angular momentum implies that the motion is planar, hence we may take $r \in \mathbb{R}^2$. In polar coordinates $r = \rho e^{i\theta}$, the equations read

$$\begin{aligned}\ddot{\rho} - \rho\dot{\theta}^2 &= F(\rho)/m \\ \rho\ddot{\theta} + 2\dot{\rho}\dot{\theta} &= 0.\end{aligned}$$

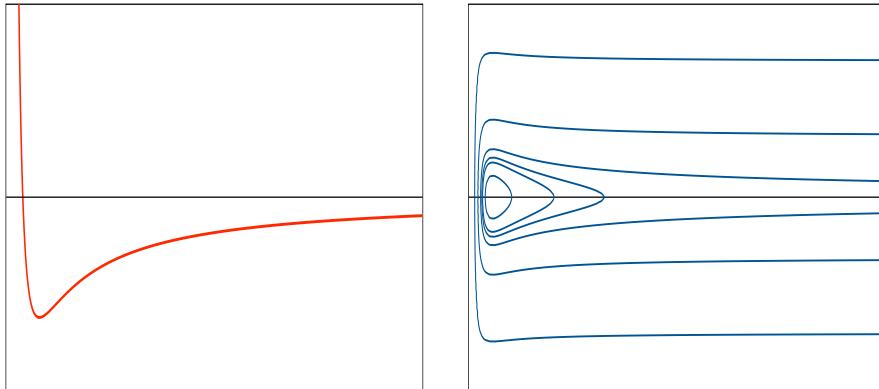
The second equation says that the “areal velocity” (“velocidade areal”) $\ell = \rho^2\dot{\theta}$ is a constant of the motion (Kepler’s second law).

Taking Newton’s gravitational force $F(\rho) = -\frac{GmM}{\rho^2}$ (where M is the mass of the Sun and G is the gravitational constant), the first equation may be written as

$$m\ddot{\rho} = -\frac{\partial}{\partial \rho}V_\ell(\rho),$$

where we defined the “effective potential energy” as $V_\ell(\rho) = \frac{1}{2}m\frac{\ell^2}{\rho^2} - G\frac{mM}{\rho}$. The conserved energy is

$$E = \frac{1}{2}m\dot{\rho}^2 + \frac{1}{2}m\frac{\ell^2}{\rho^2} - G\frac{mM}{\rho}.$$



Kepler’s effective potential and some energy level sets.

Now we set $\rho = 1/x$ and look for a differential equation for x as a function of θ . Computation shows that $dx/d\theta = -\dot{\rho}/\ell$, and, using conservation of ℓ , that $d^2x/d\theta^2 = -\rho^2\ddot{\rho}/\ell^2$. There follows that the first Newton equation reads

$$\frac{d^2x}{d\theta^2} + x = -\frac{1}{\ell^2 x^2 m}F(1/x).$$

we get

$$\frac{d^2x}{d\theta^2} + x = -\frac{GM}{\ell^2}.$$

The general solution of this second order linear differential equation is

$$x(\theta) = \frac{GM}{\ell^2} (1 + e \cos(\theta - \theta_0)) ,$$

for some constants e and θ_0 . Back to the original radial variable we get the solution

$$\rho(\theta) = \frac{\ell^2/GM}{1 + e \cos(\theta - \theta_0)} ,$$

Hence, orbits are conic sections with eccentricity (“excentricidade”) e and focus at the origin: an ellipse for $0 \leq e < 1$ (corresponding to negative energy, hence to planets, and this is Kepler’s first law), a parabola for $e = 1$ (corresponding to zero energy), an hyperbola for $e > 1$ (corresponding to positive energy). .

The 3-body problem and chaos. ¹⁸

“Que lon cherche à se représenter la figure formée par ces deux courbes et leurs intersections en nombre infini dont chacune correspond à une solution doublement asymptotique, ces intersections forment une sorte de treillis, de tissu, de réseau à mailles infiniment serrées ; chacune de ces courbes ne doit jamais se recouper elle-même, mais elle doit se replier elle-même dune manière très complexe pour venir couper une infinité de fois toutes les mailles du réseau. On sera frappé de la complexité de cette figure, que je ne cherche même pas à tracer. Rien nest plus propre à nous donner une idée de la complication du problème des trois corps et, en général, de tous les problèmes de dynamique où il ny a pas d’intégrale uniforme et où les séries de Bohlin sont divergentes.”

Henri Poincaré, 1884. ¹⁹

7.4 Cycles in chemistry and biology

Lotka-Volterra predator-prey model. The Lotka-Volterra model is the system of coupled first order differential equations

$$\begin{aligned} \dot{x} &= ax - bxy \\ \dot{y} &= -cy + dxy \end{aligned}$$

defined for positive x and y , where the parameters a, b, c, d are positive constants. These equations, proposed by the physical chemist Alfred Lotka and by the mathematician Vito Volterra between 1925 and 1926, model the population dynamics of two species, x preys and y predator, in the same territory. Preys increase exponentially at rate a and are killed at rate proportional to the probability of being captured by a predator, while predators decrease exponentially at rate c and increase at rate proportional to the probability of capturing preys.

Discuss the possible dynamics depending on the values of the parameters.

Van der Pols. Considere o *oscilador de van der Pol*²⁰

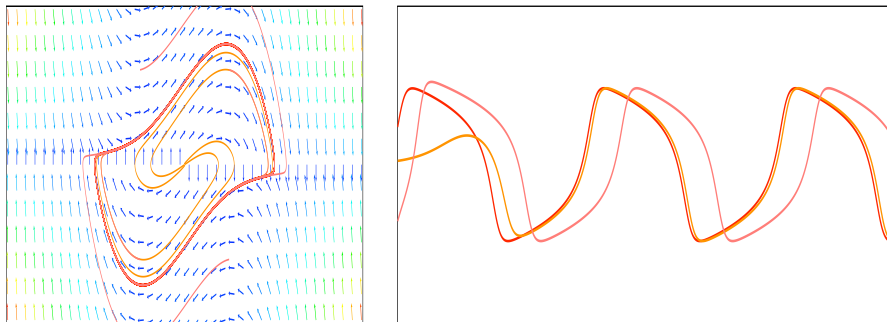
$$\ddot{q} - \mu(1 - q^2)\dot{q} + q = 0$$

que modela a corrente num circuito com um elemento não-linear.

¹⁸A palavra grega $\chi\alpha\omicron\varsigma$, que pode ser traduzida como “abismo”, contém a mesma base $\chi\alpha$ - (e provavelmente deriva de) dos verbos $\chi\alpha\iota\nu\epsilon\iota\nu$ e $\chi\alpha\sigma\chi\epsilon\iota\nu$, que significam “abrir-se”, “escancarar”, e “abrir a boca”, “bocejar” (cfr. $\chi\alpha\sigma\mu\alpha$, “abismo”). Foi utilizada em algumas cosmogonias gregas para indicar “a mistura desordenada de elementos anterior à formação do $\chi\omicron\sigma\mu\omicron\sigma$, o universo ordenado”.

¹⁹H. Poincaré, Sur le problème de trois corps et les équations de la dynamique, *Œuvres, volume VII*, Gauthier Villars 1951.

²⁰B. van der Pol, A theory of the amplitude of free and forced triode vibrations, *Radio Review* **1** (1920), 701-710 and 754-762. B. van der Pol and J. van der Mark, Frequency demultiplication, *Nature* **120** (1927), 363-364.

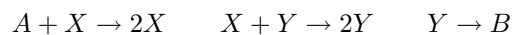


Retrato de fase e trajectórias do oscilador de van der Pol.

Lotka-Volterra. Considere o sistema de Lotka-Volterra

$$\begin{aligned}\dot{x} &= ax - bxy \\ \dot{y} &= -cy + dxy\end{aligned}$$

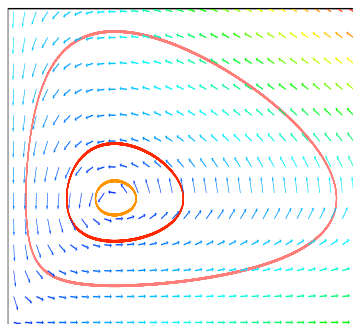
Foi proposto por Vito Volterra²¹ para modelar a competição entre x presas e y predadores, e por Alfred J. Lotka²² para modelar o comportamento cíclico de certas reacções químicas, como o esquema abstracto



A função

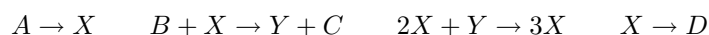
$$H(x, y) = dx + by - c \log x - a \log y$$

é uma constante do movimento, ou seja, $\frac{d}{dt}H(x(t), y(t)) = 0$. Deduza que as órbitas do sistema estão contidas nas curvas de nível de $H(x, y)$.



Retrato de fase do sistema de Lotka-Volterra.

Brusselator. O Brusselator é um modelo autocatalítico proposto por Ilya Prigogine e colaboradores²³ que consiste na reacção abstracta



Simule o sistema é

$$\begin{aligned}\dot{x} &= \alpha - (\beta + 1)x + x^2y \\ \dot{y} &= \beta x - x^2y\end{aligned}$$

²¹Vito Volterra, *Variazioni e fluttuazioni del numero d'individui in specie di animali conviventi*, *Mem. Acad. Lincei* **2** (1926), 31-113. Vito Volterra, *Leçons sur la Théorie Mathématique de la Lutte pour la Vie*, Paris 1931.

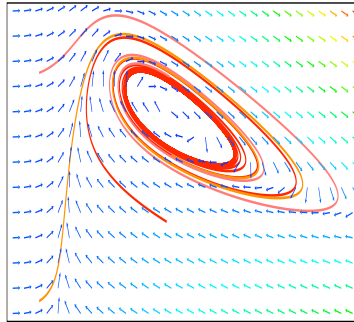
²²Alfred J. Lotka, *J. Amer. Chem. Soc.* **27** (1920), 1595. Alfred J. Lotka, *Elements of physical biology*, Williams & Wilkins Co. 1925.

²³I. Prigogine and R. Lefever, *Symmetry breaking instabilities in dissipative systems*, *J. Chem. Phys.* **48** (1968), 1655-1700. P. Glansdorff and I. Prigogine, *Thermodynamic theory of structure, stability and fluctuations*, Wiley, New York 1971. G. Nicolis and I. Prigogine, *Self-organization in non-equilibrium chemical systems*, Wiley, New York 1977.

para as concentrações das espécies catalíticas X e Y , obtido quando as concentrações $[A] \sim \alpha$ e $[B] \sim \beta$ são mantidas constantes. Simule o sistema

$$\begin{aligned}\dot{x} &= \alpha - (b+1)x + x^2y \\ \dot{y} &= bx - x^2y \\ \dot{b} &= -bx + \delta\end{aligned}$$

para as concentrações de X , Y e B , obtido quando a concentração $[A] \sim \alpha$ é mantida constante e B é injectado a uma velocidade constante $v \sim \delta$.

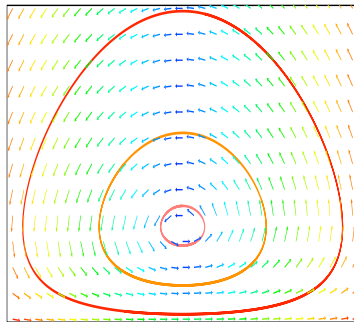


Retrato de fase do Brusselator.

Oscilador bioquímico de Goodwin Um modelo de interações proteínas-mRNA proposto por Goodwin²⁴ é

$$\begin{aligned}\dot{M} &= \frac{1}{1+P} - \alpha \\ \dot{P} &= M - \beta\end{aligned}$$

onde M e P denotam as concentrações relativas de mRNA e proteína, respectivamente.



Retrato de fase do sistema de Goodwin.

7.5 Weather report

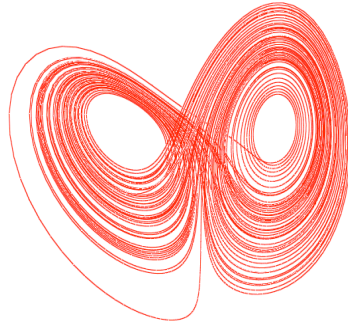
Atractor de Lorenz Considere o sistema de Lorenz²⁵

$$\begin{aligned}\dot{x} &= \sigma(y - x) \\ \dot{y} &= x(\rho - z) - y \\ \dot{z} &= xy - \beta z\end{aligned}$$

- Analize o comportamento assintótico das trajetórias ao variar os parâmetros σ , ρ e β .
- Observe o comportamento das trajetórias quando $\sigma \simeq 10$, $\rho \simeq 28$ e $\beta \simeq 8/3$.

²⁴B.C. Goodwin, *Temporal organization in cells*, Academic Press, London/New York 1963. B.C. Goodwin, Oscillatory behaviour in enzymatic control processes, *Adv. Enzyme Regul.* **3** (1965), 425-438.

²⁵E.N. Lorenz, Deterministic nonperiodic flow, *J. Atmospheric Science* **20** (1963), 130-141.



Atractor de Lorenz.

8 Linearização

8.1 Linearização conforme

Linearização conforme. Seja $f : \bar{\mathbb{C}} \rightarrow \bar{\mathbb{C}}$ uma função racional definida na esfera de Riemann $\bar{\mathbb{C}} = \mathbb{C} \cup \{\infty\}$. Cada ponto fixo p de f tem uma sua bacia de actração B_p . A procura de metodos rápidos para calcular iteradas, em 1871 E. Schröder introduziu a ideia de procurar conjugações conformes da restrição $f|_{B_p}$ com funções racionais mais simples, do género $g : z \mapsto \lambda z$, numa vizinhança B da origem. O método consiste em resolver a equação funcional $h \circ f|_{B_p} = g \circ h$, onde $h : B_p \rightarrow B$ é uma função analítica. E. Schröder, G. Koenig e J.H. Poincaré trataram o problema com $|\lambda| \neq 1$, e depois Carl S. Siegel resolveu o caso $|\lambda| = 1$ por volta de 1940.

Koenigs linearization theorem. *Let z_0 be a fixed point of f with multiplier $f'(z_0) = \lambda$ such that $|\lambda| \neq 0, 1$. Then there exists a conformal map ϕ , unique up to a non-zero factor, from a neighborhood of z_0 onto a neighborhood of 0 such that $\phi \circ f = \lambda \cdot \phi$.*

Proof. We assume that z_0 is attracting, i.e. $|\lambda| < 1$, since the repelling case follows from considering the local inverse of f . Also, after conjugation, we can assume that $z_0 = 0$, hence the map has the form $f(z) = \lambda z + a_2 z^2 + \dots$

Now define $\phi_n(z) = f^n(z)/\lambda^n$. There exists a $\delta > 0$ and a constant $c < |\lambda| < 1$ such that for $|z| < \delta$

$$|\phi_{n+1}(z) - \phi_n(z)| \leq k \cdot (c/|\lambda|)^n$$

for some $k > 0$. Hence the sequence of holomorphic functions ϕ_n converges uniformly in a small ball around 0. The functional equation $\phi \circ f = \lambda \cdot \phi$ follows immediatly from its definition.

Comparing coefficients it is easy to see that any conjugation of $z \mapsto \lambda z$ to itself is a constant multiple of the identity, as long as $|\lambda| \neq 0, 1$. Uniqueness follows. \square

Böttcher theorem *Let z_0 be a superattracting fixed point of f , where*

$$f(z) = z_0 + a_p(z - z_0)^p + \dots$$

with $a_p \neq 0$ and $p \geq 2$. Then there exists a conformal map ϕ , unique up to multiplication by a $(p-1)$ -root of unity, from a neighborhood of z_0 onto a neighborhood of 0 such that $\phi \circ f = \phi^p$.

Idea of the proof. We can assume that $z_0 = 0$ and that $a_p = 1$. As in Koenigs proof, we look for the conjugation as a limit af the functions

$$\phi_n(z) = f^n(z)^{p^{-n}}.$$

It can be shown that the ϕ_n converge uniformly in some sufficiently small ball around 0, and the functional equation follows from the definition. Uniqueness, up to a $(p-1)$ -root of unity, can be checked comparing power series. \square

8.2 Hiperbolicidade e linearização

Hiperbolicidade. As transformações lineares dos espaços euclidianos têm dinâmicas simples, e fornecem modelos para o comportamento de uma transformação diferenciável numa vizinhança de um ponto fixo. Um bom exercício é procurar entender a dinâmica de uma transformação linear do plano $T : \mathbb{R}^2 \rightarrow \mathbb{R}^2$, definida por uma matriz real 2×2 . A ideia é esboçar o retrato de fase da transformação, ou seja descrever algumas trajetórias típicas, pelo menos uma por cada comportamento possível. Comece por estudar uma transformação diagonalizável

$$T = \begin{pmatrix} \lambda & 0 \\ 0 & \mu \end{pmatrix}$$

e reparar as diferenças no comportamento qualitativo das trajetórias ao variar os autovalores λ e μ . Ajuda observar que as curvas $x^{\log \mu} = k \cdot y^{\log \lambda}$ são invariantes. Depois, estude o caso

$$T = \lambda \cdot \begin{pmatrix} \cos \theta & \sin \theta \\ -\sin \theta & \cos \theta \end{pmatrix}$$

ao variar λ e θ . Escreva a transformação em coordenadas polares (r, φ) , e observe que as curvas $r \cdot \lambda^{\varphi/\theta} = k$ são invariantes. Enfim, trate o caso geral, e discuta quando duas transformações lineares são topologicamente conjugadas.

Seja agora $T : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n$ uma transformação linear arbitrária ...

Linearização e hiperbolicidade. Seja $f : V \rightarrow \mathbb{R}^n$ uma transformação de classe C^1 definida num aberto $V \subset \mathbb{R}^n$, e seja $p \in V$ um ponto fixo de f . A derivada $f'(p)$ é a transformação linear $L : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n$ que “melhor aproxima” $f(x) - p$ numa vizinhança de p . Isto sugere que tal vez seja possível que a dinâmica de f numa vizinhança B de p seja “igual” à dinâmica de L numa vizinhança A da origem. Tecnicamente, o problema é decidir se a restrição $f|_B : B \rightarrow B'$ é topologicamente conjugada à restrição $L|_A : A \rightarrow A'$, por meio de uma “conjugação local” $h : B \cup B' \rightarrow A \cup A'$. Em geral, a resposta é negativa. É possível dizer algo quando p é um ponto fixo *hiperbólico*, ou seja quando L não tem valores próprios λ com módulo $|\lambda| = 1$. O resultado importante é o

Teorema de Grobman-Hartman *Um difeomorfismo local $f : V \rightarrow \mathbb{R}^n$ com um ponto fixo hiperbólico p é localmente topologicamente conjugado à sua parte linear $f'(p)$.*

9 Transversalidade e bifurcações

9.1 Transversalidade e persistência dos pontos fixos

Transversalidade. Sejam $f : I \rightarrow \mathbb{R}$ uma transformação de classe \mathcal{C}^1 definida num intervalo $I \subset \mathbb{R}$, e p um ponto fixo de f . Se $f'(p) \neq 1$, então o ponto fixo p é “isolado”, ou seja, é o único ponto fixo de f numa vizinhança B de p . De fato, um ponto fixo é uma solução da equação

$$F(x) = f(x) - x = 0$$

Se $f'(p) \neq 1$ então $F'(p) \neq 0$. O teorema da função inversa diz então que F é invertível numa vizinhança B de p , e isso implica que p é o único zero de F em B . Os pontos fixos que satisfazem a condição $f'(p) \neq 1$ são ditos *transversais*, porque a tangente ao gráfico $\text{graph}(f) = \{(x, y) \text{ t.q. } y = f(x)\}$ de f em p é transversal ao gráfico da função identidade, a reta $\{(x, y) \text{ t.q. } y = x\}$.

Peristência. A condição $f'(p) \neq 1$ é uma condição aberta, e isto faz suspeitar que também seja estável por pequenas perturbações de f .

Teorema *Sejam $f : I \rightarrow \mathbb{R}$ uma transformação de classe \mathcal{C}^1 , e p um ponto fixo transversal de f . Toda transformação $g : I \rightarrow \mathbb{R}$ suficientemente \mathcal{C}^1 -próxima de f tem um, e um único, ponto fixo, também transversal, numa vizinhança de p .*

dem. Seja $g = f - h$ uma perturbação de f , com $\|h\|_{\mathcal{C}^1} < \delta$. Um ponto fixo de g é uma solução da equação $g(x) - x = 0$, ou seja da equação

$$F(x) = h(x)$$

onde definimos $F(x) = f(x) - x$. Sabemos que F é invertível numa vizinhança B' de p , logo um ponto fixo de g em B' é uma solução de $x = (F^{-1} \circ h)(x)$, ou seja um ponto fixo de $F^{-1} \circ h$. A estratégia é provar que $F^{-1} \circ h$ é uma contração numa vizinhança de p . Se a vizinhança $B = \overline{B_r(p)}$ é suficientemente pequena, a inversa de F tem derivada limitada, por exemplo $|(F^{-1})'(x)| < \lambda$ em $F(B)$. Se δ é suficientemente pequeno, a derivada $|(F^{-1} \circ h)'(x)| < \lambda \cdot \delta$ é uniformemente < 1 em B , e portanto $F^{-1} \circ h$ tem boas chances de ser uma contração. O que falta verificar é que a imagem $(F^{-1} \circ h)(B)$ seja contida em B . Ora, dado $x \in B$, a desigualdade do triângulo, o teorema do valor médio e a regra da cadeia, implicam que

$$\begin{aligned} d((F^{-1} \circ h)(x), p) &\leq d(F^{-1}(h(x)), F^{-1}h(p)) + d(F^{-1}(h(p)), p) \\ &\leq d(F^{-1}(h(x)), F^{-1}h(p)) + d(F^{-1}(h(p)), F^{-1}(0)) \\ &\leq \lambda \cdot \delta \cdot r + \lambda \cdot \delta \end{aligned}$$

(onde utilizamos o fato de que p é um ponto fixo de f) e esta quantidade é $< r$ se δ é suficientemente pequeno. O princípio das contrações enfim implica que um ponto fixo $p' \in B$ de g existe e é único. A derivada de g neste ponto está δ -próxima da derivada de f em p , e isto implica a transversalidade de p' se δ é pequeno. \square

Exercícios.

- Seja $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ uma transformação de classe \mathcal{C}^1 , e seja p um ponto periódico de período n tal que $(f^n)'(p) \neq 1$. Toda transformação g suficientemente \mathcal{C}^1 -próxima de f tem um ponto periódico de período n próximo de p . (Repita a demonstração anterior com f^n em vez de f)
- Sejam $f : V \rightarrow \mathbb{R}^n$ uma transformação de classe \mathcal{C}^1 definida num aberto $V \subset \mathbb{R}^n$, e p um ponto fixo de f . A transversalidade de p se traduz na condição de que o operador $f'(p)$ não tenha 1 como autovalor. Prove que se o operador $f'(p)$ não tem 1 como autovalor, então o ponto fixo p é “isolado”, existe uma vizinhança B de x tal que x é o único ponto fixo de f em B . Enuncie e prove um resultado de “persistência” análogo ao caso da reta.

9.2 Bifurcações

Os pontos fixos não transversais não são persistentes, em presença de perturbações genéricas podem desaparecer ou mudar de natureza. Este fenómeno é chamado bifurcação. A ideia da teoria das bifurcações é tratar famílias de transformações f_λ definidas numa vizinhança de um ponto fixo, e descrever as possíveis mudanças da dinâmica ao variar o parâmetro λ .

Considere a família de transformações

$$f_\lambda(x) = x + x^2 - \lambda$$

definidas na reta real. A origem é um ponto fixo não transversal de f_0 . Se $\lambda \neq 0$ é pequeno, então f_λ tem dois pontos fixos $\pm\sqrt{\lambda}$, um repulsivo e outro atrativo, quando $\lambda > 0$, ou nenhum quando $\lambda < 0$. A família

$$f_\lambda(x) = x + x^3 + \lambda x$$

mostra um comportamento diferente.

O problema é decidir quais fenómenos são “genéricos”, e possivelmente “estáveis” num sentido a precisar. Admitindo a existência de um número suficiente de derivadas parciais contínuas, uma família arbitrária de transformações tais que a origem seja um ponto fixo não transversal de f_0 é da forma

$$\begin{aligned} f_\lambda(x) &= a_\lambda + b_\lambda x + c_\lambda x^2 + \dots \\ &= (a'\lambda + a''\lambda^2 + \dots) + (1 + b'\lambda + b''\lambda^2 + \dots)x + (c + c'\lambda + c''\lambda^2 + \dots)x^2 + \dots \end{aligned}$$

O caso genérico é quando $c \neq 0$ (ou seja f_0 é da forma $x + cx^2 + \dots$) e uma perturbação genérica tem $a' \neq 0$ (ou seja o termo constante de f_λ é diferente de zero desde que $\lambda \neq 0$). Não é difícil convercer-se que o comportamento qualitativo desta família é o mesmo da família $x + x^2 - \lambda$: uma pequena perturbação de f_0 pode destruir o ponto fixo, numa direção, ou criar dois novos pontos fixos, na outra direção. Enuncie este resultado, e dê uma demonstração formal. Observe que procurar raízes da equação $f_\lambda(x) = x$, em função de λ , é equivalente a definir funções $\lambda \mapsto x(\lambda)$ que verifiquem $G(\lambda, x) = f_\lambda(x) - x = 0$, e a este problema responde o teorema da função implícita.

9.3 Duplicação do período e cascata de Feigenbaum

Também interessante é o caso de uma família f_λ de transformações do intervalo tal que f_0 tenha um ponto fixo em 0 com $f'_0(0) = -1$. Observe que este ponto fixo é transversal, logo persistente. Por outro lado, $(-1)^2 = 1$, e portanto a derivada de f_0^2 em 0 é igual a $(f_0^2)'(0) = 1$. Isto diz que 0 não é transversal em quanto ponto fixo de f_0^2 . Uma perturbação de f_0 pode produzir pontos periódicos de período 2, em proximidade do ponto fixo persistente 0. Para ver um exemplo, considere o caso da família

$$f_\lambda(x) = -x + x^2 + \lambda x$$

Este tipo de bifurcação é dito “duplicação do período”. Ao fazer simulações num computador, Mitchell J. Feigenbaum descobriu nos anos '70 que certas famílias de transformações produzem uma “cascata” de duplicações do período, no sentido em que existe uma sucessão $\lambda_1 < \lambda_2 < \dots < \lambda_n < \lambda_{n+1} \dots$ de valores do parâmetro λ tal que, ao passar λ_{n+1} nascem órbita de período 2^{n+1} em proximidade das órbitas de período 2^n criadas pelo valor anterior λ_n . Este fenómeno pode ser facilmente observado com a ajuda de um computador. Aliás, parece que aconteça para toda família em que podemos pensar, desde que acertamos o ponto certo onde centrar uma lupa e ve-lo. Ainda mais misterioso é o fato, também observado por Feigenbaum, de que o limite $\lambda_\infty = \lim_{n \rightarrow \infty} \lambda_n$ parece existir, é exponencial, i.e. $|\lambda_\infty - \lambda_n| \simeq \text{const} \times \delta^{-n}$ onde

$$\delta = \lim_{n \rightarrow \infty} \frac{\lambda_n - \lambda_{n-1}}{\lambda_{n+1} - \lambda_n}$$

e que $\delta \simeq 4.669201609102990671853 \dots$ independentemente da família f_λ ! O misterio só foi explicado mais tarde por Lanford, Epstein, Dennis Sullivan...

10 Statistical description of orbits

Together with the topological point of view, a source of informations about dynamical systems is their statistical description. The idea is to measure the relative size of those points whose orbits have certain definite properties. This is done looking for invariant probability measures, and the main result is the Birkhoff-Khinchin ergodic theorem. To state and prove the Birkhoff-Khinchin ergodic theorem, we need to recall many standard facts and results of integration theory. You can find most of them in the classical manuals by W. Rudin, *Real and complex analysis*, McGraw-Hill, New York 1966, or by P. Halmos, *Measure theory*, Springer-Verlag, New York 1974.

10.1 Probability measures

Probability spaces. A *measurable space* is a pair (X, \mathcal{E}) , a non-empty set X together with a σ -algebra of subsets \mathcal{E} . Recall that a (Boolean) algebra is a nonempty family \mathcal{A} of subsets of X which contains X , which contains the complement of any of its elements, and which is closed under finite unions and intersections. A σ -algebra is an algebra which is also closed under countable unions and intersections. Given any family \mathcal{C} of subsets of X , there exists a minimal σ -algebra $\sigma(\mathcal{C})$ which contains all the elements of \mathcal{C} , which is called the σ -algebra generated by \mathcal{C} .

If (X, τ) is a topological space, the *Borel σ -algebra* is $\sigma(\tau)$, the smallest σ -algebra which contains all open sets.

A *measure* on the measurable space (X, \mathcal{E}) is a σ -additive function $\mu : \mathcal{E} \rightarrow [0, \infty]$ such that $\mu(\emptyset) = 0$. Here σ -additivity means that, if (S_n) is a countable family of pairwise disjoint elements of \mathcal{E} , then

$$\mu(\cup_n S_n) = \sum_n \mu(S_n)$$

The triple $(\Omega, \mathcal{E}, \mu)$ is said a *measure space*, or *probability space* if it happens that $\mu(X) = 1$. Given a probability space, measurable sets $A \in \mathcal{E}$ are commonly called "events", and the number $\mu(A)$ is called "probability of the event A ". Basic properties of probability measures are the following: probability measures are monotone, i.e. $\mu(S) \leq \mu(T)$ if $S \subset T$, and σ -subadditive, i.e. if (S_n) is a countable family of elements of \mathcal{E} then

$$\mu(\cup_n S_n) \leq \sum_n \mu(S_n)$$

Probability measures are continuous from below and from above, in the following sense: if $S_n \uparrow S$ then $\mu(S_n) \uparrow \mu(S)$, and if $S_n \downarrow S$ then $\mu(S_n) \downarrow \mu(S)$. Both continuity properties are equivalent, and indeed a simple argument shows that they are equivalent to continuity from above at \emptyset : if $S_n \downarrow \emptyset$ then $\mu(S_n) \downarrow 0$. Moreover, continuity is equivalent to σ -aditivity if the set function μ is only assumed (finitely) additive.

A subset $E \subset X$ has *zero measure* if it is contained in a measurable set $S \in \mathcal{E}$ with $\mu(S) = 0$. If any set with zero measure belongs to \mathcal{E} , then the measure space (X, \mathcal{E}, μ) is said *complete*. Any measure space can be canonically completed, extending the measure to the σ -algebra $\bar{\mathcal{E}}$ made of \mathcal{E} and of subsets of zero measure. A property (like continuity of a function, or convergence of a sequence of functions) holds μ -a.e. ("almost everywhere" with respect to the measure μ) if the set of points of X where it does not hold has zero measure.

Construction of probability measures. Measures are never "explicitly" given as functions on a σ -algebra. A set function $\mu : \mathcal{P}(X) \rightarrow [0, \infty]$ is an *exterior measure* if it is monotone, σ -subadditive, and if $\mu(\emptyset) = 0$. It happens that, given an exterior measure μ , the family of μ -measurable sets, defined as

$$\mathcal{E} = \{E \subset X \text{ such that } \mu(S) = \mu(S \cap E) + \mu(S \cap E^c) \text{ for any } S \subset X\}$$

is a σ -algebra, and that μ is a complete measure if restricted on \mathcal{E} (the proof is quite long and delicate, but the only idea it uses is the following: in order to check that $E \in \mathcal{E}$ it is indeed sufficient, by virtue of monotonicity and subadditivity of μ , to check that $\mu(S) \geq \mu(S \cap E) + \mu(S \cap E^c)$ for any $S \subset X$). A strategy to construct interesting measures on uncountable spaces is: start with an

exterior measure (it is very easy to produce exterior measures, for example by means of variational principles) and then check that the σ -algebra of measurable sets is sufficiently big for our purpose.

The idea of Carathéodory is the following. A *probability measure* on an algebra \mathcal{A} of subsets of X is an additive function $m : \mathcal{A} \rightarrow [0, 1]$ such that $m(\emptyset) = 0$, $m(X) = 1$, and such that $A_n \downarrow \emptyset$ implies $m(A_n) \downarrow 0$. Given a probability measure m on a algebra \mathcal{A} , the recipe

$$\mu(S) = \inf \left\{ \sum m(A_n) \text{ with } S \subset \cup_n A_n \text{ e } A_n \in \mathcal{A} \right\}$$

defines an exterior measure on $\mathcal{P}(X)$, hence the above construction produces a measure μ on the σ -algebra of μ -measurable sets, which contains \mathcal{A} and so contains $\sigma(\mathcal{A})$. One then checks that $\mu(A) = m(A)$ for any $A \in \mathcal{A}$, so that μ is an “extension” of the measure m . Carathéodory’s extension theorem is then stated in the following form:

Carathéodory’s extension theorem . *Given a probability measure m on a algebra \mathcal{A} of subsets of X , there exists a unique measure μ on $\sigma(\mathcal{A})$ which extends m .*

The following corollary of Carathéodory’s theorem is also useful, for example when trying to prove that some event has a definite probability.

Approximation theorem . *Let (X, \mathcal{E}, μ) be a probability space, and let \mathcal{A} be an algebra of subsets of X such that $\sigma(\mathcal{A}) = \mathcal{E}$. Then, for any $A \in \mathcal{E}$ and any $\varepsilon > 0$, we can find a $A_\varepsilon \in \mathcal{A}$ such that*

$$\mu(A \Delta A_\varepsilon) < \varepsilon.$$

Indeed, one easily sees that the family $\mathcal{C} = \{A \in \mathcal{E} \text{ s.t. } \forall \varepsilon > 0 \exists A_\varepsilon \in \mathcal{A} \text{ s.t. } \mu(A \Delta A_\varepsilon) < \varepsilon\}$ is a σ -algebra. Since \mathcal{A} is obviously contained in \mathcal{C} , this implies that $\mathcal{E} = \sigma(\mathcal{A}) \subset \mathcal{C} \subset \mathcal{E}$.

Lebesgue measure. The collection \mathcal{I} of intervals of the real line is a *semi-algebra*, i.e. the intersection of two elements of \mathcal{I} is in \mathcal{I} and the complement of an element of \mathcal{I} is a union of elements of \mathcal{I} . The function $m : \mathcal{I} \rightarrow [0, \infty]$, defined as $m([a, b]) = |b - a|$ if a e b are finite, and ∞ if the interval is unbounded, is monotone and gives value zero to the empty set. Postulating additivity, the function m extends to a measure on the algebra \mathcal{A} made of disjoint unions of elements of \mathcal{I} (this is not trivial!, the proof uses the Heine-Borel theorem about compact subsets of the real line). The function $\mu : \mathcal{P}(\mathbb{R}) \rightarrow [0, \infty]$, defined as

$$\mu(E) = \inf \left\{ \sum m(C_n) \text{ with } E \subset \cup_n C_n \text{ e } C_n \in \mathcal{A} \right\}$$

is then an exterior measure on the real line. The σ -algebra \mathcal{L} of μ -measurable sets, called *Lebesgue σ -algebra*, contains the Borel sets, because it contains the intervals. The restriction $\ell = \mu|_{\mathcal{L}}$, as well as $\mu|_{\mathcal{B}(\mathbb{R})}$, is called *Lebesgue measure*.

Observe that Lebesgue measure on the real line is not a probability measure, having infinite mass. Nevertheless, one can easily define probability measures on bounded intervals taking normalized restrictions of Lebesgue measure. For example, take $X = [0, 1]$, and $\mathcal{E} = \mathcal{B}(X) = \{X \cap B \text{ with } B \in \mathcal{B}(\mathbb{R})\}$, the Borel subsets of the interval. The restriction of ℓ to \mathcal{E} is a probability measure, called Lebesgue measure on the unit interval.

The very same construction works in \mathbb{R}^n , starting with the semi-algebra of “rectangles” measured by the “euclidean volume”, and produces a measure ℓ on $\mathcal{B}(\mathbb{R}^n)$, also called Lebesgue measure. Lebesgue measure is the unique measure over the Borel sets of the euclidean space which is invariant under traslations, i.e. $\ell(\lambda + B) = \ell(B)$ for any $\lambda \in \mathbb{R}^n$ and any Borel set B , and which is normalized to give measure one to the unit square, i.e. $\ell([0, 1]^n) = 1$.

The axiom of choice allows one to “give examples” of subsets wich are not Lebesgue-measurable (for example, the set made of one point for each orbit of an irrational rotation of the circle).

The following result is useful (see [Mat95] for a proof). Below, $B_\varepsilon(x) = \{y \in \mathbb{R}^n \text{ s.t. } \|x - y\|_2 < \varepsilon\}$ denotes the open ball of radius $\varepsilon > 0$ and center $x \in \mathbb{R}^n$ w.r.t. the Euclidean distance $\|x - y\|_2^2 = \sum_{i=1}^n |x_i - y_i|^2$.

Lebesgue density theorem. Let $A \subset \mathbb{R}^n$ be a Lebesgue-measurable set. For ℓ -almos any $x \in A$ the density

$$\lim_{\varepsilon \rightarrow 0} \frac{\ell(A \cap B_\varepsilon(x))}{\ell(B_\varepsilon(x))} = 1$$

Kolmogorov extension. Let X be a finite space, equipped with the discrete topology, and let Σ^+ be the topological product $X^{\mathbb{N}} = \{x : \mathbb{N} \rightarrow X\}$, its point indentified with sequences $x = (x_1, x_2, \dots, x_n, \dots)$ with $x_n \in X$. Let \mathcal{C} be the collection of *cylinders* of X , the subsets of the form

$$C_B = \{x \in \Sigma^+ \text{ s.t. } (x_1, x_2, \dots, x_n) \in B\}$$

with B an open subset of X^n . Cylinders form a basis of the product topology of Σ^+ , which makes Σ^+ a compact metrizable space. In particular, the Borel σ -álgebra of Σ^+ is $\mathcal{B} = \sigma(\mathcal{C})$. Let $\mu_1, \mu_2, \mu_3, \dots, \mu_n, \dots$ be probability measures defined on the Borel sets of $X, X^2, \dots, X^n, \dots$, respectively. The sequence (μ_n) is said *consistent* if

$$\mu_{n+1}(B \times X) = \mu_n(B)$$

for any n and any Borel subset $B \subset X^n$. The (most elementary version of) Kolmogorov extension theorem says that

Kolmogorov extension theorem. Given a consistent family of probability measures as above, there exists a unique probability measure μ , defined on the Borel σ -algebra of Σ^+ , such that

$$\mu(C_B) = \mu_n(B)$$

for any cilinder C_B .

The proof consists in the following two steps. First, observe that cylinders form an algebra, and use consistency of the μ_n 's to verify that the formula above does define a function $\mu : \mathcal{C} \rightarrow [0, 1]$ on cylinders (i.e. it does not depend on the different ways the same cylinder may be presented) which is additive and properly normalized. Then, use compactness of X to check that μ is continuous at \emptyset , in order to apply Carathéodory theorem. Indeed, let (A_n) be a sequence of cilinders such that $A_n \downarrow \emptyset$, and assume by contradiction that $\mu(A_n) > \delta > 0$ for any n . This implies that $A_n \neq \emptyset$ for any n , but, since the A_n are compact, then the Cantor intersection theorem says that $\bigcap_n A_n \neq \emptyset$, contrary to the hypothesis.

Kolmogorov theorem is the key tool in probability theory, since it allows one to construct measures which describe an infinite sequence of trials starting with some rule which gives information about the n -th trial given the knowledge of the first $n-1$. It actually works with much more general spaces and in a more general setting. Also, one can easily adapt the construction to $\prod_{n \in \mathbb{N}} X_n$, the topological product of a countable family of finite spaces. In some precise sense, this is a universal model of a dynamical system.

If $X = \{0, 1\}$, then $\Sigma^+ = X^{\mathbb{N}}$ is the state space of infinite Bernoulli trials with two possible outcomes: success and failure. Let $\mu_1 : \mathcal{P}(X) \rightarrow [0, 1]$ be a any probability measure, defined by $\mu_1(\{1\}) = p$. Kolmogorov construction can be applied postulating the independence of different trials, i.e. declaring that the family formed by the cilinders $\{x_n = 1\}$ is an independent family, and giving measure p to each $\{x_n = 1\}$. The resulting probability space $(\Sigma^+, \mathcal{B}, \mu)$ describes the infinite independent Bernoulli trials. Of course, the very same construction can be made when X is a finite space with any finite numer z of elements.

10.2 Transformations and invariant measures

Measurable transformations. A transformation $f : X \rightarrow X$ of the measurable space (X, \mathcal{E}) is said *measurable* if $f^{-1}(A) \in \mathcal{E}$ for any $A \in \mathcal{E}$. A measurable transformation f is said an *endomorphism* of the measurable space, or an *automorphism* if it is invertible and its inverse is measurable too.

Observe that an endomorphism f of a measurable space (X, \mathcal{E}) acts naturally on the space of measures on \mathcal{E} by "push forward": if μ is a measure, then $f_*\mu$, defined by $(f_*\mu)(A) = \mu(f^{-1}(A))$ for any $A \in \mathcal{E}$, is also a measure.

Let f be an endomorphism of the measurable space (X, \mathcal{E}) . A probability measure μ on \mathcal{E} is *invariant* (w.r.t. the transformation f) if $f_*\mu = \mu$, namely if

$$\mu(f^{-1}(A)) = \mu(A)$$

for any $A \in \mathcal{E}$. If this happens, we also say that f is an *endomorphism* (resp. an *automorphism*) of the probability space (X, \mathcal{E}, μ) . The meaning of this definition is that "mean values" of integrable observables $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ with respect to invariant probability measures do not change with time, in the sense that $\int_X \varphi d\mu = \int_X (\varphi \circ f) d\mu$.

Given an endomorphism f of the probability space (X, \mathcal{E}, μ) , one says that an event $A \in \mathcal{E}$ is *invariant mod 0* if $\mu(A \Delta f^{-1}(A)) = 0$. The set of invariant mod 0 events form a sub- σ -algebra of \mathcal{E} , denoted by \mathcal{E}_f .

How to prove that a measure is invariant. The very definition of invariance does not help too much if we want to prove that a certain measure μ on the σ -algebra \mathcal{E} is invariant w.r.t. the measurable transformation $f : X \rightarrow X$. The trick is the following. Suppose that we can prove that $\mu(f^{-1}(C)) = \mu(C)$ for any $C \in \mathcal{C}$, where \mathcal{C} is some subset of \mathcal{E} . Caratheodory theorem implies that $f_*\mu$ and μ are the same measure on the σ -algebra $\sigma(\mathcal{C})$ generated by \mathcal{C} . On the other side, the family of those $A \in \mathcal{E}$ such that $\mu(f^{-1}(A)) = \mu(A)$ is easily seen to be a σ -algebra. Hence, if it happens that $\sigma(\mathcal{C}) = \mathcal{E}$, then μ is actually invariant. In other words, in order to prove that μ is invariant it is sufficient to check that $\mu(f^{-1}(C)) = \mu(C)$ for any C belonging to a family of subsets of X which generate the σ -algebra \mathcal{E} .

Observables as random variables. When dealing with a endomorphism $f : X \rightarrow X$ of the probability space (X, \mathcal{E}, μ) , one should consider *measurable* observables $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ (or \mathbb{C}), those functions such that $\varphi^{-1}(A) \in \mathcal{E}$ for any Borel set $A \subset \mathbb{R}$. In the context of probability theory they are called "random variables", and the sequence of observables $\varphi \circ f^n$ may be interpreted as a "random process". If φ is integrable, the Lebesgue integral $\int_X \varphi d\mu$ is interpreted as the "mean value" of φ . Of course, invariance of a measurable observable must be intended modulo sets of zero measure. Then, one can consider the Banach spaces $L^p(\mu)$ of (equivalence classes of) observables equipped with the L^p -norm

$$\|\varphi\|_p = \left(\int |\varphi|^p d\mu \right)^{1/p}$$

and use the full power of integration theory to get informations about the dynamical system. In particular, $L^2(\mu)$ is a Hilbert space if equipped with the inner product

$$\langle \varphi, \psi \rangle = \int_X \varphi \bar{\psi} d\mu$$

Conditional mean. Recall that, given a measurable space (X, \mathcal{E}) , a measure ν is said *absolutely continuous* w.r.t. the measure μ if $\nu(A) = 0$ whenever $\mu(A) = 0$. The following technical result (which may be proved using Hilbert space techniques) is particularly useful:

Radon-Nikodym theorem. Let (X, \mathcal{E}, μ) be a probability space, and let ν be a finite measure over \mathcal{E} which is absolutely continuous with respect to μ . Then there exists a nonnegative integrable random variable ρ (called the Radon Nikodym derivative of ν w.r.t. μ and denoted by $d\nu/d\mu$) such that

$$\nu(A) = \int_A \rho d\mu$$

for any $A \in \mathcal{E}$.

A particularly important tool, taken from the theory of probability, is the conditional mean. Let (X, \mathcal{E}, μ) be a probability space, and let \mathcal{F} be a sub- σ -algebra of \mathcal{E} . Given an integrable random variable φ , there exists a unique random variable $\varphi_{\mathcal{F}}$, called the *conditional mean* of φ w.r.t. \mathcal{F} , which is \mathcal{F} -measurable (i.e. the inverse image of any Borel set belongs to \mathcal{F}) and such that

$$\int_A \varphi_{\mathcal{F}} d\mu = \int_A \varphi d\mu$$

for any $A \in \mathcal{F}$. Indeed, if $\varphi \geq 0$, then one can define $\varphi_{\mathcal{F}}$ as equal to the Radon-Nikodym derivative of the measure $A \mapsto \int_A \varphi d\mu$, defined on \mathcal{F} , with respect to the restriction $\mu|_{\mathcal{F}}$. The general case is treated by linearity, writing φ as a difference of two non-negative random variables. Uniqueness is intended μ -a.e., i.e. modulo sets of zero probability. The conditional mean is monotone, namely if $\varphi \geq 0$ then $\varphi_{\mathcal{F}} \geq 0$, and preserves the mean value, since $\int_X \varphi_{\mathcal{F}} d\mu = \int_X \varphi d\mu$. It can be considered as a "projection" of φ onto the space of \mathcal{F} -measurable random variable, preserving the mean value. In particular, if \mathcal{N} is the trivial σ -algebra made of events of measure 0 or 1, then $\varphi_{\mathcal{N}}$ is constant a.e. and equal to $\int_X \varphi d\mu$.

Topological dynamical systems and Borel measures. If we are interested in the dynamics of a continuous transformation $f : X \rightarrow X$ of a topological space X , it is natural to consider the Borel σ -algebra \mathcal{B} , the smallest σ -algebra of subsets of X which contain all open sets. The map f is then an endomorphism of (X, \mathcal{B}) . Probability measures on \mathcal{B} are said *Borel probability measures*. If, moreover, X is a compact metric space, one can consider the space $\mathcal{C}^0(X, \mathbb{R})$ of bounded continuous real valued functions of X (observe that, since X is compact, any continuous function is automatically bounded), equipped with the sup norm

$$\|\varphi - \psi\|_{\infty} = \sup_{x \in X} |\varphi(x) - \psi(x)|$$

These observables are clearly integrable w.r.t. to any Borel probability measure μ , and the mean value map

$$\varphi \mapsto \int_X \varphi d\mu$$

is a bounded, positive definite (in the sense that $\int_X \varphi d\mu \geq 0$ for any $\varphi \geq 0$) linear functional on $\mathcal{C}^0(X, \mathbb{R})$. The basic fact about Borel measures is the converse of that, namely

Riesz-Markov representation theorem . *Let X be a compact metric space. Given any bounded and positive definite linear functional L on $\mathcal{C}^0(X, \mathbb{R})$ such that $L(1) = 1$, there exists a unique Borel probability measures μ such that*

$$L(\varphi) = \int_X \varphi d\mu$$

for any $\varphi \in \mathcal{C}^0(X, \mathbb{R})$.

The space of invariant probability measures. The space Prob of probability measures on a measurable space (X, \mathcal{E}) has a natural convex structure: convex combinations of probability measures are also probability measures. An arbitrary measurable transformation $f : X \rightarrow X$ of a measurable space may not admit any invariant probability measure. On the other side, if μ_0 and μ_1 are invariant probability measures, so are their convex combinations $\mu_t = (1-t)\mu_0 + t\mu_1$ for any $t \in [0, 1]$. This means that the set Prob_f of invariant probability measures on \mathcal{E} is a convex set: if it contains two points, it contains the whole segment between them.

Now, let (X, d) be a compact metric space and let \mathcal{B} its Borel σ -algebra. The space Prob of probability measures on \mathcal{B} can be equipped with a natural topology, called the *weak* topology*, which says essentially that two measures are near if they give nearby mean values to some well behaved observables. Formally, one says that a sequence of measures (μ_n) converge weakly* to a measure μ , which we denote simply as $\mu_n \rightarrow \mu$, if

$$\int_X \varphi d\mu_n \rightarrow \int_X \varphi d\mu$$

for any (bounded) continuous function $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$. The space $\mathcal{C}^0(X, \mathbb{R})$ of bounded continuous real valued functions on X , equipped with the sup norm, is a separable Banach space. In particular, it admits a countable set of points $\{\varphi_n\}_{n \in \mathbb{N}}$ which is dense in its unit sphere. Given that, one defines, for any couple of Borel probability measures μ and ν , a distance

$$d(\mu, \nu) = \sum_{n=1}^{\infty} 2^{-n} \cdot \left| \int_X \varphi_n d\mu - \int_X \varphi_n d\nu \right|$$

It turns out that d is indeed a metric, and that it induces the weak* topology on Prob. The important fact (somewhere called "Helly's theorem"), which follows from the Ascoli-Arzelà theorem together with the above Riesz-Markov representation theorem, is that Prob, equipped with the weak* topology, is a compact space: any sequence (μ_n) of Borel probability measures admits a weakly* convergent subsequence $\mu_{n_i} \rightarrow \mu$.

Now, we are in position to prove the existence of invariant probability measures for certain well behaved dynamical systems.

Krylov-Bogolyubov theorem. *A continuous transformation $f : X \rightarrow X$ of a metrizable compact space X admits at least one Borel invariant probability measure.*

proof. Take any Borel probability measure μ_0 on X , and inductively define a family of probability measures μ_n by $\mu_{n+1} = f_*\mu_n$. Consider the family of Cesaro means

$$\bar{\mu}_n = \frac{1}{n+1} \sum_{k=0}^n \mu_k$$

Since the space of Borel probability measures on a compact metrizable space is compact w.r.t. weak* convergence, there exist a weakly* convergent subsequence $\bar{\mu}_{n_i} \rightarrow \mu$. One then easily sees that

$$\begin{aligned} \int_X (\varphi \circ f) d\mu &= \lim_{i \rightarrow \infty} \frac{1}{n_i + 1} \sum_{k=0}^{n_i} \int_X (\varphi \circ f) d\mu_k \\ &= \lim_{i \rightarrow \infty} \frac{1}{n_i + 1} \sum_{k=0}^{n_i} \int_X \varphi d\mu_{k+1} \\ &= \lim_{i \rightarrow \infty} \frac{1}{n_i + 1} \sum_{k=0}^{n_i} \int_X \varphi d\mu_k + \frac{1}{n_i + 1} \left(\int_X \varphi d\mu_{n_i+1} - \int_X \varphi d\mu_0 \right) \\ &= \int_X \varphi d\mu \end{aligned}$$

for any bounded continuous observable φ , hence that μ is an invariant measure. \square

10.3 Invariant measures and time averages

The relevance of invariant measures when studying the dynamics of continuous transformations is due to the following crucial observations.

Invariant measures and time averages. Assume that, for a given point $x \in X$, the time averages

$$\bar{\varphi}(x) = \lim_{n \rightarrow \infty} \frac{1}{n+1} \sum_{k=0}^n \varphi(f^k(x))$$

do exist for any bounded continuous observable φ . One easily shows that the functional $\mathcal{C}_b^0(X, \mathbb{R}) \rightarrow \mathbb{R}$ defined by $\varphi \mapsto \bar{\varphi}(x)$ is linear, bounded and positive definite. There follows from the Riesz-Markov representation theorem that there exists a unique Borel probability measure μ_x on X such that

$$\bar{\varphi}(x) = \int_X \varphi d\mu_x$$

for any $\varphi \in C_b^0(X, \mathbb{R})$. The invariance property $\bar{\varphi}(x) = (\bar{\varphi} \circ f)(x)$ then implies that $\int_X (\varphi \circ f) d\mu_x = \int_X \varphi d\mu_x$ for any φ , hence that μ_x is an invariant probability measure. In the language of physicists, this says that "time averages" along the orbit of x are equal to "space averages" with respect to the measure μ_x .

One is thus lead to consider the following questions. Do there exist points x for which time averages exists? Given an invariant measure μ , do there exist, and how many, points x such that $\mu = \mu_x$?

Example: periodic orbits. Let p be a periodic point with period n . The time average $\bar{\varphi}(p)$ of any observable φ exists, and is equal to the arithmetic mean of φ along the orbit, namely

$$\bar{\varphi}(p) = \frac{1}{n} \sum_{k=0}^{n-1} \varphi(f^k(p))$$

If μ_p denotes the normalized sum $\frac{1}{n} \sum_{k=0}^{n-1} \delta_{f^k(p)}$ of Dirac masses placed on the orbit of p , this amount to say that $\bar{\varphi}(p) = \int_X \varphi d\mu_p$.

Let p be a fixed point, and $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ be an observable which is continuous at p . If $x \in W^s(p)$, then the time average $\bar{\varphi}(x)$ exists and is equal to $\varphi(p)$, i.e. time averages of points in the basin of attraction of p are described by the Dirac measure $\mu_p = \delta_p$.

The Birkhoff-Khinchin ergodic theorem. Ergodic theorems are the milestones of ergodic theory, and deal with various type of convergence of the time means $\bar{\varphi}_n$ for certain classes of observables φ . In particular, the Birkhoff-Khinchin ergodic theorem must be thought as the generalization of the Kolmogorov strong law of large numbers, as it says that time means of certain well-behaved observables exist almost everywhere. The Birkhoff-Khinchin ergodic theorem was actually preceded by the von Neumann's "statistic" ergodic theorem, which says that

von Neumann "statistic" ergodic theorem. Let U be a unitary operator on a Hilbert space H , let $H_U = \{v \in H \text{ s.t. } Uv = v\}$ denote the closed subspace of those vectors which are fixed by U , and $P_U : H \rightarrow H_U$ denote the orthogonal projection onto H_U . Then, for any vector $v \in H$ we have

$$\lim_{n \rightarrow \infty} \left\| \frac{1}{n+1} \sum_{k=0}^n U^k v - P_U v \right\|_H = 0$$

If $f : X \rightarrow X$ is an endomorphism of the probability space (X, \mathcal{E}, μ) , one can consider the "shift" operator $U : L^2(\mu) \rightarrow L^2(\mu)$ given by $(U\varphi)(x) = \varphi(f(x))$. It is clearly unitary, its fixed point set is the space of invariant L^2 -observable. The von Neumann theorem then asserts convergence of time means $\bar{\varphi}_n \rightarrow \bar{\varphi}$ in $L^2(\mu)$. Here, we prove the

Birkhoff-Khinchin "individual" ergodic theorem. Let $f : X \rightarrow X$ be an endomorphism of the probability space (X, \mathcal{E}, μ) , and let $\varphi \in L^1(\mu)$ be an integrable observable. Then the limit

$$\bar{\varphi}(x) = \lim_{n \rightarrow \infty} \frac{1}{n+1} \sum_{k=0}^n \varphi(f^k(x))$$

exists for μ -almost any $x \in X$. Moreover, the observable $\bar{\varphi}$ is in $L^1(\mu)$, is invariant, and satisfies

$$\int \bar{\varphi} d\mu = \int \varphi d\mu$$

proof. (by A. Garsia) Let \mathcal{E}_f be the invariant σ -algebra. For any $\psi \in L^1$, set $\psi_n = \max_{k \leq n} \sum_{k=0}^{n-1} \varphi \circ f^k$ and observe that $E_\psi = \{x \in X \text{ s.t. } \psi_n(x) \rightarrow \infty\} \in \mathcal{E}_f$. One easily sees that the sequence $\psi_{n+1} - \psi_n \circ f$ is decreasing, and converges to ψ at the points of E_ψ . The monotone convergence theorem and the invariance of μ imply that

$$0 \leq \int_{E_\psi} (\psi_{n+1} - \psi_n) d\mu = \int_{E_\psi} (\psi_{n+1} - \psi_n \circ f) d\mu \rightarrow \int_{E_\psi} \psi d\mu = \int_{E_\psi} \psi_{\mathcal{E}_f} d\mu |_{\mathcal{E}_f}$$

In particular, if $\psi_{\mathcal{E}_f} < -\varepsilon < 0$ then $\mu(E_\psi) = 0$. On the other side,

$$\limsup \frac{1}{n} \sum_{k=0}^{n-1} \psi \circ f^k(x) \leq \limsup \frac{1}{n} \psi_n \leq 0$$

on $X \setminus E_\psi$. Applying twice these observations to the observables $\varphi - \varphi_{\mathcal{E}_f} - \varepsilon$ and $-\varphi + \varphi_{\mathcal{E}_f} - \varepsilon$, with $\varepsilon > 0$, we find

$$\limsup \frac{1}{n} \sum_{k=0}^{n-1} \varphi \circ f^k(x) - \varphi_{\mathcal{E}_f} - \varepsilon \leq 0 \quad \liminf \frac{1}{n} \sum_{k=0}^{n-1} \varphi \circ f^k(x) - \varphi_{\mathcal{E}_f} + \varepsilon \geq 0$$

μ -almost everywhere. Since ε was arbitrary, the limit $\bar{\varphi}(x)$ exists and is equal to $\varphi_{\mathcal{E}_f}(x)$ for μ -almost every x . The rest of the theorem then follows easily from the properties of the conditional mean. \square

10.4 Examples of invariant measures

Haar measures. Any locally compact topological group G admits a *Haar measure*, a measure μ on its Borel sets which is left-invariant, i.e. satisfies $L_g \mu = \mu$ for any $g \in G$. Moreover, the Haar measure is unique up to a constant factor. It is an exercise that μ is a finite measure, hence can be renormalized to give a probability measure, iff G is compact. There follows that translations on compact topological groups admits invariant probability measures.

On the other side, for some groups G , called *unimodular*, the Haar measure μ is both left and right invariant. If $\Gamma \subset G$ is a lattice, i.e. a subgroup such that $\mu(G/\Gamma) < \infty$, then the normalized Haar measure on the homogeneous space G/Γ is an invariant probability measure for any left translation $g\Gamma \mapsto sg\Gamma$.

Rotations of the circle. Lebesgue probability measure ℓ on the circle is invariant for the rotations $+\alpha : x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}$, with $\alpha \in \mathbb{R}$. Indeed, rotations of the circle are isometries, and the Lebesgue measure $\ell(I)$ of an interval is its "length".

Coverings of the circle. Lebesgue probability measure ℓ on the circle is invariant for the maps $\times \lambda : x + \mathbb{Z} \mapsto \lambda \cdot x + \mathbb{Z}$, with $\lambda \in \mathbb{Z} \setminus \{0\}$. This comes from the fact that the inverse image of a sufficiently small interval I with length $\ell(I)$ is the disjoint union of $|\lambda|$ intervals with length $\ell(I)/|\lambda|$.

Bernoulli shifts. Consider the Bernoulli shift $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ over the alphabet $X = \{1, 2, \dots, z\}$. Let p be a "probability on X ", i.e. a finite set of nonnegative numbers p_1, p_2, \dots, p_z such that $p_1 + p_2 + \dots + p_z = 1$. Given a centered cylinder C_α , we define $\mu(C_\alpha)$ as equal to the product $p_{\alpha_1} p_{\alpha_2} \dots p_{\alpha_n}$. This function μ extends in a unique way as a finitely additive function on the algebra \mathcal{A} generated by the centered cylinders, the algebra which contains all finite unions of centered cylinders as well as the empty set and Σ^+ . One then show that μ is σ -additive on \mathcal{A} (for example, showing that if a decreasing sequence $A_1 \supset A_2 \supset \dots$ has empty intersection then $\mu(A_n) \rightarrow 0$). Since centered cylinders generates the topology of Σ^+ , Carathéodory theorem implies that there exists a unique extension, which we still call μ , of this measure on the Borel σ -algebra of Σ^+ . This measure is called the *Bernoulli measure* defined by p .

As for the "physical" meaning of this measure, you may imagine that X represents the possible outcomes when tossing a coin with z sides, and p_k is the probability of obtaining the k -th side. Then points in Σ^+ represent the outcomes of an infinite sequence of tossings, and the very definition of μ says that each trial is described by the probability p , and each trial is "independent" from any finite collection of different trials.

It is not surprising that μ is indeed an invariant probability measure. This comes from the fact that the inverse image $\sigma^{-1}(A)$ of any $A \in \mathcal{A}$ is the disjoint union of z elements B_1, B_2, \dots, B_z of the algebra (obtained from A choosing the first letter in z different ways) with measures $\mu(B_k) = p_k \cdot \mu(A)$, so that

$$\mu(\sigma^{-1}(A)) = \sum_{k=1}^z p_k \cdot \mu(A) = \mu(A)$$

Absolutely continuous invariant measures for maps and flows. Let U be a domain in some euclidean \mathbb{R}^n , and let vol denote the Lebesgue measure on U , given locally as $d\text{vol} = dx = dx_1 dx_2 \dots dx_n$. A local diffeomorphism $f : U \rightarrow U$ of class \mathcal{C}^1 preserves the measure vol iff

$$\sum_{x \in f^{-1}\{x'\}} \frac{1}{|\det f'(x)|} = 1$$

for any point $x' \in U$, as one can check using the change of coordinates formula. Also interesting is to see whether f preserves an absolutely continuous measure $\mu = \rho \text{vol}$, and this happens iff the "density" ρ satisfies the equation

$$\sum_{x \in f^{-1}\{x'\}} \frac{\rho(x)}{|\det f'(x)|} = \rho(x')$$

for any point $x' \in U$.

Now, let ϕ be the flow of a vector field $\xi = \sum_{k=1}^n \xi_k \frac{\partial}{\partial x_k}$ on U . The above obviously applies, considering the Jacobian of the diffeomorphisms ϕ_t . Since

$$\det \phi'_t = \int_0^t \text{div} \xi \circ \phi_s ds$$

we get the result that Lebesgue measure vol is invariant under the flow of ξ iff

$$\text{div} \xi = \sum_{k=1}^n \frac{\partial \xi_k}{\partial x_k} = 0$$

In general, the absolutely continuous measure $\mu = \rho \text{vol}$ is invariant under the flow of ξ iff its density satisfies $\text{div}(\rho \xi) = 0$.

Hamiltonian flows. Consider a symplectic manifold (X, ω) . Liouville measure $d\text{vol} = \omega^n$ is invariant under the Hamiltonian flow of any Hamiltonian function H . If X has finite volume, it can be normalized to give an invariant probability measure.

Geodesic flows. Consider a geodesic flow on the unit tangent bundle $\pi : SM \rightarrow M$ of the Riemannian manifold (M, g) . Let $d\text{vol} = \sqrt{g} dx$ denote the Riemannian volume form on M , and let $d\sigma_m$ denotes the Lebesgue probability measure on the sphere $S_m M = \pi^{-1}\{m\}$. The Liouville measure μ , defined locally as $d\text{vol}(m) \times d\sigma_m$, is invariant under the geodesic flow.

Gauss map. Any irrational real number $x \in]0, 1[$ has a unique continued fraction representation of the form

$$x = [0; a_1, a_2, a_3, \dots] = \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + \frac{1}{a_3 + \frac{1}{\ddots}}}}$$

where the a_n are nonnegative integers. The equality sign and the “infinite fraction” above mean that the sequence of finite continued fractions

$$r_n = [0; a_1, a_2, \dots, a_n] = \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + \frac{1}{\ddots + \frac{1}{a_n}}}}$$

which are called “convergents”, do converge to x as $n \rightarrow \infty$. The sequence of rationals r_n (any such r_n provide the best rational approximation for x with denominator less or equal than that of r_n , as you may have been taught in a course on number theory) is inductively constructed as follows. First, observe that if $a_1 = [1/x]$ and $x_1 = 1/x - a_1$ we may write

$$x = \frac{1}{a_1 + x_1}$$

with $x_1 \in [0, 1]$. Then, since $x_1 \neq 0$, for otherwise x would be rational, we may define $a_2 = [1/x_1]$ and $x_2 = 1/x_1 - a_2$ to get

$$x = \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + x_2}}$$

Inductively, we see that

$$x = \frac{1}{a_1 + \frac{1}{a_2 + \frac{1}{\dots + \frac{1}{a_n + x_n}}}}$$

where $x_n = 1/x_{n-1} - a_n$ and $a_n = [1/x_{n-1}]$. This amounts to say that the sequence (x_n) is the trajectory of x under the *Gauss map* $g :]0, 1[\rightarrow]0, 1[$, defined as

$$x \mapsto 1/x - [1/x]$$

Observe that g is not defined at the origin, hence to iterate g we need to avoid all the preimages of 0, which are the rationals. This is not a problem if we want to study the statistical properties of g with respect to Lebesgue measure, since rationals form a subset of zero measure. The Gauss map admits an absolutely continuous invariant measure $\mu = \rho dx$, defined as

$$\mu(A) = \frac{1}{\log 2} \cdot \int_A \frac{1}{1+x} dx$$

for any Borel subset $A \subset]0, 1[$. The denominator $\log 2$ is there to normalize the measure, so we just have to check the invariance criterium for the density $\rho(x) = 1/(1+x)$. Since any $x' \in]0, 1[$ has one preimage $x_k = 1/(x' + k)$ in each interval $]1/(k+1), 1/k[$, we compute

$$\begin{aligned} \sum_{x \in g^{-1}\{x'\}} \frac{\rho(x)}{|\det g'(x)|} &= \sum_{k \geq 1} \frac{x_k^2}{1+x_k} \\ &= \sum_{k \geq 1} \left(\frac{1}{x' + k} - \frac{1}{x' + k + 1} \right) \\ &= \frac{1}{1+x'} = \rho(x') \end{aligned}$$

and we are done.

11 Recorrências

O objectivo da dinâmica topológica é a caracterização (topológica!) das possíveis histórias dos pontos. Isso começa a ser interessante quando a órbita de x não é finita.

11.1 Comportamento assintótico das órbitas infinitas: conjuntos ω e α limite

A coisa mais simples que pode acontecer, é que a trajetória de x seja uma sucessão convergente, e neste caso o seu limite é um ponto fixo.

As trajetórias podem não ser convergentes, mas pelo menos ter subsucessões convergentes. O conjunto ω -limite de x é o conjunto dos pontos limites da trajetória de x , ou seja

$$\omega_f(x) = \bigcap_{n=0}^{\infty} \overline{\bigcup_{k \geq n} \{f^k(x)\}}$$

o conjunto dos pontos $x' \in X$ tais que existe uma subsucessão $n_i \rightarrow \infty$ de tempos tal que $f^{n_i}(x) \rightarrow x'$ quando $i \rightarrow \infty$. Observe que, se a órbita de x não é finita, então $\omega_f(x) = \mathcal{O}_f^+(x)'$. O conjunto $\omega_f(x)$ é fechado e +invariante.

$\text{Lim}_f = \bigcup_{x \in X} \omega_f(x)$ denota o conjunto dos pontos ω -limites. Observe que, se x é periódico, então $\omega_f(x)$ é a sua órbita, e portanto

$$\text{Per}_f \subset \text{Lim}_f$$

Se f é invertível, o conjunto α -limite de x é definido por $\alpha_f(x) = \omega_{f^{-1}}(x)$, ou seja é o conjunto dos pontos $x' \in X$ tais que existe uma subsucessão $n_i \rightarrow \infty$ de tempos tal que $f^{-n_i}(x) \rightarrow x'$ quando $i \rightarrow \infty$. Neste caso, os conjuntos $\omega_f(x)$ e $\alpha_f(x)$ são fechados e invariantes. $\text{Lim}_{f^{-1}} = \bigcup_{x \in X} \alpha_f(x)$ denota o conjunto dos pontos α -limites.

Estes conjuntos podem ser vazios. Por exemplo, $\omega_f(x) = \emptyset$ quer dizer que a trajetória de x anda pelo espaço X sem voltar muitas vezes numas vizinhanças dos pontos que já visitou, e isto é possível desde que X não seja compacto. Se $\text{Lim}_{f^{\pm 1}}$ não forem vazios, têm a interpretação dos conjuntos onde as trajetórias "morrem" e "nascem", respetivamente (donde a notação ω e α).

(X compacto $\Rightarrow \omega_f(x) \neq \emptyset$) Se X é compacto, então a trajetória $(f^n(x))_{n \in \mathbb{N}_0}$ de todo ponto $x \in X$ admite subsucessões convergentes, e portanto $\omega_f(x) \neq \emptyset$. Analogamente, se f é um homeomorfismo, $\alpha_f(x) \neq \emptyset$ para todo ponto $x \in X$. Em particular, os conjuntos $\text{Lim}_{f^{\pm 1}}$ não são vazios.

Exercícios.

- Prove que $\omega_f(x)$ é fechado e +invariante. Prove que, se f é um homeomorfismo, então $\omega_f(x)$ e $\alpha_f(x)$ são fechados e invariantes.
- Dê exemplos que mostram que $\omega_f(x)$ e $\alpha_f(x)$ podem ser vazios.
- Mostre que $\text{Per}_f \subset \text{Lim}_f$.

11.2 Pontos recorrentes

O ponto x é *recorrente* se $x \in \omega_f(x)$. Observe que x é recorrente se, dada uma vizinhança arbitrária B de x , existe um tempo $n \geq 1$ tal que $f^n(x) \in B$, ou seja se a trajetória de x volta a visitar toda vizinhança de x . Isto implica que a trajetória de x passa infinitas vezes numa vizinhança arbitrária de x . Rec_f denota o conjunto dos pontos recorrentes de f .

Se f é um homeomorfismo, também tem interesse o conjunto $\text{Rec}_{f^{-1}}$, o conjunto dos pontos x tais que $x \in \alpha_f(x)$.

Um ponto periódico é recorrente, logo

$$\text{Per}_f \subset \text{Rec}_f$$

Exercícios.

- Defina uma ordem parcial em X da seguinte maneira: $x \prec x'$ se para todas vizinhanças U de x e V de x' existe um tempo $n \geq 1$ tal que $f^n(U) \cap V \neq \emptyset$. Prove que x é recorrente sse $x \prec x$.
- Mostre que $\text{Per}_f \subset \text{Rec}_f$.
- Dê exemplos que mostram que Rec_f e $\text{Rec}_{f^{-1}}$ podem ser vazios.

Pseudo-trajetórias e “chain-recurrent points”. Dado $\varepsilon > 0$, a sequência de pontos $\{x_k\}_{k=0,1,\dots,n}$ com $x_0 = x$ é dita ε -pseudo-trajetória de x se

$$d(x_{k+1}, f(x_k)) < \varepsilon$$

para todo $k = 0, 1, 2, \dots, n-1$. O ponto $x \in X$ é dito *chain-recurrent* se, para todo $\varepsilon > 0$, existe uma ε -trajetória $\{x_k\}_{k=0,1,\dots,n}$ com $x_0 = x_n = x$. Rec_f^ε denota o conjunto dos pontos chain-recurrent de f .

so what?

11.3 Invariant measures and recurrent points: Poincaré theorem

If f satisfies a condition (natural in physics) like “preserving a probability measure”, then there are a lot of recurrent points, actually almost any point is recurrent. If, moreover, the probability measure is diffuse, i.e. any non-empty open set has positive measure, then the set of recurrent points is also dense. These results, discovered by Jules Henri Poincaré around 1890, motivated the modern theory of dynamical systems. They show how weak informations on the transformation f may yield significative qualitative information about “almost all” orbits of the system. Here follow the precise statements, together with all the necessary technical details. If you don’t know the meaning of some words, like “measurable” or “Borel set”, don’t worry, just try to understand what’s going on. Poincaré himself didn’t know, yet!

Poincaré recurrence theorem (probabilistic version). *Let $f : X \rightarrow X$ be an endomorphism of a probability space (X, \mathcal{E}, μ) , and let $A \in \mathcal{E}$. Then the set*

$$A^{\text{rec}} = \{x \in A \text{ t.q. } f^n(x) \in_{\text{i.o.}} A\}$$

of those points of A whose orbit passes through A infinitely often has total probability, namely $\mu(A^{\text{rec}}) = \mu(A)$.

proof. For $k \geq 1$, let $B_k = \{x \in A \text{ s.t. } f^n(x) \notin A \forall n \geq k\}$ be the set of those points of A which never return in A after $n \geq k$ iterates. Observe that $B_k = A \cap (\cap_{n \geq k} f^{-n}(X \setminus A))$, and that $A^{\text{rec}} = A \setminus (\cup_{k \geq 1} B_k)$, and this shows in particular that A^{rec} is measurable. One sees that $f^{-nk}(B_k) \cap B_k = \emptyset$ for any $n \geq 1$ (for a point x in the intersection would be a point of B_k with $f^{kn}(x) \in A$ for some $kn \geq k$), and this implies that $f^{-nk}(B_k) \cap f^{-mk}(B_k) = \emptyset$ for any $n > m \geq 0$. The sets $f^{-nk}(B_k)$ all have the same measure $\mu(B_k)$, because μ is invariant, and are pairwise disjoint. This implies that $\mu(B_k) = 0$, because

$$\sum_{n \geq 1} \mu(B_k) = \sum_{n \geq 1} \mu(f^{-nk}(B_k)) = \mu(\cup_{n \geq 1} f^{-nk}(B_k)) \leq \mu(X) = 1$$

and so $\mu(A^{\text{rec}}) = \mu(A)$. \square

Now, let $f : X \rightarrow X$ be a continuous transformation of a metrizable topological space X , and let μ be an invariant Borel probability measure. If X admits a countable basis $(U_i)_{i \in \mathbb{N}}$, we can apply the above theorem to every open set U_i . This easily implies that the set of recurrent points has full measure, i.e.

$$\mu(\text{Rec}_f) = 1$$

In particular, since any set of full measure is dense in the support of a Borel measure, we get the following general result.

Poincaré recurrence theorem (topologic version). *Let $f : X \rightarrow X$ be a continuous transformation of a separable metrizable topological space X . The support of any invariant Borel probability measure μ is contained in the closure of the set of recurrent points, namely*

$$\text{supp}(\mu) \subset \overline{\text{Rec}_f}.$$

If, in particular, f admits an invariant measure μ which is diffuse (i.e. gives positive measure to any nonempty open set) then the set of recurrent points is dense in X , namely

$$\overline{\text{Rec}_f} = X.$$

Observe that if f is a homeomorphism, then the same applies to $\text{Rec}_{f^{-1}}$, and the support of any invariant Borel probability measure is contained in the closure of $\text{Rec}_f \cap \text{Rec}_{f^{-1}}$.

If you don't like the above proof, here is another, perhaps more elementary, of the last statement.

Alternative proof. Assume that the continuous map $f : X \rightarrow X$ preserves a diffuse Borel probability measure μ . For each $n \geq 1$, let

$$R_n = \{x \in X \text{ s.t. } \exists k \geq 1 \text{ s.t. } d(f^k(x), x) < 1/n\}$$

be the set of "1/n-recurrent" points. Of course, $\text{Rec}_f = \bigcap_{n=1}^{\infty} R_n$. The sets R_n are clearly open. To show that Rec_f is dense we must show that each R_n is, since then the Baire theorem implies that also their countable intersection is dense. So, take any nonempty ball B with diameter $< 1/n$. Its inverse images $f^{-1}(B)$, $f^{-2}(B)$, $f^{-3}(B)$,... have all the same measure $\mu(B) > 0$. Since $\mu(X) = 1$, they cannot be disjoint. There follows that there exist $k > 0$ and $n \geq 0$ such that $f^{-(n+k)}(B) \cap f^{-n}(B) \neq \emptyset$, and this implies that B contains a 1/n-recurrent point (for a point x in the intersection has both images $f^n(x)$ and $f^{n+k}(x) = f^k(f^n(x))$ in B , hence at distance $< 1/n$). Since B was arbitrary, this proves that each R_n is dense, and Baire theorem implies that Rec_f is dense too. \square

Example. Rotations of the circle preserve the Lebesgue probability measure. Hence, almost any point $x + \mathbb{Z}$ is recurrent for the rotation $R_\alpha : x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}$. If α is rational this is trivial, since all points are periodic. When α is irrational, this says that for any $\varepsilon > 0$ there exist an infinity of times $q \in \mathbb{N}$ that

$$d(x + \mathbb{Z}, x + q\alpha + \mathbb{Z}) < \varepsilon$$

hence for any $\varepsilon > 0$, there exist an infinity of rationals p/q such that

$$|q\alpha - p| < \varepsilon \quad \text{i.e.} \quad \left| \alpha - \frac{p}{q} \right| < \frac{\varepsilon}{q}$$

We know from continued fractions that the estimate is indeed better, since ε/q may be substituted by $1/q^2$.

11.4 Conjunto não-errante

Por volta dos anos trinta, George D. Birkhoff teve a ideia de dividir o espaço dos estados de um sistema dinâmico em duas classes de pontos com dinâmicas qualitativamente distintas.

O ponto x é *errante*²⁶ se admite uma vizinhança disjunta de todas as suas iteradas, i.e. se existe um aberto U que contém x tal que $U \cap f^n(U) = \emptyset$ para todo tempo $n \geq 1$. O ponto x não é errante se para toda vizinhança U de x existe um tempo $n \geq 1$ tal que $f^n(U) \cap U \neq \emptyset$.

O *conjunto não-errante* NW_f (do inglês "non-wandering set") é o conjunto dos pontos x que não são errantes. A ideia informal é que conjunto não-errante é onde acontece a dinâmica interessante, enquanto o conjunto errante é o conjunto dos pontos que a dinâmica esquece.

²⁶A palavra grega por "errante", ou seja, "vagabundo", "que vagueia ao acaso", era $\pi\lambda\alpha\nu\eta\tau\eta\varsigma$, ou seja, *planeta*.

O conjunto não-errante NW_f é fechado (o conjunto dos pontos errantes é aberto quase por definição, pois, se x é errante, todo ponto numa sua vizinhança é errante) e $+$ -invariante. Contém os ω -limites de todos os pontos de X , assim como os pontos recorrentes. As inclusões são

$$\text{Per}_f \subset \text{Lim}_f \subset \text{NW}_f \quad \text{e} \quad \text{Per}_f \subset \text{Rec}_f \subset \text{NW}_f$$

Se f é um homeomorfismo, NW_f , que é igual a $NW_{f^{-1}}$, é também invariante, e contém os ω - e α -limites de todos os pontos de X .

(X compacto $\Rightarrow NW_f \neq \emptyset$) Se X é compacto, então $NW_f \neq \emptyset$, porque todo ponto $x \in X$ tem $\omega_f(x) \neq \emptyset$ e porque $\text{Lim}_f \subset \text{NW}_f$.

Exercícios.

- Prove que o conjunto não-errante de um homeomorfismo é fechado, invariante e contém os ω - e α -limites de todos os pontos.
- Mostre que, se f é um homeomorfismo, então $NW_f = NW_{f^{-1}}$.
- Dê exemplos que mostram que NW_f pode ser vazio.
- Mostre que $\text{Per}_f \subset \text{Rec}_f \subset \text{NW}_f \subset \text{Rec}_f^c$. Dê exemplos que mostram que as inclusões podem ser estritas.
- Mostre que $\text{Per}_f \subset \text{Rec}_f \subset \text{NW}_f$ e portanto $\overline{\text{Per}_f} \subset \overline{\text{Rec}_f} \subset \text{NW}_f$. Mais difícil é arranjar exemplos que mostram que as inclusões podem ser estritas.
- Determine os conjuntos não errantes das transformações lineares do plano.

12 Transitividade e órbitas densas

Na sua genial tentativa de justificar a termodinâmica a partir da hipótese molecular, Ludwig Boltzmann fez a sua famosa "hipótese ergódica". Ele conjecturou que "a superfície de energia constante de um sistema de muitas partículas interagentes (um gás) é composta de uma única órbita" e esta órbita "passa em cada região da superfície um tempo assintoticamente proporcional ao volume da região". A primeira parte da hipótese equivale a dizer que a ação do tempo no espaço dos estados é "transitiva": para cada dois estados x e x' existe um tempo t tal que $\phi_t(x) = x'$. Ora, se o tempo é \mathbb{Z} , isto não pode acontecer, a não ser que X seja enumerável. Em realidade o Boltzmann pensava no caso contínuo, onde o tempo é \mathbb{R} , mas mesmo assim esta hipótese é falsa se X tem dimensão maior de um e se a ação é suficientemente suave para evitar fenômenos patológicos como curvas de Peano (e, aliás, as órbitas dos sistemas físicos são soluções de equações diferenciais, logo curvas diferenciáveis). O que sim pode acontecer, é que o sistema admita órbitas densas, e que estas sejam muitas. Este fenômeno, formalizado nas definições à seguir, é o correspondente topológico da ergodicidade, e o seu significado é que o espaço dos estados é essencialmente um único pedaço. A segunda parte da hipótese é de natureza probabilística, e é formalizada na definição de medida invariante ergódica.

12.1 Transitividade

Transformações transitivas. Seja X um espaço métrico completo e separável. Uma transformação contínua $f : X \rightarrow X$ é (*topologicamente*) *+transitiva* se verifica uma das condições equivalentes:

- i) para cada dois abertos não vazios $U, V \subset X$ existe um tempo $n \geq 0$ tal que $f^n(U) \cap V \neq \emptyset$,
- ii) existe um ponto $x \in X$ tal que $\omega_f(x) = X$,
- iii) existe um conjunto residual de pontos $x \in X$ tais que $\omega_f(x) = X$.

As implicações iii) \Rightarrow ii) \Rightarrow i) são óbvias, pois se $\omega_f(x) = X$, então a trajetória de x passa uma infinidade de vezes por todos os abertos não vazios de X . Para provar que i) \Rightarrow iii), a primeira observação é que a condição i) é equivalente a dizer que, para todo aberto não vazio V , a sua órbita $\cup_{n \geq 0} f^{-n}(V)$ é densa, e ainda mais, as suas órbitas $\cup_{n \geq k} f^{-n}(V) = \cup_{n \geq 0} f^{-n}(f^{-k}(V))$ são densas para todo $k \geq 0$. Agora, seja $(U_i)_{i \in \mathbb{N}}$ uma base enumerável da topologia de X . A família dos $\cup_{n \geq k} f^{-n}(U_i)$, com $k \geq 0$ e $i \geq 1$, é uma família de abertos densos em X . A sua interseção enumerável $R = \cap_{i \in \mathbb{N}} \cap_{k \geq 0} \cup_{n \geq k} f^{-n}(U_i)$ é um conjunto residual, e um ponto $x \in R$ tem uma trajetória que passa infinitas vezes por cada um dos abertos U_i , i.e. $\omega_f(x) = X$.

Também, é fácil de ver que i) implica que X não tem pontos isolados (desde que não tenha cardinalidade finita, caso trivial em que X é composto por uma única órbita). A ausência de pontos isolados implica que, de fato, $\mathcal{O}_f^+(x)' = X$ se $x \in R$.

(*+transitivo* \Rightarrow $NW_f = X$) Se $f : X \rightarrow X$ é *+transitivo*, então o seu conjunto não-errante é X , porque NW_f contém os conjuntos ω -limite dos pontos de X .

(*+transitivo* \Rightarrow Rec_f residual) Observe também que uma transformação *+transitiva* tem muitos pontos recorrentes, de fato um conjunto residual, porque se $\omega_f(x) = X$ então $x \in \omega_f(x)$.

Homeomorfismos transitivos. Existe uma noção mais fraca de transitividade, que só é significativa para as transformações invertíveis. Um homeomorfismo $f : X \rightarrow X$ é um *homeomorfismo (topologicamente) transitivo* se verifica uma das condições equivalentes:

- i) para cada dois abertos não vazios $U, V \subset X$ existe um tempo $n \in \mathbb{Z}$ tal que $f^n(U) \cap V \neq \emptyset$,
- ii) existe um ponto $x \in X$ tal que $\overline{\mathcal{O}_f(x)} = X$,
- iii) existe um conjunto residual de pontos $x \in X$ tais que $\overline{\mathcal{O}_f(x)} = X$.

As implicações iii) \Rightarrow ii) \Rightarrow i) são óbvias, pois, se a órbita completa de x é densa, passa pelo menos uma vez por todos os abertos não vazios de X . Para provar que i) \Rightarrow iii), a primeira observação é que a condição i) é equivalente a dizer que a órbita $\cup_{n \in \mathbb{Z}} f^n(V)$ de todo aberto não vazio V é densa em X . Agora, seja $(U_i)_{i \in \mathbb{N}}$ uma base enumerável da topologia de X . A família dos $\cup_{n \in \mathbb{Z}} f^n(U_i)$ é uma família de abertos densos. A sua interseção enumerável $R = \cap_{i \in \mathbb{N}} \cup_{n \in \mathbb{Z}} f^n(U_i)$ é um conjunto residual, e um ponto $x \in R$ tem uma trajetória completa que passa pelo menos uma vez por cada um dos abertos U_i , i.e. $\overline{\mathcal{O}_f(x)} = X$.

Observe que $f : X \rightarrow X$ é um homeomorfismo transitivo sse f^{-1} é um homeomorfismo transitivo. Um homeomorfismo transitivo pode não ser +transitivo, e, aliás, pode até não ter pontos recorrentes e ter conjunto não-errante vazio, desde que X não seja compacto!

(*transitivo \Leftrightarrow “dinamicamente conexo”*) Mais interessante é observar que um homeomorfismo $f : X \rightarrow X$ é um homeomorfismo transitivo sse X não contém uma reunião disjunta de dois subconjuntos abertos invariantes e não vazios. A implicação \Rightarrow é trivial. Para provar a implicação \Leftarrow , observe que, se $U, V \subset X$ são dois abertos não vazios, então $\cup_{n \in \mathbb{Z}} f^n(U)$ e $\cup_{n \in \mathbb{Z}} f^n(V)$ são abertos, invariantes e não vazios. Se não forem disjuntos, existem $n, m \in \mathbb{Z}$ tais que $f^n(U) \cap f^m(V) \neq \emptyset$, o que implica $f^{n-m}(U) \cap V \neq \emptyset$.

(*transitivo \Rightarrow as funções contínuas invariantes são triviais*) Se $f : X \rightarrow X$ é um homeomorfismo transitivo, então toda função contínua $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ invariante é constante. De fato, se φ não é constante, então assume pelo menos dois valores, $a < b$. Logo existe $c = (a + b)/2$ tal que $\{\varphi < c\}$ e $\{\varphi > c\}$ são invariantes, abertos, disjuntos, e não vazios, mas isto contradiz o resultado anterior.

Exercícios.

- Prove as implicações iii) \Rightarrow ii) \Rightarrow i) na definição de “transformação +transitiva”.
- Prove que, se $f : X \rightarrow X$ é +transitiva, então $NW_f = X$.
- Prove que se $f : X \rightarrow X$ é +transitiva, então o conjunto Rec_f dos pontos recorrentes é residual.
- Prove as implicações iii) \Rightarrow ii) \Rightarrow i) na definição de “homeomorfismo transitivo”.
- Prove que um homeomorfismo $f : X \rightarrow X$ é transitivo sse X não contém uma reunião disjunta de dois subconjuntos abertos invariantes e não vazios.
- Prove que, se $f : X \rightarrow X$ é um homeomorfismo transitivo, então toda função contínua $\varphi : X \rightarrow \mathbb{R}$ invariante é constante.
- Dê exemplos de homeomorfismos $f : X \rightarrow X$ que sejam transitivos mas que não sejam +transitivos.

Desafios.

- (*transitivo e $NW_f = X \Leftrightarrow$ +transitivo*) Mostre que um homeomorfismo $f : X \rightarrow X$ é +transitivo sse é um homeomorfismo transitivo e o seu conjunto não-errante é X . A implicação \Leftarrow é imediata ...
- Pode acontecer que uma transformação $f : X \rightarrow X$ seja topologicamente +transitiva mas tenha uma iterada f^n , com $n > 1$, que não é topologicamente +transitiva. Um exemplo trivial é uma permutação de um espaço finito, pois alguma iterada é a identidade. Em geral, se X é compacto, o que acontece é o seguinte: existe uma cobertura $X = X_1 \cup X_2 \cup \dots \cup X_k$, onde k é um inteiro que divide n e os X_i são subconjuntos compactos com interseções $X_i \cap X_j$

nowhere dense se $i \neq j$, tal que $f(X_i) = X_{i+1 \bmod k}$ e as restrições $f^n|_{X_i}$ são topologicamente +transitivas. A ideia é escolher um ponto $x \in X$ tal que $\omega_f(x) = X$, e definir $X_i = \omega_{f^n}(f^i(x)) \dots$

12.2 Minimalidade

A transitividade implica que muitos pontos têm órbitas densas. Isto não impede que existam pontos x cujas órbitas $\mathcal{O}_f^+(x)$ tenham aderências estritamente contidas em X .

Conjuntos minimais. Seja $f : X \rightarrow X$ uma transformação contínua. Um subconjunto fechado e não vazio $K \subset X$ é dito *minimal* se é +invariante e se não contém subconjuntos próprio fechados e +invariantes.

A órbita de um ponto periódico é um exemplo de um conjunto minimal.

Se K é minimal, então a órbita de todo $x \in K$ é densa em K , pois caso contrário a aderência $\overline{\mathcal{O}_f^+(x)}$ seria um subconjunto próprio de K , fechado e +invariantes. Isto implica que em particular $x \in \omega_f(x)$, e portanto todo ponto de um conjunto minimal é recorrente.

Se Min_f denota a reunião dos subconjuntos minimais de X , as inclusões são

$$\text{Per}_f \subset \text{Min}_f \subset \text{Rec}_f$$

Uma transformação arbitrária $f : X \rightarrow X$ pode não admitir conjuntos minimais (pense numa translação da reta real).

(X compacto $\Rightarrow \text{Min}_f \neq \emptyset$) Se o espaço X é compacto, podemos considerar a família \mathcal{C} dos subconjunto $C \subset X$ que são fechados, não vazios e +invariantes, munida da ordem parcial " \subset ". A família contém pelo menos um elemento, o próprio X . Pelo lema de Zorn²⁷ (observe que toda cadeia $\dots \subset C_{i+1} \subset C_i \subset \dots$ de elementos de \mathcal{C} tem um limite inferior, porque uma interseção de compactos encaixados é um compacto não vazio, e a invariância é preservada), \mathcal{C} contém um elemento minimal K , e este elemento minimal é um conjunto minimal. Em geral, se uma transformação $f : X \rightarrow X$ admite um compacto $C \subset X$ tal que $f(C) \subset C$, então admite pelo menos um conjunto minimal $K \subset C$.

(X compacto $\Rightarrow \text{Rec}_f \neq \emptyset$) Corolário é que uma transformação $f : X \rightarrow X$ definida num compacto admite pelo menos um ponto recorrente (que pode ser único!), pois $\text{Min}_f \subset \text{Rec}_f$.

Transformações minimais. Uma transformação contínua $f : X \rightarrow X$ é *minimal* se verifica uma das condições equivalentes:

- i) toda órbita $\mathcal{O}_f^+(x)$ é densa em X ,
- ii) X não contém um subconjunto próprio fechado e +invariante, e portanto é um conjunto minimal.

A equivalência i) \Leftrightarrow ii) acima é óbvia. Se X é um espaço discreto, a minimalidade implica que X é composto por uma única órbita, que pode ser finita. Caso contrário, uma transformação minimal não tem pontos periódicos.

(minimal \Rightarrow +transitiva) Obviamente, uma transformação minimal é +transitiva.

²⁷O lema de Zorn é um teorema de existência equivalente ao axioma da escolha.

Seja Ω um conjunto não vazio. Uma *ordem parcial* em Ω é uma relação \preceq reflexiva ($x \preceq x \forall x \in \Omega$), anti-simétrica ($x \preceq y$ e $y \preceq x \Rightarrow x = y$) e transitiva ($x \preceq y$ e $y \preceq z \Rightarrow x \preceq z$). Um *conjunto parcialmente ordenado* é um par (Ω, \preceq) , um conjunto não vazio Ω munido de uma ordem parcial \preceq .

Uma *ordem* em Ω é uma ordem parcial \preceq tal que $\forall x, x' \in \Omega$ temos $x \preceq x'$ ou $x' \preceq x$. Um *conjunto (totalmente) ordenado* é um par (Ω, \preceq) , um conjunto não vazio Ω munido de uma ordem \preceq .

Seja (Ω, \preceq) um conjunto parcialmente ordenado. Uma *cadeia* em Ω é um subconjunto não vazio $C \subset \Omega$ tal que a restrição de \preceq define uma ordem em C , i.e. tal que $\forall c, c' \in C$ temos $c \preceq c'$ ou $c' \preceq c$.

Sejam (Ω, \preceq) um conjunto parcialmente ordenado e seja $A \subset \Omega$ um subconjunto não vazio. Um elemento $s \in \Omega$ é dito um *limite superior (inferior)* de A se $s \preceq a \forall a \in A$ (se $a \preceq s \forall a \in A$). Um elemento $m \in A$ é dito *elemento maximal (minimal)* de A se nenhum outro elemento de A é maior (menor) que m , ou seja se $\forall a \in A$ $m \preceq a$ ($a \preceq m$) $\Rightarrow a = m$.

Lema de Zorn. Seja Ω um conjunto não vazio e parcialmente ordenado por \preceq , tal que toda cadeia $C \subset \Omega$ tem limite superior (inferior). Então Ω contém um elemento maximal (minimal).

Homeomorfismos minimais. O homeomorfismo $f : X \rightarrow X$ é um *homeomorfismo minimal* se toda órbita completa $\mathcal{O}_f(x)$ é densa em X , ou seja se X não contém um subconjunto próprio fechado e invariante.

Os homeomorfismos minimais são transitivos. A discussão acima pode ser repetida tirando os “+”... Em particular, um homeomorfismo $f : X \rightarrow X$ definido num espaço compacto admite pelo menos um subconjunto minimal K , ou seja neste caso um subconjunto fechado, não vazio e invariante que não contém subconjuntos próprios fechados e invariantes.

Exercícios.

- Dê exemplos de transformações $f : X \rightarrow X$ tais que $\text{Min}_f = \emptyset$.
- Prove as implicações i) \Leftrightarrow ii) na definição de “transformação minimal”.
- Prove as implicações i) \Leftrightarrow ii) na definição de “homeomorfismo minimal”.

12.3 Rotações irracionais do círculo

Teorema. *Uma rotação irracional do círculo é um homeomorfismo minimal.*

dem. Seja $+\alpha : x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}$ uma rotação do círculo \mathbb{R}/\mathbb{Z} , com $\alpha \notin \mathbb{Q}$. Se $+\alpha$ não é minimal, então existe uma órbita $\mathcal{O}_{+\alpha}(x)$ cuja aderência F não é igual a \mathbb{R}/\mathbb{Z} . O complementar $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus F$ é aberto, invariante e não vazio. Pela classificação dos abertos da reta, sabemos que $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus F$ é uma reunião enumerável de intervalos abertos (um “intervalo” do círculo é, por definição, um subconjunto conexo) não vazios e dois a dois disjuntos. Seja I o (ou um dos) que tem comprimento maior (porque existe?). Como as rotações preservam o comprimento, as imagens $(+\alpha)^n(I)$ com $n \in \mathbb{Z}$ não podem coincidir (porque $+\alpha$ não tem pontos periódicos) nem intersestar-se (porque a reunião seria um intervalo de comprimento maior). Logo elas são disjuntas e têm todas o mesmo comprimento $|I| > 0$, mas isto é impossível porque o círculo tem comprimento finito. \square

A informação “aritmética” deste teorema é que, dado $\alpha \notin \mathbb{Q}$, toda órbita

$$\{x + n\alpha + \mathbb{Z}, \text{ com } n \in \mathbb{Z}\}$$

é densa no círculo \mathbb{R}/\mathbb{Z} . De fato, é possível provar mais: toda órbita é “equidistribuída” no círculo, no sentido em que, dada uma função integrável φ no intervalo $[0, 1]$, as médias aritmética

$$\frac{1}{n+1} \sum_{j=0}^n \varphi(\{x + j\alpha\})$$

convergem para o integral $\int_0^1 \varphi(x) dx$ (veja o teorema de Kronecker e Weyl no capítulo sobre a ergodicidade).

Existe também a possibilidade de dar uma leitura “algébrica” deste resultado. Basta observar que a órbita de 0, a identidade do grupo, é o subgrupo cíclico de \mathbb{R}/\mathbb{Z} gerado por $\alpha + \mathbb{Z}$. Portanto o teorema diz que *os subgrupos próprios e fechados de \mathbb{R}/\mathbb{Z} são os subgrupos finitos.*

Example of a non-measurable set. If you believe the axiom of choice, you may consider a set B made of one (exactly one!) point for any orbit of an irrational rotation R_α of the circle. The images $B_n = R_\alpha^n(B)$, for $n \in \mathbb{Z}$, are pairwise disjoint and cover the circle. If B , hence all its images, were Lebesgue-measurable, then

$$\sum_{n \in \mathbb{Z}} |B| = \sum_{n \in \mathbb{Z}} |B_n| = |\cup_{n \in \mathbb{Z}} B_n| = |\mathbb{R}/\mathbb{Z}| = 1$$

since rotations preserve Lebesgue measure, so that $|B_n| = |B|$. But there exists no size $b = |B| \geq 0$ such that $\sum_{n \in \mathbb{Z}} b = 1$.

Exercício. Embora o resultado seja óbvio, é instructivo provar que as rotações racionais não são topologicamente transitivas usando o critério das funções invariantes, porque a demonstração pode estender-se às translações do toro. (Basta observar que, se $\alpha = p/q$ com p e q inteiros, a função $x \mapsto \sin(2\pi qx)$ está bem definida no círculo, é contínua, não é constante, e é invariante pela rotação $+\alpha$)

Rotações do toro. Seja $+\alpha : \mathbb{R}^n/\mathbb{Z}^n \rightarrow \mathbb{R}^n/\mathbb{Z}^n$ a translação do toro definida por

$$(x_1, x_2, \dots, x_n) + \mathbb{Z}^n \mapsto (x_1 + \alpha_1, x_2 + \alpha_2, \dots, x_n + \alpha_n) + \mathbb{Z}^n$$

Prove que, se os α_i não são racionalmente independentes, i.e. se existe $k \in \mathbb{Z}^n \setminus \{0\}$ tal que $\sum_{i=1}^n k_i \alpha_i = 0 \pmod{\mathbb{Z}}$, então $+\alpha$ não é topologicamente transitiva. Mais difícil é provar que a translação $+\alpha$ é minimal sse os α_i são racionalmente independentes, i.e. se não existe $k \in \mathbb{Z}^n \setminus \{0\}$ tal que $\sum_{i=1}^n k_i \alpha_i = 0 \pmod{\mathbb{Z}}$.

13 Homeomorfismos do círculo

O estudo dos campos de vetores no toro $\mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2$ levou Poincaré a considerar a necessidade de classificar as possíveis dinâmicas dos homeomorfismos do círculo. Um modelo é constituído pelas rotações $+\alpha$, cujo comportamento é determinado pela racionalidade ou menos do “número de rotação” α . Se α é racional, todo ponto é periódico, logo as órbitas são finitas. Se α é irracional, o sistema é minimal, e portanto toda órbita é densa. A chave para compreender homeomorfismos genéricos é a definição de um “invariante” que jogue o papel de α ...

13.1 Número de rotação

Sejam $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ um homeomorfismo do círculo, e $F : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ um levantamento de f . A seguir, assumimos que f “preserva a orientação”, ou seja que $\deg(f) = 1$, e portanto F é uma função contínua e estritamente crescente que verifica $F(x+1) = F(x) + 1$ para todo $x \in \mathbb{R}$.

O número de rotação de f é

$$\rho(f) = \tau(F) \pmod{\mathbb{Z}}$$

onde $\tau(F)$ é o número de translação de F , definido por

$$\tau(F) = \lim_{n \rightarrow \infty} \frac{F^n(x) - x}{n}$$

onde x é um ponto arbitrário da reta. A prova de que a definição acima faz sentido, e que o número de rotação é um invariante topológico, está contida nas seguintes observações.

O limite $\tau(F)$ existe. A transformação F e as suas iteradas F^n são homeomorfismos crescentes da reta que satisfazem $F^n(x+1) = F^n(x) + 1$ para todo $x \in \mathbb{R}$. Em particular, $F^n - \text{id}$ são funções periódicas de período um. Isto implica que

$$\max_{x,x'} |(F^n(x) - x) - (F^n(x') - x')| \leq 1$$

pois, pela periodicidade basta calcular o máximo no intervalo $[0, 1]$, e sabemos que F^n é crescente e que a imagem $F^n([0, 1])$ é um intervalo de comprimento um. Seja agora $a_n = F^n(x) - x$. A desigualdade acima implica que a sucessão (a_n) é “quase-subaditiva”, i.e. satisfaz

$$a_{n+m} \leq a_n + a_m + c$$

para todos $n, m \geq 0$, onde c é uma constante. De fato,

$$\begin{aligned} F^{n+m}(x) - x &= F^n(F^m(x)) - F^m(x) + F^m(x) - x \\ &= F^n(x) - x - F^n(x) + x + F^n(F^m(x)) - F^m(x) + F^m(x) - x \\ &\leq F^n(x) - x + F^m(x) - x + 1 \end{aligned}$$

e portanto basta escolher $c = 1$. A existência do limite $\lim_{n \rightarrow \infty} a_n/n$ é equivalente à existência do limite $\lim_{n \rightarrow \infty} b_n/n$, onde $b_n = a_n + c$. A sucessão (b_n) é subaditiva, ou seja satisfaz $b_{n+m} \leq b_n + b_m$. A sucessão (b_n) é crescente, e pela subaditividade satisfaz $b_n \leq nb_1$. Portanto, a sucessão (b_n/n) é limitada, logo existe $\lambda = \overline{\lim}_{n \rightarrow \infty} b_n/n$. Dado $\varepsilon > 0$, existe um natural N tal que $b_N/N < \lambda + \varepsilon$. Seja agora $n = kN + r$, com k inteiro não negativo e $0 \leq r < N$, e seja $B = \max_{1 \leq i < N} b_i$. Utilizando a subaditividade temos

$$\begin{aligned} b_n/n &\leq (b_{kN} + b_r)/n \leq (kb_N + b_r)/n \\ &\leq b_N/N + b_r/n \leq \lambda + \varepsilon + B/n \end{aligned}$$

Pela arbitrariedade de ε , a desigualdade acima implica que $\overline{\lim}_{n \rightarrow \infty} b_n/n \leq \lambda$, e portanto que o limite $\lim b_n/n$ existe e é igual a λ .

O limite $\tau(F)$ não depende do ponto x . Já vimos que $|(F^n(x) - x) - (F^n(x') - x')| \leq 1$, portanto

$$\left| \frac{F^n(x) - x}{n} - \frac{F^n(x') - x'}{n} \right| \leq 1/n$$

para todos x, x' e n . Isto implica que $\tau(F)$ é independente do ponto x escolhido na sua definição.

$\rho(f)$ não depende do levantamento F . Observe que dois levantamentos F e G de f diferem por um inteiro, ou seja $G(x) = F(x) + k$ para algum $k \in \mathbb{Z}$. Isto implica que $\tau(F) = \tau(G) + k$, pois $G^n(x) - x = F^n(x) - x + nk$. Portanto o número de rotação $\rho(f)$ está bem definido, não depende do levantamento escolhido.

$\rho(f)$ é invariante para conjugações topológicas. Seja $h : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ uma conjugação entre os homeomorfismos f e g . Se H é um levantamento de h e F é um levantamento de f , é imediato verificar que $H \circ F \circ H^{-1}$ é um levantamento de g . Não é difícil mostrar que a diferença $(H \circ F \circ H^{-1})^n(x) - F^n(x)$ é limitada, independentemente de x e de n . Basta observar que $(H \circ F \circ H^{-1})^n = H \circ F^n \circ H^{-1}$, que $|H(x) - x|$ e $|H^{-1}(x) - x|$ são limitados por uma constante independente de x , e utilizar a desigualdade do triângulo. Isto implica que $\tau(F) = \tau(H \circ F \circ H^{-1})$, e portanto que $\rho(f) = \rho(g)$.

Exercícios.

- Determine o número de rotação de uma rotação do círculo.
- Seja f um homeomorfismo do círculo. Mostre que $\rho(f^q) = q \cdot \rho(f) \pmod{\mathbb{Z}}$. (Observe que, se F é um levantamento de f , então F^q é um levantamento de f^q ...)

13.2 Teorema de classificação de Poincaré

O número de rotação contém a seguinte informação acerca da dinâmica de f .

Teorema. *O número de rotação $\rho(f)$ é racional sse f tem pontos periódicos.*

dem. \Leftarrow Se $F^q(x) = x + p$ com q e p inteiros, então $F^{nq}(x) - x = np$ para todo n , e portanto $\tau(F) = p/q$.

\Rightarrow Observando que $\rho(f^q) = q \cdot \rho(f) \pmod{\mathbb{Z}}$, basta provar que $\rho(f) = 0$ implica que f tem um ponto fixo. Se f não tem pontos fixos, então a função $F - \text{id}$ tem valores em $\mathbb{R} \setminus \mathbb{Z}$. Em particular, existe um levantamento tal que $F - \text{id}$ tem valores no intervalo $]0, 1[$ (porque $F - \text{id}$ é contínua e o seu domínio é conexo). Observando que $F - \text{id}$ é periódica de período um, deduzimos que o seu máximo e o seu mínimo são diferentes de 1 e 0 respetivamente, i.e. existe $\varepsilon > 0$ tal que $\varepsilon < F(x) < 1 - \varepsilon$ para todo $x \in [0, 1]$. Iterando as desigualdades, isto implica que $n\varepsilon < F^n(0) < n(1 - \varepsilon)$ e portanto que $\tau(F)$ não é inteiro. \square

É possível provar com pouco esforço que, se $\rho(f)$ é racional, então todos os pontos periódicos de f têm o mesmo período. Portanto, para compreender a estrutura das órbitas de um homeomorfismo com número de rotação racional é suficiente compreender as órbitas de um homeomorfismo f com pontos fixos. Se $F = \text{Fix}(f)$, então f induz homeomorfismos em cada componente conexa I de $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus F$. As imagens $f^n(x)$ dos pontos $x \in I \subset (\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus F$ convergem para pontos de $\partial I \subset F$ quando $n \rightarrow \pm\infty$. A estrutura de F é arbitrária: todo subconjunto compacto do círculo é o conjunto dos pontos fixos de um homeomorfismo.

A dinâmica dos homeomorfismos com número de rotação irracional é descrita pelo seguinte resultado.

Teorema de Poincaré. *Seja $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ um homeomorfismo do círculo (que preserva a orientação) com número de rotação irracional. Então*

- ou f é minimal, i.e. a órbita de todo ponto é densa no círculo,*
- ou existe um conjunto invariante $K \subset \mathbb{R}/\mathbb{Z}$, compacto, perfeito e com interior vazio (i.e. um conjunto de Cantor), tal que o conjunto ω -limite de todo ponto do círculo é igual a K .*

dem. Pelo lema de Zorn, a família dos subconjuntos não vazios do círculo que são compactos e invariantes, parcialmente ordenada pela inclusão, admite um elemento minimal K . Pela minimalidade, a órbita de todo ponto de K é densa em K . A fronteira ∂K e o conjunto derivado K' são compactos, invariantes e contidos em K , logo têm que ser vazios ou iguais a K . O homeomorfismo não tem pontos periódicos, logo K não pode ser finito. Pelo teorema de Bolzano-Weierstrass $K' \neq \emptyset$, logo $K' = K$, i.e. K é perfeito. Se $\partial K = \emptyset$, então $K = \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ e portanto f é minimal. Se, por outro lado, $\partial K = K$, então K tem interior vazio. Seja $x \in (\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus K$ e seja I a componente conexa de $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus K$ que contém x . As imagens $f^n(I)$ são dois a dois disjuntas (sempre porque f não tem pontos periódicos), e portanto $\text{diam}(f^n(I)) \rightarrow 0$ quando $n \rightarrow \infty$. Se $x' \in \partial I \subset K$, então $\omega_f(x') = K$, e a observação anterior implica que também $\omega_f(x) = K$, pois $d(f^n(x), f^n(x')) \leq \text{diam}(f^n(I)) \rightarrow 0$ quando $n \rightarrow \infty$. Em particular, isto mostra que o conjunto minimal K é único. \square

Mais interessante ainda é o seguinte resultado.

Teorema de classificação de Poincaré. *Seja $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ um homeomorfismo do círculo (que preserva a orientação) com número de rotação irracional.*

- i) Se f é minimal, então f é topologicamente conjugado à rotação $+\rho(f)$.*
- ii) Se f não é minimal, então a rotação $+\rho(f)$ é um fator de f .*

Se f é minimal, podemos construir uma conjugação H entre uma órbita de f e uma órbita de $+\rho(f)$, e depois definir uma conjugação $h : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ por continuidade, utilizando o fato das órbitas serem densas. Isto é possível porque as órbitas de f têm “a mesma ordem” das órbitas de $+\rho(f)$. Se f não é minimal, é possível construir uma semiconjugação $h : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ tal que o próprio \mathbb{R}/\mathbb{Z} seja a imagem $h(K)$ do conjunto minimal de f . De alguma maneira, a semiconjugação “esquece” $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus K$, o conjunto errante de f .

13.3 Difeomorfismos do círculo e teorema de Denjoy

Um homeomorfismo $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ com número de rotação irracional pode não ser minimal, logo ter um conjunto não errante $(\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus K$, composto por intervalos abertos I com imagens $f^n(I)$ disjuntas. Se f é de classe \mathcal{C}^1 , um controle sobre a derivada f' e o teorema do valor médio ajudam a estimar os comprimentos dos $f^n(I)$. O resultado, obtido por Arnaud Denjoy nos anos '30, é o seguinte.

Teorema de Denjoy. *Um homeomorfismo $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ com número de rotação irracional, de classe \mathcal{C}^1 e com derivada de variação limitada, é minimal, e portanto topologicamente conjugado à rotação $+\rho(f)$.*

A ideia é provar que, se f' tem variação limitada e I é um “intervalo errante”, os comprimentos dos $f^n(I)$ são uniformemente $> \varepsilon$ para algum $\varepsilon > 0$. Sendo disjuntos, isto leva a um absurdo. O próprio Denjoy mostrou como construir homeomorfismos de classe \mathcal{C}^1 , com derivada f' de classe α -Holder e $\alpha < 1$ arbitrário, que têm número de rotação irracional sem seres minimais.

Problema. Discuta a dinâmica da família de transformações do círculo $f_{\alpha,\varepsilon} : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ definidas por

$$x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \frac{\varepsilon}{2\pi} \sin(2\pi x) + \mathbb{Z}$$

ao variar os parâmetros α e ε .

do it

14 Perda de memória e independência assintótica

14.1 Órbitas desordenadas

Dicotomia: pontos regulares ou não regulares. Seja $f : X \rightarrow X$ uma transformação do espaço métrico (X, d) . As iterações de f dividem de maneira natural o espaço X em duas classes de pontos, dependendo se as órbitas são “estáveis” ou “instáveis” por pequenas perturbações da condição inicial.

O ponto $x \in X$ é *regular* se a família de transformações $\{f^n\}_{n \in \mathbb{N}_0}$ é equicontínua em x , ou seja, se para todo $\varepsilon > 0$ existe uma vizinhança B de x tal que para todo $x' \in B$ e todo tempo $n \geq 0$

$$d(f^n(x), f^n(x')) < \varepsilon$$

Do ponto de vista físico isto quer dizer que, se os instrumentos têm sensibilidade ε , as trajetórias de apenas um ponto em cada ε -bola são suficientes para descrever todas as trajetórias dos pontos regulares. Em particular, se X é compacto e todo ponto é regular, um número finito de trajetórias descreve o comportamento de todas as trajetórias a menos de um erro ε , por tempos arbitrariamente grandes.

O ponto $x \in X$ não é regular se existe $\delta > 0$ tal que para quaisquer vizinhança B de x existem $x' \in B$ e um tempo $n \geq 0$ tais que

$$d(f^n(x), f^n(x')) > \delta$$

O significado desta condição é que f “tem dependência sensível das condições iniciais” nas vizinhanças de x . Num certo sentido, as trajetórias de pontos numa vizinhança arbitrária de x “perdem memória” de x .

Dependência sensível das condições iniciais. Se o conjunto dos pontos não regulares for compacto, o δ acima pode ser escolhido independente do ponto. Isto sugere a seguinte definição.

A transformação $f : X \rightarrow X$ tem *dependência sensível das condições iniciais* se todos os pontos de X são “uniformemente” não regulares, ou seja, se existe $\delta > 0$ tal que para todo $x \in X$ e toda vizinhança B de x , existem $x' \in B$ e um tempo $n \geq 0$ tais que

$$d(f^n(x'), f^n(x)) > \delta$$

O significado físico deste fenómeno é: não importa quanto pequena seja a sensibilidade ε dos nossos instrumentos, as trajetórias de dois pontos x e x' que nos consideramos “indistinguíveis” (ou seja a distância $d(x, x') < \varepsilon$) distam mais de um certo δ , independente de ε , passado um certo tempo n .

Conjuntos de Julia e de Fatou. A dicotomia acima é particularmente significativa para os endomorfismos da esfera de Riemann $\bar{\mathbb{C}} = \mathbb{C} \cup \{\infty\}$, as transformações racionais $f : \bar{\mathbb{C}} \rightarrow \bar{\mathbb{C}}$, definidas por

$$z \mapsto f(z) = p(z)/q(z)$$

onde p e q são polinómios. Um ponto $z \in \bar{\mathbb{C}}$ é dito “regular” se admite uma vizinhança U tal que a família $\{f^n|_U\}_{n \geq 1}$ é uma família normal (i.e. toda sucessão de elementos da família admite uma subsucessão localmente uniformemente convergente). O conjunto F dos pontos regulares, que é um subconjunto aberto da esfera de Riemann, é dito *conjunto de Fatou*. O conjunto complementar, o fechado $J = \bar{\mathbb{C}} \setminus F$, é dito *conjunto de Julia*. O conjunto de Julia é onde acontece a dinâmica “desordenada” de f . Se a transformação é da forma $f(z) = z^n$ com $n > 1$ (ou conformemente conjugada a um polinómio deste tipo), então J é um círculo. Se f é mais complicado, acontece que J é tipicamente um conjunto muito irregular: um conjunto de Cantor, uma curva não retificável de dimensão de Hausdorff > 1 , ou um conjunto ainda mais esquisito. O estudo destes fenómenos começou por volta de 1918-19, com os trabalhos de Gaston Julia e Pierre Fatou. A compreensão da dinâmica dos endomorfismos da esfera de Riemann (devida essencialmente às técnicas disponíveis de análise complexa) é um dos maiores sucessos da moderna teoria dos sistemas dinâmicos. Uma introdução excelente está nas notas de John Milnor, *Dynamics in one complex variable*, IMS-SUNY Stony Brook 1990.

14.2 Mixing topológico

Transformações mixing. A transformação $f : X \rightarrow X$ é *topologicamente mixing* (ou seja, “misturadora”) se para cada dois abertos não vazios $U, V \subset X$ existe um tempo $n \geq 0$ tal que para todo tempo $k \geq n$

$$f^k(U) \cap V \neq \emptyset$$

(ou seja, basta esperar um certo tempo finito n para ver pontos de U cujas órbitas visitam V).

O mixing topológico captura a ideia de que o futuro $f^k(U)$, com $k > 1$, de cada aberto U é “assimptoticamente independente” do seu presente, pois intersesta estavelmente cada outro aberto não vazio V .

(*mixing* \Rightarrow *+transitivo*) Uma transformação topologicamente mixing é topologicamente *+transitiva*. Em particular, $\text{NW}_f = X$, e $\omega_f(x) = X$ é uma propriedade genérica.

(*mixing* \Rightarrow *dependência sensível*) O mixing topológico é uma propriedade ainda mais forte de que a dependência sensível das condições iniciais. Pois, seja $f : X \rightarrow X$ uma transformação topologicamente mixing do espaço métrico (X, d) com pelo menos dois pontos, e sejam U e V dois abertos disjuntos a distância $> 2\delta$, com $\delta > 0$. Dado $x \in X$, a órbita de toda vizinhança B de x intersesta os dois abertos a partir de um certo tempo $n \geq 0$, e portanto existe um ponto $x' \in B$ tal que $d(f^n(x'), f^n(x)) > \delta$.

Em particular, uma isometria não pode ser topologicamente mixing.

Desafios.

- Existe um homeomorfismo minimal (portanto topologicamente transitivo) que não é topologicamente mixing?
- Existe uma transformação topologicamente transitiva que não é nem minimal nem topologicamente mixing?
- Uma transformação $f : X \rightarrow X$ é dita *weakly mixing* se a ”transformação produto” $f \times f : X \times X \rightarrow X \times X$, definida por

$$(x, x') \mapsto (f(x), f(x'))$$

é topologicamente mixing. Mostre que uma transformação weak mixing (de um espaço X que contém mais do que um ponto) tem dependência sensível das condições iniciais. Mostre que todas as iteradas f^n de uma transformação weak mixing de um espaço compacto são *+transitivas*. Prove que

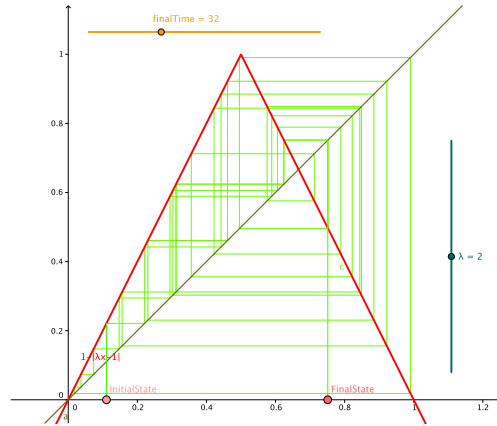
$$\text{mixing} \Rightarrow \text{weak mixing} \Rightarrow \text{+transitivo}$$

e dê exemplos que mostram que as implicações contrárias são falsas.

Transformação tenda. A *transformação tenda*²⁸ é a transformação $T : [0, 1] \rightarrow [0, 1]$ definida por

$$T(x) = \begin{cases} 2x & \text{se } x < 1/2 \\ 2 - 2x & \text{se } x \geq 1/2 \end{cases}$$

²⁸Um padeiro estica, dobra e amassa repetidamente a sua massa com o objetivo de “misturar”, ou seja de chegar a ter uma mistura de farinha e água e outros ingredientes que seja o quanto mais possível homogênea... Isto é mais ou menos o que faz a transformação tenda. Por alguma razão, o nome de *transformação do padeiro* é reservado ao seu análogo bidimensional e invertível.



Cobweb diagram of the tent map.

A iteração de T é simples, pois a composição de duas transformações afins é uma transformação afim.

Não é difícil provar por indução que em cada um dos intervalos $I_{k,n} = [\frac{k}{2^n}, \frac{k+1}{2^n}]$ com $k = 0, 1, 2, \dots, 2^n - 1$ a transformação T^n tem a forma

$$x \mapsto T^n(x) = \begin{cases} 2^n x + k & \text{se } k \text{ é par} \\ -2^n x + k + 1 & \text{se } k \text{ é ímpar} \end{cases}$$

Em particular, T^n é uma bijeção estritamente crescente ou decrescente de $I_{k,n}$ sobre o intervalo $[0, 1]$. O teorema de ponto fixo implica que T^n tem um e um único ponto fixo em cada um dos intervalos $I_{k,n}$ (que é repulsivo, pois a derivada de T^n é $2^n > 1$, e só coincide com um dos extremos quando $k = 0$), e portanto que $|\text{Fix}(T^n)| = 2^n$. Além disso, sendo que todo aberto não vazio $U \subset [0, 1]$ contém um dos intervalos $I_{k,n}$ se n é suficientemente grande, os pontos periódicos de T são densos no intervalo $[0, 1]$.

A transformação T é topologicamente mixing. De fato, todo aberto não vazio $U \subset [0, 1]$ contém um dos intervalos $I_{k,n}$ com n suficientemente grande, logo $T^n(U) = [0, 1]$ e portanto $T^k(U) = [0, 1]$ para todo tempo $k \geq n$ porque T é sobrejetiva. Isto implica que $T^k(U) \cap V \neq \emptyset$ para todo tempo $k \geq n$ e para todo aberto não vazio $V \subset [0, 1]$. Portanto existe um conjunto residual (i.e. grande!) de pontos x tais que $\omega_f(x) = [0, 1]$, ou seja cuja trajetória é essencialmente imprevisível!

Exercícios.

- Verifique que $h : x \mapsto \sin^2(\pi x/2)$ realiza uma conjugação topológica entre a transformação tenda T e a transformação $f_4 : [0, 1] \rightarrow [0, 1]$ da família quadrática, definida por $f_4(x) = 4x(1-x)$. Deduza
- Discuta a dinâmica da transformação $S : [0, 1] \rightarrow [0, 1]$ definida por

$$S(x) = \begin{cases} 2x & \text{se } x < 1/2 \\ 2x - 1 & \text{se } x \geq 1/2 \end{cases}$$

Cuidado, S não é contínua!, mas não é muito diferente da transformação tenda...

14.3 Dinâmica dos deslocamentos de Bernoulli

O deslocamento de Bernoulli $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ sobre um alfabeto finito $X = \{1, 2, \dots, z\}$ é o protótipo de uma transformação topologicamente mixing, e tem todas as propriedades típicas desta classe de transformações.

Uma base da topologia produto em $\Sigma^+ = X^{\mathbb{N}}$ é a família dos “cilindros centrados”, a família dos subconjuntos $C_\alpha = \{x = (\alpha, *)\}$ = “palavras infinitas que começam pela palavra α ”, ao variar α entre todas as palavras finitas nas letras do alfabeto X . Ora, se $U \subset \Sigma^+$ é um aberto não vazio, existe um cilindro centrado $C_\alpha \subset U$, e, se $|\alpha|$ denota o comprimento da palavra α , é imediato ver que $\sigma^n(C_\alpha) = \Sigma^+$ para todo $n \geq |\alpha|$, logo a fortiori $\sigma^n(U)$ intersesta todo aberto não vazio a partir do tempo $|\alpha|$. Isto prova que σ é topologicamente mixing.

Sendo σ topologicamente mixing, logo +transitiva, um ponto genérico de Σ^+ tem órbita densa.

Uma curiosidade é que neste exemplo é de fato imediato “construir” um ponto com órbita densa. Basta enumerar o conjunto das palavras finitas nas letras de X , por exemplo $\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, \dots$, e depois observar que a trajetória do ponto $x = (\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, \dots)$ passa por todos os elementos da base da topologia.

Menos obvio é construir um ponto x tal que $\omega_\sigma(x) = \Sigma^+$, que também sabemos ser uma propriedade genérica! Um exemplo é o ponto

$$x = (\alpha_1, \alpha_1, \alpha_2, \alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, \alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, \alpha_4, \alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, \alpha_4, \alpha_5, \dots)$$

cuja trajetória passa infinitas vezes por todos os elementos da base da topologia.

O shift de Bernoulli tem também muitos pontos periódicos. Per_f é um conjunto enumerável e denso em Σ^+ . De fato, dada uma palavra finita α arbitrária, o ponto $x = (\alpha, \alpha, \alpha, \dots)$ é periódico, e o seu período é um inteiro positivo que divide $|\alpha|$. Isto prova que a cardinalidade de $\text{Fix}(\sigma^n)$ é igual a cardinalidade das palavras de comprimento n nas letras do alfabeto X . Além disso, todo cilindro centrado contém um ponto periódico, pois C_α contém $(\alpha, \alpha, \alpha, \dots)$, logo os pontos periódicos são densos em Σ^+ .

Além de pontos periódicos e de pontos cuja órbita é densa, o shift de Bernoulli admite pontos cuja órbita é densa em subconjuntos próprios de Σ^+ . Por exemplo, a restrição de σ ao subconjunto $(X \setminus \{1\})^{\mathbb{N}} \subset \Sigma^+$ formado pelas palavras infinitas que não contêm a letra “1” é uma transformação topologicamente mixing (basta repetir a demonstração anterior), logo um ponto genérico $x \in (X \setminus \{1\})^{\mathbb{N}}$ tem órbita densa em $(X \setminus \{1\})^{\mathbb{N}}$...

Exercícios.

- Discuta em detalhes a dinâmica do deslocamento de Bernoulli. Considere o produto cartesiano $\Sigma^+ = X^{\mathbb{N}}$, onde $X = \{1, 2, \dots, z\}$ é um alfabeto finito. Verifique que a família dos cilindros centrados é uma base de uma topologia em Σ^+ , dita topologia produto.

Verifique que o shift de Bernoulli $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ sobre um alfabeto finito é uma transformação contínua

(observe que a imagem inversa de um cilindro centrado é uma reunião finita de z cilindros centrados, e deduza que a imagem inversa de um aberto é um aberto).

Prove que $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ é uma transformação expansora se a métrica em Σ^+ é definida por $d(x, x') = \sum_{n=1}^{\infty} \lambda^{-n} \cdot |x_n - x'_n|$, onde $\lambda > 1$.

Mostre que $|\text{Fix}(\sigma^n)| = |X|^n$.

Mostre que todo cilindro centrado de Σ^+ contém um ponto periódico de σ , e que portanto o conjunto dos pontos periódicos Per_σ é denso em Σ^+ .

Prove que $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ é topologicamente mixing.

Dê exemplos de pontos $x \in \Sigma^+$ tais que $\omega_\sigma(x) = X$.

De exemplos de pontos não pré-periódicos $x \in \Sigma^+$ tais que a aderência da órbita $\mathcal{O}_\sigma^+(x)$ seja um subconjunto próprio de Σ^+ .

- Seja $\Sigma = X^{\mathbb{Z}}$, o espaço das palavras infinitas $x = (\dots, x_{-2}, x_{-1}, x_0, x_1, x_2, \dots, x_n, \dots)$ nas letras do alfabeto finito $X = \{1, 2, \dots, z\}$, munido da topologia produto. Verifique que o shift $\sigma : \Sigma \rightarrow \Sigma$, definido por $(\sigma(x))_k = x_{k+1}$, é um homeomorfismo.

Determine a cardinalidade de $\text{Fix}(\sigma^n)$, e prove que os pontos periódicos são densos em Σ .

Prove que $\sigma : \Sigma \rightarrow \Sigma$ é topologicamente mixing.

Cadeias de Markov topológicas e codificação. A restrição do shift σ a um subconjunto invariante de Σ^+ (ou Σ) é dita um *sistema dinâmico simbólico*. A maneira mais simples de produzir subconjuntos invariantes é por meio de matrizes de transição (a ideia vem da teoria das cadeias de Markov). Seja $A = (a_{ij})$ uma "matriz de transição", ou seja uma matriz $z \times z$ com entradas 0 ou 1. Seja

$$\Sigma_A^+ = \{x \in \Sigma^+ \text{ t.q. } a_{x_n x_{n+1}} = 1 \forall n \geq 0\}$$

É fácil de ver que $\sigma(\Sigma_A^+) \subset \Sigma_A^+$. A restrição $\sigma_A = \sigma|_{\Sigma_A^+} : \Sigma_A^+ \rightarrow \Sigma_A^+$ é dita *cadeias de Markov topológicas* (ou *subshift of finite type*). A ideia é que o alfabeto representa os possíveis "estados" do sistema, e a "transição" entre o estado i e o estado j é possível se $a_{ij} = 1$.

Uma palavra finita x_1, x_2, \dots, x_n é *admissível* se $a_{x_k x_{k+1}} = 1$ para todos $k = 1, 2, \dots, n-1$, i.e. se é um pedaço de uma história possível do estado x_1 . O número de palavras admissíveis de comprimento $n+1$ que começam pela letra i e terminam pela letra j é igual a $(A^n)_{ij}$. Isto mostra que $|\text{Fix}(\sigma_A^n)| = \text{tr} A^n$. Este número pode ser estimado utilizando o teorema de Perron-Frobenius.

A cadeia de Markov topológica σ_A é dita *transitiva* se existe um tempo $k \geq 1$ tal que todas as entradas de A^k (e portanto as entradas de A^n se $n \geq k$) são positivas. O resultado relevante é que uma cadeia de Markov topológica transitiva é topologicamente mixing, e tem órbitas periódicas densas.

Os sistemas dinâmicos simbólicos são modelos abstratos de sistemas dinâmicos. Uma das ideias centrais da teoria é procurar "codificar" um sistema "concreto" $f : X \rightarrow X$ com um sistema simbólico. Uma estratégia possível é dividir X em subconjuntos fechados B_1, B_2, \dots, B_z tais que a história de todo $x \in X$, definida por $(x_0, x_1, x_2, \dots, x_n, \dots)$ onde $x_n = i$ sse $f^n(x) \in B_i$, determina univocamente o ponto x . Então, se $A = (a_{ij})$ é a matriz de 0 e 1's definida por $a_{ij} = 1$ se $B_j \subset f(B_i)$, e se f é suficientemente "desordenada", a cada história $(x_0, x_1, x_2, \dots, x_n, \dots) \in \Sigma_A^+$ corresponde um único ponto $x = \bigcap_{n=0}^{\infty} f^{-n}(B_{x_n})$. A esperança é que f seja conjugado a σ_A . Se X é conexo, os B_i têm que ter interseções não vazias, e portanto a correspondência entre Σ_A^+ e X não pode ser biunívoca. Mesmo assim, fora das histórias ambíguas, a dinâmica de f é descrita pela dinâmica de σ .

Transformação de padeiro. A *transformação do padeiro* é $f : [0, 1] \times [0, 1] \rightarrow [0, 1] \times [0, 1]$ definida por

$$(x, y) \mapsto \begin{cases} (2x, y/2) & \text{se } 0 \leq x \leq 1/2 \\ (2x-1, (y+1)/2) & \text{se } 1/2 < x \leq 1 \end{cases}$$

Discuta a sua dinâmica. Considere o shift de Bernoulli $\sigma : \Sigma \rightarrow \Sigma$ no produto cartesiano $\Sigma = \{0, 1\}^{\mathbb{Z}}$. Mostre que a aplicação $h : \Sigma \rightarrow [0, 1] \times [0, 1]$ definida por

$$x = (\dots, x_{-2}, x_{-1}, x_0, x_1, x_2, \dots, x_n, \dots) \mapsto \left(\sum_{n=0}^{\infty} \frac{x_{-n}}{2^n}, \sum_{n=1}^{\infty} \frac{x_n}{2^n} \right)$$

é uma semiconjugação entre σ e f . Deduza ...

14.4 Conjuntos de Cantor

As aderências das órbitas de transformações suficientemente "desordenadas" podem ter uma estrutura complicada, e, se forem desconexas, são tipicamente conjuntos de Cantor. Um *conjunto de Cantor* é um espaço métrico compacto, perfeito e totalmente desconexo.

Middle-third Cantor set. O arquétipo é o *conjunto de Cantor standard* (“middle-third Cantor set”)

$$K = \left\{ \sum_{n=1}^{\infty} \frac{x_n}{3^n} \text{ com } x_n \in \{0, 2\} \right\} \subset [0, 1]$$

o conjunto dos números entre 0 e 1 cuja representação em base 3 utiliza só as letras 0 e 2.

Outra definição é $K = [0, 1] \setminus \bigcup_{k=1}^{\infty} I_k$, onde os intervalos abertos I_k são definidos iterativamente da seguinte maneira: I_1 é o terço central $]1/3, 2/3[$ de $[0, 1]$, I_2 e I_3 são os terços centrais dos intervalos de $[0, 1] \setminus I_1$, a saber $]1/9, 2/9[$ e $]7/9, 8/9[$, ...etc.

Mais uma definição é $K = \bigcap_{k \geq 0} K_k$, onde

$$K_k = \left\{ \sum_{n=1}^{\infty} \frac{x_n}{3^n} \text{ com } x_1, x_2, \dots, x_k \in \{0, 2\} \text{ e } x_i \in \{0, 1, 2\} \text{ se } i > k \right\}$$

Observe que $\dots \subset K_{n+1} \subset K_n \subset \dots \subset K_0 = [0, 1]$, e que cada K_n é uma reunião disjunta de 2^n intervalos fechados de comprimento 3^{-n} . Em particular, K é compacto, pois é uma interseção enumerável de compactos encaixados.

As estranhas propriedades do conjunto de Cantor tem demonstrações muito simples observando que K é homeomorfo ao produto topológico $\{0, 2\}^{\mathbb{N}}$, i.e. ao espaço do deslocamentos de Bernoulli num alfabeto de duas letras. O homeomorfismo é simplesmente

$$\{0, 2\}^{\mathbb{N}} \ni x = (x_1, x_2, \dots, x_n, \dots) \mapsto \sum_{n=1}^{\infty} x_n/3^n \in K$$

K não tem pontos isolados, e portanto $K' = K$, i.e. é perfeito. De fato, um ponto $x \in K$ pertence a uma interseção $\bigcap_{n \geq 1} J_n$, onde $J_n = [a_n, b_n]$ são certas componentes conexas dos compactos K_n . Logo, pelo menos as duas sucessões distintas (a_n) e (b_n) de pontos de K convergem para x , pois $|b_n - a_n| = 3^{-n} \rightarrow 0$ quando $n \rightarrow \infty$.

A componente conexa de todo ponto $x \in K$ é $\{x\}$, i.e. K é totalmente desconexo. De fato, sejam x e x' dois pontos distintos de K . Se n é suficientemente grande, i.e. se $3^{-n} < d(x, x')$, os pontos x e x' estão em duas componentes conexas distintas de K_n .

A função $\{0, 2\}^{\mathbb{N}} \rightarrow \{0, 2\}^{\mathbb{N}} \times \{0, 2\}^{\mathbb{N}}$ definida por

$$(x_1, x_2, \dots, x_n, \dots) \mapsto ((x_1, x_3, \dots, x_{2n-1}, \dots), (x_2, x_4, \dots, x_{2n}, \dots))$$

induz um homeomorfismo de K sobre $K \times K$. Por indução, vê-se que K é homeomorfo a K^n para todo $n \in \mathbb{N}$. De fato, não é difícil provar que K é homeomorfo a $K^{\mathbb{N}}$.

Observe que $\{0, 2\}^{\mathbb{N}}$ é homeomorfo a $\{0, 1\}^{\mathbb{N}}$, e que a representação binária dos reais entre 0 e 1 é uma aplicação contínua de $\{0, 1\}^{\mathbb{N}}$ sobre o intervalo $[0, 1]$. Portanto, existe uma função contínua de K sobre o intervalo $[0, 1]$, e em particular, pelo teorema de Schröder-Bernstein, K tem a cardinalidade do intervalo.

Outra propriedade muito apreciada do conjunto de Cantor é a “auto-similaridade”. Assim como um intervalo compacto da reta é homeomorfo a todo seu subintervalo (não trivial) compacto, o conjunto de Cantor K contém muitos subconjuntos próprios homeomorfos a K . Por exemplo, a aplicação $x \mapsto 3x$ define um homeomorfismo de $K \cap [0, 1/3]$ sobre K (isto não é casual, mas tem muito a ver com a dinâmica da transformação $\times 3$ no círculo). De fato, todo aberto não vazio do conjunto de Cantor contém uma “cópia” do próprio conjunto. Formalmente, todo intervalo aberto da reta I tal que $I \cap K \neq \emptyset$ contém um subconjunto $J \subset I \cap K$ homeomorfo a K . Pois, se um intervalo aberto contém um ponto de K , então contém pelo menos uma das componentes conexas de K_n , digamos $J_n = [a_n, b_n]$, desde que n seja suficientemente grande. Não é difícil depois arranjar um homeomorfismo (por exemplo afim, da forma $x \mapsto 3^n(x - a_n)$) de J_n sobre K .

O “comprimento” (i.e. a medida de Lebesgue) de K é

$$|K| = \lim_{n \rightarrow \infty} |K_n| = \lim_{n \rightarrow \infty} 2^n \cdot 3^{-n} = 0.$$

O conjunto de Cantor é “muito pequeno”, mesmo tendo “o mesmo número de pontos” do intervalo!

Cantor invariante pela família quadrática. Seja $f_\lambda : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ a transformação definida por $x \mapsto \lambda x(1-x)$, onde $\lambda > 0$. A trajetória dos pontos $x \notin I = [0, 1]$ diverge, de fato $|f_\lambda^n(x)| \rightarrow \infty$ quando $n \rightarrow \infty$. O conjunto dos pontos da reta que têm órbitas limitadas é

$$\Lambda = \bigcap_{n \geq 0} f_\lambda^{-n}(I)$$

Se $\lambda > 4$, então $f_\lambda^{-1}([0, 1])$ é a reunião disjunta de dois intervalos fechados I_0 e I_1 contidos em I . Se λ é suficientemente grande, o módulo da derivada f'_λ é uniformemente > 1 nos pontos de I_0 e I_1 . Mostre que, se λ é suficientemente grande, $f_\lambda^{-(n+1)}(I)$ é uma reunião disjunta de 2^{n+1} intervalos compactos estritamente contidos, em pares, nos 2^n intervalos de $f_\lambda^{-n}(I)$. Deduza que Λ é um conjunto de Cantor, e que a transformação $f_\lambda|_\Lambda : \Lambda \rightarrow \Lambda$ é topologicamente conjugada ao shift de Bernoulli $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ no alfabeto $\{0, 1\}$.

14.5 Transformações expansoras

A dependência sensível das condições iniciais pode ser induzida por propriedades mais fortes. Uma maneira óbvia é “obrigar” f a esticar as distâncias, e isto pode ser feito de muitas maneiras.

Transformações expansoras. Uma transformação contínua $f : X \rightarrow X$ é *expansiva* se existe $\delta > 0$ tal que para todos $x, x' \in X$ distintos existe um tempo $n \geq 0$ tal que

$$d(f^n(x), f^n(x')) > \delta$$

Uma transformação contínua $f : X \rightarrow X$ é *expansora* se existem $\mu > 1$ e $\varepsilon > 0$ tais que para todos $x, x' \in X$ distintos com $d(x, x') < \varepsilon$

$$d(f(x), f(x')) > \mu \cdot d(x, x')$$

Esta é uma condição local, porque se ε fosse infinito nenhum espaço compacto admitiria transformações expansoras. Por outro lado, é precisamente nos espaços compactos que a expansividade causa recorrências interessantes das trajetórias: os pontos querem fugir uns dos outros, mas não têm muito espaço por onde ir, e acabam se reencontrando de vez em quando...

A existência de transformações expansoras implica fortes restrições topológicas sobre o espaço X . Se X é uma variedade, o recobrimento universal de X tem que ser \mathbb{R}^n e o grupo fundamental de X não pode ser arbitrário. Por exemplo, entre as superfícies fechadas e orientáveis, só o toro admite transformações expansoras!

Exercício. Dê exemplos de transformações expansoras de \mathbb{R} , de \mathbb{R}/\mathbb{Z} e de $\mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2$.

Desafios.

- Prove que não existe nenhuma transformação expansiva $f : I \rightarrow I$ definida num intervalo compacto $I \subset \mathbb{R}$. Observe que uma tal transformação seria localmente injetiva, logo estritamente crescente ou decrescente...
- Uma transformação expansora de um espaço compacto pode ser um homeomorfismo? A resposta é sim, mas só se o espaço compacto tiver cardinalidade finita! Arranjar um exemplo não é difícil. Por outro lado, mostrar que um espaço compacto e infinito não admite homeomorfismos expansores não é trivial...

Expansão decimal. Seja F a função $x \mapsto 10 \cdot x$ definida na reta real. Mostre que ela “induz” uma transformação contínua $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ do círculo, por meio de

$$f(x + \mathbb{Z}) = F(x) + \mathbb{Z}$$

(ou seja, mostre que esta expressão é independente do representante x escolhido para o ponto $x + \mathbb{Z}$ do círculo, e mostre que f é contínua).

Mostre que f é expansora, se o círculo é munido da métrica standard herdada da métrica euclidiana da reta. (Observe que, se $d(x, x') < 1/20$, então $d(f(x), f(x')) = 10 \cdot d(x, x')$...)

Seja $x = 0, x_1x_2x_3\dots$, com $x_n \in \{0, 1, 2, \dots, 9\}$, uma representação decimal de $x \in [0, 1[$, pensado como um ponto de \mathbb{R}/\mathbb{Z} . Mostre que $f(0, x_1x_2x_3\dots + \mathbb{Z}) = 0, x_2x_3x_4\dots + \mathbb{Z}$.

Procure os pontos fixos, periódicos, e pré-periódicos de f .

Calcule a cardinalidade de $\text{Fix}(f^n)$. Mostre que os pontos periódicos de f são densos no círculo.

Um número x é dito "periódico" se a sua representação decimal é da forma

$$x = b_nb_{n-1}\dots b_0.x_1x_2\dots x_n (a_1a_2\dots a_k)$$

Existem número não periódicos? Quantos? Sabe fazer exemplos?

Mostre que, para todo $\varepsilon > 0$ e todo $x \in \mathbb{R}/\mathbb{Z}$, existem $x' \in \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ e um tempo $n \geq 0$ tais que

$$d(x, x') < \varepsilon \quad \text{e} \quad d(f^n(x), f^n(x')) > 1/4$$

ou seja, que a transformação f tem a propriedade de dependência sensível das condições iniciais. (Observe que, se $d(x, x') < 1/2 \cdot 10^{-n}$, então $d(f^n(x), f^n(x')) = 10^n \cdot d(x, x')$...)

Mostre que, para todo intervalo não vazio $I \subset \mathbb{R}/\mathbb{Z}$, existe um tempo $n \geq 0$ tal que $f^k(I) = \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ para todo tempo $k \geq n$. Deduza que f é topologicamente mixing.

Seja $b = (b_1b_2\dots b_n)$ uma palavra finita no alfabeto $\{0, 1, 2, \dots, 9\}$. Prove que existe um conjunto residual de pontos $x \in [0, 1[$ tais que a representação em base 10 de x contém a palavra b uma infinidade de vezes (no sentido em que, se x é da forma $0.x_1x_2x_3\dots x_k\dots$, existem uma infinidade de $k \geq 0$ tais que $(x_{k+1}x_{k+2}\dots x_{k+n}) = (b_1b_2\dots b_n)$). Prove que existe um conjunto residual de pontos $x \in [0, 1[$ tais que a representação em base 10 de x contém todas as palavras finitas no alfabeto $\{0, 1, 2, \dots, 9\}$ uma infinidade de vezes. Dê exemplos.

(Emile Borel provou um teorema muito mais forte: o conjunto dos números $x \in [0, 1[$ tais que a representação em base 10 de x contém cada palavra finita b com frequência assintótica igual a 1 sobre o comprimento de b tem probabilidade (medida de Lebesgue) igual a 1. Veja a observação sobre números normais no capítulo sobre a ergodicidade.)

Transformações expansoras do círculo Seja λ um inteiro tal que $|\lambda| > 1$. A *transformação expansora standard* de grau λ é a transformação $\times \lambda : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$, definida por

$$x + \mathbb{Z} \mapsto \lambda \cdot x + \mathbb{Z}$$

A transformação $\times \lambda$ é topologicamente mixing. De fato, todo aberto não vazio $U \subset \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ contém um intervalo I de comprimento $|I| > |\lambda|^{-n}$, para algum n suficientemente grande, e $(\times \lambda)^k(I) = \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ para todo tempo $k \geq n$.

A transformação $\times \lambda$ tem um conjunto enumerável e denso de pontos periódicos.

A transformação $\times \lambda$ é um fator do shift de Bernoulli sobre um alfabeto de $|\lambda|$ letras (e o conjunto onde a semiconjugação falha de ser injetiva é pequeno!).

As transformações expansoras, além de pontos periódicos densos e de órbitas densas, admitem trajetórias que se acumulam em conjuntos bem mais complicados. Por exemplo, a transformação $\times 3$ preserva o conjunto de Cantor standard K (pensado como um subconjunto do círculo), i.e. $\times 3(K) \subset K$. Agora, a restrição $\times 3|_K : K \rightarrow K$ é topologicamente conjugada ao shift de Bernoulli $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ sobre o alfabeto $\{0, 2\}$ (quase!, de fato é um fator, pois a semiconjugação óbvia não é injetiva no ponto $(2, 2, 2, 2, \dots)$, que é igual a $(0, 0, 0, 0, \dots) \pmod{1}$, que é topologicamente mixing, logo existem (e muitos!) pontos de $K \subset \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ cuja $\times 3$ -órbita é densa em K .

Transformações expansoras não lineares. Seja agora $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ uma transformação expansora de classe \mathcal{C}^1 , ou seja tal que um seu levantamento $F : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$ é de classe \mathcal{C}^1 . Sendo F' uma função periódica de período um, a expansividade de f implica que existe $\mu > 1$ tal que $|F'(x)| > \mu$ em todo $x \in \mathbb{R}$, e que F' não muda de sinal. Em particular, o grau de f tem módulo > 1 , porque

$$|\text{deg}(f)| = |F(1) - F(0)| = \left| \int_0^1 F'(t) dt \right| = \int_0^1 |F'(t)| dt > 1.$$

Teorema. Toda transformação expansora $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ de classe \mathcal{C}^1 e grau λ é topologicamente conjugada à transformação expansora standard $\times \lambda$.

dem. Por simplicidade, assumimos que λ seja um inteiro > 1 . A ideia é construir uma conjugação entre os conjuntos das pré-imagens de um ponto fixo pelas iteradas de f e $\times\lambda$, e aproveitar do fato deles ser densos para estender a conjugação em todo o círculo. Sejam $x_k^i = i/\lambda^k$ com $i = 0, 1, \dots, \lambda^k - 1$. Então $\times\lambda(x_k^i) = x_{k-1}^{i'}$, onde i' é o único inteiro entre 0 e $\lambda^{k-1} - 1$ tal que $i = i' \bmod \lambda^{k-1}$. Sejam F um levantamento de f , e p o ponto fixo de F . Como F é estritamente crescente e $F(p+1) = p + \lambda$, existem $p = y_1^0 < y_1^1 < \dots < y_1^{\lambda-1} < p+1$ tais que $F(y_1^i) = p+i$. Indutivamente (em k) definimos os pontos y_k^i com $i = 0, 1, \dots, \lambda^k - 1$ tais que

$$y_{k-1}^i = y_k^{\lambda i} < y_k^{\lambda i+1} < \dots < y_k^{\lambda i+\lambda-1} < y_k^{\lambda i+\lambda} = y_{k-1}^{i+1}$$

e $F(y_k^i) = y_{k-1}^{i'}$, onde i' é o único inteiro entre 0 e $\lambda^{k-1} - 1$ tal que $i = i' \bmod \lambda^{k-1}$. Para cada intervalo $I_k^i = \pi([y_k^i, y_k^{i+1}])$ temos que $f^k(I_k^i) = \mathbb{R}/\mathbb{Z}$. Como f é expansora, i.e. existe $\mu > 1$ tal que $|F'(x)| > \mu$ em todo ponto x , cada um desses intervalos tem comprimento $|I_k^i| < \mu^{-k}$, e portanto a família de pontos $\{y_k^i\}_{k \in \mathbb{N}, i=0,1,\dots,\lambda^k-1}$ é densa em $[p, p+1]$. A função

$$H : \{y_k^i\}_{k \in \mathbb{N}, i=0,1,\dots,\lambda^k-1} \rightarrow \{x_k^i\}_{k \in \mathbb{N}, i=0,1,\dots,\lambda^k-1}$$

definida por $H(y_k^i) = x_k^i$ é estritamente monótona. A densidade dos pontos $\{y_k^i\}$ e $\{x_k^i\}$ permite estender H como um homeomorfismo $H : [p, p+1] \rightarrow [0, 1]$, logo como um homeomorfismo $h : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$. Vê-se facilmente que $\times\lambda \circ h = h \circ f$. \square

Em particular, dada uma transformação expansora do círculo $f : \mathbb{R}/\mathbb{Z} \rightarrow \mathbb{R}/\mathbb{Z}$ de classe \mathcal{C}^1 , toda transformação g suficientemente próxima de f na topologia \mathcal{C}^1 é topologicamente conjugada a f , porque a expansividade é uma condição aberta, e o grau é localmente constante (pois é uma função contínua com valores inteiros). Acabamos de provar o seguinte

Teorema. *As transformações expansoras do círculo de classe \mathcal{C}^1 são \mathcal{C}^1 -estruturalmente estáveis.*

14.6 Automorfismos hiperbólicos do toro

A expansividade não é necessária para induzir o mixing topológico. Foi o Dmitri Victorovich Anosov que, a partir dos exemplos geométricos dos fluxos geodésicos em superfícies de curvatura negativa estudados por Hadamard, Hopf, ..., descobriu nos anos sessenta uma classe muito grande de transformações "desordenadas" e estruturalmente estáveis. O protótipo é a família dos automorfismos hiperbólicos do toro.

O toro de dimensão dois é o espaço quociente $\mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2$. Uma aplicação linear $A : \mathbb{R}^2 \rightarrow \mathbb{R}^2$, definida por uma matriz 2×2 com coeficientes inteiros, induz uma aplicação contínua $f : \mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2 \rightarrow \mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2$, definida por

$$f(x + \mathbb{Z}^2) = A(x) + \mathbb{Z}^2$$

Se a matriz A tem determinante ± 1 , então também a sua inversa tem coeficientes inteiros, logo respeita o retículo \mathbb{Z}^2 , e portanto f é invertível, é um "automorfismo" do toro. A existência de tais homeomorfismos é devida a razões aritméticas: as linhas e as colunas destas matrizes são pares de inteiros relativamente primos. Os automorfismos do toro que preservam a orientação, i.e. induzidos por matrizes com determinante $+1$, formam o grupo $SL(2, \mathbb{Z})$. Um exemplo é o automorfismo f induzido pela matriz

$$A = \begin{pmatrix} 2 & 1 \\ 1 & 1 \end{pmatrix}$$

É imediato verificar que, se $x \in \mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2$ é um ponto periódico, então as suas coordenadas são racionais. Por outro lado, o conjunto dos pontos do toro cujas coordenadas são múltiplos inteiros de $1/n$ é um conjunto finito e $+$ -invariante. Isto implica que todos os pontos com coordenadas racionais são periódicos, e portanto que os pontos periódicos são densos. Também, é possível mostrar que $|\text{Per}_n(f)| = |\det(A^n - \text{id})|$. Os autovalores de A são

$$\lambda_+ = \frac{3 + \sqrt{5}}{2} \quad \text{e} \quad \lambda_- = \frac{3 - \sqrt{5}}{2}$$

Como A é simétrica, os vetores próprios são ortogonais. Resulta que \mathbb{R}^2 é a soma direta $E_+ \oplus E_-$ dos espaços próprios de A . A transformação A estica os vetores de E_+ pelo fator λ_+ e contrai os vetores de E_- pelo fator λ_- . Observe que f preserva a área, pois $\lambda_+ \cdot \lambda_- = 1$, mas não preserva as "formas". As projeções das linhas $x + E_{\pm} \subset \mathbb{R}^2$ em $\mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2$ contêm as órbitas de uma translação minimal do toro (porque λ_{\pm} são irracionais) e portanto são densas. Seja R um pequeno quadrado com lados de comprimento ε paralelos às linhas E_{\pm} . A imagem $f^n(R)$ é um "retângulo" com lados $\varepsilon \cdot \lambda_+^n$ e $\varepsilon \cdot \lambda_-^n$, paralelos às linhas E_{\pm} , respetivamente. Quando n cresce, o complementar $(\mathbb{R}^2/\mathbb{Z}^2) \setminus f^n(R)$ não contém bolas de raio maior de ε , onde $\varepsilon \rightarrow 0$ quando $n \rightarrow \infty$, logo $f^n(R)$ intersesta estavelmente cada aberto não vazio do toro. Isto mostra que f é topologicamente mixing. O resultado realmente interessante é o teorema de Anosov, que diz que f é \mathcal{C}^1 -estruturalmente estável.

15 Dimensions, fractals and entropy

15.1 Dimensions of metric spaces

Conjunto ε -densos e ε -separados. The following notions of the approximate massiveness of a metric space (X, d) are due to Kolmogorov's school²⁹.

An ε -covering of (X, d) is a covering of $X \subset \cup_{\alpha} C_{\alpha}$ by subsets of diameters $\text{diam}(C_{\alpha}) < 2\varepsilon$. Call $C_{\varepsilon}(X, d)$ the minimal cardinality of an ε -covering of X .

An ε -net for (X, d) is a collection $A \subset X$ of points such that any point of X is at a distance not exceeding ε from some point of A , i.e. $X \subset \cup_{a \in A} \{x \in X \text{ s.t. } d(x, a) < \varepsilon\}$. Call $N_{\varepsilon}(X, d)$ the minimal cardinality of an ε -net for X . If X is a centered space (any subset of diameter $2r$ is contained in a ball of radius r centered in some point of X) then $N_{\varepsilon}(X, d) = C_{\varepsilon}(X, d)$.

A subset $B \subset X$ is said ε -separated if its points are a distance greater than ε from each other. Call $S_{\varepsilon}(X, d)$ the maximal cardinality of a set of ε -separated points inside X .

These three definitions make sense if the above extremal cardinalities are finite for every $\varepsilon > 0$, and it is not difficult to see that this happens simultaneously. The class of metric spaces with this property is called the class of *totally bounded sets* and the main examples are compact spaces.

The base 2 logarithms of these quantities have interpretations related to the probabilistic theory of transmission of signal, and are called

$$\begin{aligned} \log_2 C_{\varepsilon}(X, d) & \quad \text{minimal (or absolute) } \varepsilon\text{-entropy of } (X, d) \\ \log_2 N_{\varepsilon}(X, d) & \quad \varepsilon\text{-entropy of } (X, d) \\ \log_2 S_{\varepsilon}(X, d) & \quad \varepsilon\text{-capacity of } (X, d) \end{aligned}$$

Exercícios.

- Show that an ε -net defines an ε -covering, and any ε -covering determines a 2ε -net, so that

$$C_{\varepsilon}(X, d) \leq N_{\varepsilon}(X, d) \leq C_{2\varepsilon}(X, d)$$

- Show that a maximal ε -separated set is a ε -net, and that any ε -ball centered at a point of a minimal ε -net cannot contain more than one point of a 2ε -separated set, so that

$$S_{2\varepsilon}(X, d) \leq N_{\varepsilon}(X, d) \leq S_{\varepsilon}(X, d)$$

Box-counting dimensions. The *upper* and *lower box counting dimension* (also known as *Minkowski dimensions* or *metric dimensions*) of the metric space (X, d) are defined as

$$\begin{aligned} \overline{\dim}_b(X) &= \limsup_{\varepsilon \downarrow 0} - \frac{\log N_{\varepsilon}(X, d)}{\log \varepsilon} \\ \underline{\dim}_b(X) &= \liminf_{\varepsilon \downarrow 0} - \frac{\log N_{\varepsilon}(X, d)}{\log \varepsilon} \end{aligned}$$

We get the same values if we substitute $S_{\varepsilon}(X, d)$ or $C_{\varepsilon}(X, d)$ to $N_{\varepsilon}(X, d)$ in the above formulas (just compare the counting functions at the values ε and 2ε).

For reasonable self-similar metric spaces the two limits coincide, and their common value $\dim_b(X)$ is simply called *box counting dimension*.

Exercícios.

- Show that the box-counting dimension of the n -dimensional cube $[0, 1]^n$ is what you expect, namely $\dim_b([0, 1]^n) = n$.
- Consider the interval $[0, 1]$ equipped with the Euclidean metric d , and define new metrics $d_{\alpha}(x, y) = d(x, y)^{\alpha}$, for $\alpha \leq 1$. Compute the box-counting dimension of $([0, 1], d_{\alpha})$.

²⁹A.N. Kolmogorov and V.M. Tihomirov, ε -entropy and ε -capacity of sets in functional spaces, *Uspekhi Mat. Nauk* **14** (1959), 3-86. [Translated in *Amer. Math. Soc. Transl.*, series 2, **17** (1961), 277-364.]

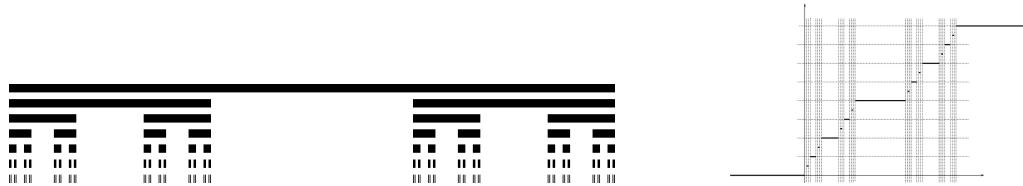
15.2 Fractals

The word “fractal” (from the Latin FRACTUS) was coined by [Benoît Mandelbrot](#) in 1975 [[Ma75](#)] to generically denote a family of self-similar, scale-invariant metric spaces with non-integer box-counting (or other) dimension.

Peano curves. The dimension is not preserved under continuous maps! In 1890 Giuseppe Peano³⁰ discovered the existence of “space-filling curves”, continuous maps of the interval $[0, 1]$ onto the unit square $[0, 1] \times [0, 1]$.

Here is a modern construction. The middle-third Cantor set $K \subset [0, 1]$ is homeomorphic to its powers, in particular to $K \times K$. Since there exists a continuous map of K onto $[0, 1]$, one can define a continuous map f of K onto the unit square $[0, 1] \times [0, 1]$. This map can be extended (the complement $[0, 1] \setminus K$ is a countable union of open intervals (a_n, b_n) , where we may take, for example, the affine segment joining $f(a)$ to $f(b)$) to a continuous map of the unit interval onto the unit square.

Middle-third Cantor set and devil’s staircase.



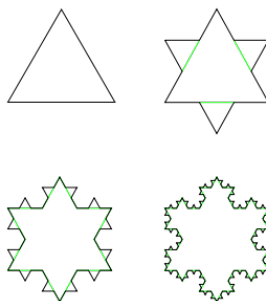
Seven stages of the construction of the Cantor set and graph of the Cantor function
(from http://en.wikipedia.org/wiki/Cantor_set and http://en.wikipedia.org/wiki/Cantor_function)

Sierpinski gasket.



Five stages of the construction of the Sierpinski gasket
(from http://en.wikipedia.org/wiki/Sierpinski_gasket)

von Koch snowflake. The *von Koch snowflake* is a continuous nowhere differentiable curve³¹. The box-counting dimension is $\log 4 / \log 3$.

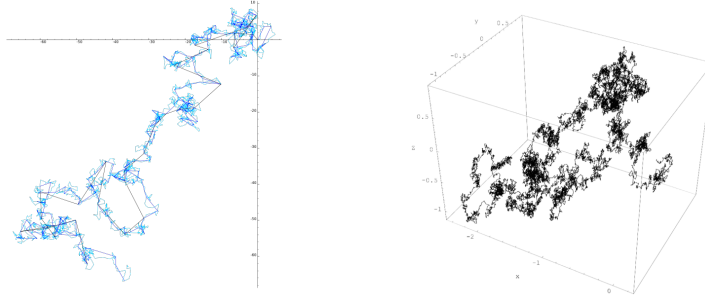


Four stages of the construction of the von Koch snowflake
(from http://en.wikipedia.org/wiki/Koch_snowflake)

³⁰G. Peano, Sur une courbe, qui remplit toute une aire plane”, *Mathematische Annalen* **36** (1) (1890), 157-160. doi: [10.1007/BF01199438](https://doi.org/10.1007/BF01199438)

³¹Helge von Koch, Sur une courbe continue sans tangente, obtenue par une construction géométrique élémentaire, *Archiv för Matematik, Astronomi och Fysik* **1** (1904), 681- 702.

Brownian trajectories. Other continuous curves which are not differentiable are “typical” paths of a Brownian motion.



Trajectories of a random walk on the plane and a Wiener process in 3-dimensional space
(from http://en.wikipedia.org/wiki/Brownian_motion)

15.3 Self-similarity and iterated function systems

Iterated Function Systems. An *iterated function system (IFS)* is a finite collection

$$f_1 : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n, \quad f_2 : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n, \quad \dots, \quad f_m : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n$$

of contractions of the Euclidean space \mathbb{R}^n . An *invariant set* for the IFS is a compact subset $K \subset \mathbb{R}^n$ such that

$$K = f_1(K) \cup f_2(K) \cup \dots \cup f_m(K)$$

Let $\text{Comp}(\mathbb{R}^n)$ be the space of non-empty compact subsets $X \subset \mathbb{R}^n$, equipped with the *Hausdorff metric*

$$\begin{aligned} d_H(X, Y) &= \max\left\{\sup_{x \in X} \inf_{y \in Y} d(x, y), \sup_{y \in Y} \inf_{x \in X} d(x, y)\right\} \\ &= \inf\{\varepsilon > 0 \text{ s.t. } X \subset Y_\varepsilon \text{ and } Y \subset X_\varepsilon\} \end{aligned}$$

(above, $C_\varepsilon = \cup_{c \in C} \{x \in \mathbb{R}^n \text{ s.t. } d(x, c) < \varepsilon\}$ denotes the ε -neighborhood of a subset $C \subset \mathbb{R}^n$). One can prove that $(\text{Comp}(\mathbb{R}^n), d_H)$ is a complete space. The *Hutchinson operator*³² $H : \text{Comp}(\mathbb{R}^n) \rightarrow \text{Comp}(\mathbb{R}^n)$, defined as

$$H(X) = \cup_{k=1}^m f_k(X),$$

is a contraction of $\text{Comp}(\mathbb{R}^n)$. There follows from the Banach fixed point theorem that

Theorem. *There exists a unique non-empty compact subset $K \subset \mathbb{R}^n$ such that $H(K) = K$. Moreover, $K = \lim_{n \rightarrow \infty} H^n(C)$ for any non-empty compact set $C \subset \mathbb{R}^n$.*

The “chaos game” to plot the attractor. To plot the attractor, one can start with a (small) set of points, and apply randomly the contractions f_k ’s.

Exercícios.

- Show that the middle-third Cantor set is the invariant set for the contractions

$$x \mapsto \frac{1}{3}x \quad x \mapsto \frac{1}{3}x + \frac{2}{3}$$

on the real line.

Sierpinski gasket.

³²J.E. Hutchinson, Fractals and self-similarity, *Indiana Univ. Math. J.* **30**, no. 5 (1981), 713-747.

von Koch snowflake. The snowflake may be defined as the invariant set $K \subset \mathbb{C}$ for the IFS

$$z \mapsto az \quad z \mapsto a + (1-a)z$$

with $a = \frac{1}{2} + i\frac{1}{\sqrt{12}}$.

De Rham's curves. ³³

Paul Lévy's dragon curve. The *Lévy's dragon*, or *Lévy C curve*, is a curve with non-empty interior ³⁴

$$z \mapsto az \quad z \mapsto a + \bar{a}z$$

with $a = \frac{1}{2} + i\frac{1}{2}$.

Leaves. Using affine contractions of the plane \mathbb{R}^2 ,

$$f_k : x \mapsto A_k x + \alpha_k$$

with $A_k \in M_{2 \times 2}(\mathbb{R})$ and $\alpha_k \in \mathbb{R}^2$, playing with their parameters, Michael Barnsley was able to reproduce patterns similar to the one observed in ferns.

Below are different kinds of *Barnsley fern*.



Pictures taken from http://en.wikipedia.org/wiki/Barnsley's_fern

15.4 Kleinian groups

[MSW02] ...

to be done?

15.5 Entropia topológica

O fenómeno da dependência sensível das condições iniciais por ser “quantificado”, e isto produz um importante invariante topológico chamado “entropia topológica”.

Entropia topológica. Seja $f : X \rightarrow X$ uma transformação contínua do espaço topológico compacto X . Se d é uma métrica que induz a topologia de X , podemos definir uma família de métricas d_n , dependentes do tempo $n \geq 0$, por meio de

$$d_n(x, y) = \max_{0 \leq k \leq n} d(f^k(x), f^k(y))$$

Ou seja, $d_n(x, y)$ é “a distância máxima distância entre as n -trajetórias de x e y ”.

Se pensamos em $\varepsilon > 0$ como a precisão dos nossos instrumentos, $N_\varepsilon(X, d_n)$ representa “o número mínimo de n -órbitas necessárias para descrever as órbitas de todos os pontos de X com erro $\leq \varepsilon$ ”, e $S_\varepsilon(X, d_n)$ representa “o número máximo de n -órbitas que os nossos instrumentos com sensibilidade ε conseguem distinguir”. Se X é compacto, estes números são finitos, e crescem quando n cresce e quando ε decresce.

³³G. de Rham, Sur quelques courbes définies par des équations fonctionnelles, *Rend. Sem. Mat. Torino* **16** (1957), 101-113.

³⁴P. Lévy, Les courbes planes ou gauches et les surfaces composées de parties semblables au tout, *J. Ecole Polytechn.* (1938), 227-247, 249-291.

De facto, é imediato ver que

$$C_\varepsilon(X, d_{n+m}) \leq C_\varepsilon(X, d_n) \cdot C_\varepsilon(X, d_m)$$

Portanto, a sequência $c_n = \log C_\varepsilon(X, d_n)$ é subaditiva, ou seja, satisfaz $c_{n+m} \leq c_n + c_m$.

Subadditive sequence lemma. *Let $(a_n)_{n \in \mathbb{N}}$ be a quasi-subadditive real sequence, i.e. a sequence such that*

$$a_{n+m} \leq a_n + a_m + c$$

for any $n, m \in \mathbb{N}$ and some $c \geq 0$. Then there exists the limit

$$\lim_{n \rightarrow \infty} \frac{a_n}{n} \in \mathbb{R} \cup \{-\infty\}.$$

Proof. A existência do limite $\lim_{n \rightarrow \infty} a_n/n$ é equivalente à existência do limite $\lim_{n \rightarrow \infty} b_n/n$, onde $b_n = a_n + c$. A sucessão (b_n) é subaditiva, ou seja satisfaz $b_{n+m} \leq b_n + b_m$, donde $b_n \leq nb_1$. Portanto, a sucessão (b_n/n) é limitada, logo existe $\lambda = \overline{\lim}_{n \rightarrow \infty} b_n/n$. Dado $\varepsilon > 0$, existe $N \in \mathbb{N}$ tal que $b_N/N < \lambda + \varepsilon$. Seja agora $n = kN + r$, com $k \in \mathbb{N}$ e $0 \leq r < N$, e seja $B = \max_{1 \leq i < N} b_i$. Utilizando a subaditividade temos

$$\begin{aligned} b_n/n &\leq (b_{kN} + b_r)/n \leq (kb_N + b_r)/n \\ &\leq b_N/N + b_r/n \leq \lambda + \varepsilon + B/n \end{aligned}$$

Pela arbitrariedade de ε , a desigualdade acima implica que $\overline{\lim}_{n \rightarrow \infty} b_n/n \leq \lambda$, e portanto que o limite $\lim b_n/n$ existe e é igual a λ . \square

A entropia topológica da transformação $f : X \rightarrow X$ é a taxa de crescimento exponencial de $C_\varepsilon(X, d_n)$ e $S_\varepsilon(X, d_n)$, ou seja,

$$\begin{aligned} h_{\text{top}}(f) &= \lim_{\varepsilon \downarrow 0} \overline{\lim}_{n \rightarrow \infty} \frac{\log_2 C_\varepsilon(X, d_n)}{n} \\ &= \lim_{\varepsilon \downarrow 0} \underline{\lim}_{n \rightarrow \infty} \frac{\log_2 S_\varepsilon(X, d_n)}{n} \end{aligned}$$

A notação sugere que o limite iterado não depende da métrica, mas apenas da topologia de X e da transformação f .

Teorema. *A entropia topológica não depende da métrica utilizada na sua definição, mas só da topologia de X e da transformação f . Em particular, $h_{\text{top}}(f) = h_{\text{top}}(g)$ se f e g são topologicamente conjugadas.*

dem. Sejam d e d' duas métricas equivalentes que geram a topologia de X . Sendo X compacto, a transformação identidade é um homeomorfismo uniformemente contínuo de (X, d) sobre (X, d') . Para cada $\varepsilon > 0$ existe $\delta'(\varepsilon)$ tal que se $d'(x, y) < \delta'(\varepsilon)$ então $d(x, y) < \varepsilon$. Isto implica que $C_\varepsilon(X, d_n) \leq C_{\delta'(\varepsilon)}(X, d'_n)$. Por outro lado, para cada $\varepsilon > 0$ existe $\delta(\varepsilon)$ tal que se $d(x, y) < \delta(\varepsilon)$ então $d'(x, y) < \varepsilon$. Isto implica que $C_\varepsilon(X, d'_n) \leq C_{\delta(\varepsilon)}(X, d_n)$. As duas desigualdades provam que a entropia topológica não depende da métrica.

Seja $h : X \rightarrow Y$ é uma conjugação topológica entre $f : X \rightarrow X$ e $g : Y \rightarrow Y$. Se d' é uma métrica que induz a topologia de Y , então $d(x, y) = d'(h(x), h(x'))$ é uma métrica que induz a topologia de X , e a conjugação $h : (X, d) \rightarrow (Y, d')$ é uma isometria. Isto implica que $C_\varepsilon(X, d_n) = C_\varepsilon(Y, d'_n)$. \square

Além disso, não é difícil provar que, como esperado, se g é um fator de f então $h_{\text{top}}(g) \leq h_{\text{top}}(f)$.

Exercícios.

- Mostre que as contrações e as isometrias têm entropia topológica igual a zero.
- Calcule a entropia topológica da multiplicação $x + \mathbb{Z} \mapsto d \cdot x + \mathbb{Z}$ quando $d = 2, 3, 4, \dots$. Deduza que a entropia topológica de uma transformação expansora do círculo $f : \mathbb{S} \rightarrow \mathbb{S}$ é

$$h_{\text{top}}(f) = \log(\deg(f)) .$$

- Seja $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ o deslocamento de Bernoulli num alfabeto de z letras. Use a métrica

$$d(x, y) = z^{-\min\{k \in \mathbb{N} \text{ s.t. } x_k \neq y_k\}}$$

em $\Sigma^+ = \{1, 2, \dots, z\}^{\mathbb{N}}$ para mostrar que

$$h_{\text{top}}(\sigma) = \log z .$$

16 Ergodicity and convergence of time means

16.1 Ergodicity

Ergodic maps. Let $f : X \rightarrow X$ be an endomorphism of the measurable space (X, \mathcal{E}) . The invariant probability measure μ is said *ergodic* if any of the following equivalent conditions is satisfied:

i) for any observable $\varphi \in L^1(\mu)$, the time average

$$\bar{\varphi}(x) = \lim_{n \rightarrow \infty} \frac{1}{n+1} \sum_{k=0}^n \varphi(f^k(x))$$

exists and is equal to the mean value $\int_X \varphi d\mu$ for μ -almost any $x \in X$,

ii) any invariant event $A \in \mathcal{E}$ has probability $\mu(A) = 0$ or 1 , namely the invariant σ -algebra \mathcal{E}_f is equal to the trivial σ -algebra \mathcal{N} generated by events of zero measure,

iii) any invariant (measurable) observable φ is constant μ -a.e.

If this happens, one also says that f is an *ergodic endomorphism* of the probability space (X, \mathcal{E}, μ) .

Condition i) is the physical meaning of ergodicity, as it says that “time averages are almost everywhere constant and equal to space averages”. In particular, taking φ equal to the characteristic function of any event A , almost any trajectory spend in A a fraction of time asymptotically proportional to $\mu(A)$, as dreamed by Boltzmann in his ergodic hypothesis.

Condition ii) is what one usually check in order to prove ergodicity of a probability measure. To see that i) \Rightarrow ii), let A be an invariant event, and φ its characteristic function. Invariance of A implies that φ is invariant, hence that $\bar{\varphi} = \varphi$. There follows from i) that $\mu(A) = \int_X \varphi d\mu = \varphi(x)$ for some $x \in X$, hence that $\mu(A) = 0$ or 1 , the only values of characteristic functions.

Conditions ii) and iii) are clearly equivalent, since any invariant event defines an invariant function (its characteristic function), and conversely level sets of invariant functions are invariant events.

Finally, in order to show that iii) \Rightarrow i), let $\varphi \in L^1(\mu)$ be an integrable observable. According to the Birkhoff-Khinchin ergodic theorem, the time average $\bar{\varphi}(x)$ exists for μ -almost any $x \in X$ and $\int_X \bar{\varphi} d\mu = \int_X \varphi d\mu$. Since $\bar{\varphi}$ is invariant mod 0, by iii) it is constant with probability one. This implies that $\bar{\varphi}(x) = \int_X \varphi d\mu$ for μ -almost any $x \in X$.

Warning. Ergodic dynamical systems exist, and some are listed below. On the other side, to show that a physically interesting system is ergodic turns out to be extremely difficult, and very few examples are known. The most famous are some “billiards”, systems of hard spheres inside a billiard table interacting via elastic collisions, studied by Yakov Sinai in the sixties...

Ergodic measures as extremal measures. We already saw that the space Prob_f of invariant probability measure is a convex and closed subset of the compact space Prob . Here, we observe that ergodic measures are the “indecomposable” elements of this set.

Proposition. *Ergodic invariant measures are the extremals of Prob_f . Namely, an invariant measure μ is ergodic iff it cannot be written as*

$$\mu = t\mu_1 + (1-t)\mu_0$$

where $t \in]0, 1[$ and μ_0 and μ_1 are distinct invariant measures.

proof. First, observe that if ν is an invariant measure which is absolutely continuous w.r.t. the ergodic measure μ , then $\nu = \mu$. Indeed, one easily verifies that the Radon-Nykodim derivative $\rho = d\nu/d\mu$ is an invariant function, and ergodicity of μ implies that it is constant and equal to one μ -a.e. Now, let μ be an ergodic measure, and assume that $\mu = t\mu_1 + (1-t)\mu_0$ for some $t \in]0, 1[$. Since both μ_0 and μ_1 are absolutely continuous w.r.t. μ , they coincide with μ , hence, are not

different. To prove the converse, assume that the invariant measure μ is not ergodic, hence there exists an invariant event C such that $0 < \mu(C) < 1$. Let μ_0 and μ_1 be the "conditional probability measures" defined as $\mu_1(A) = \mu(A \cap C) / \mu(C)$ and $\mu_0(A) = \mu(A \cap C^c) / \mu(C^c)$. Clearly they are different, both are invariant, and $\mu = \mu(C)\mu_1 + (1 - \mu(C))\mu_0$. \square

Ergodic decomposition. In the first lines of the above proof, we actually showed that any two ergodic invariant measure μ and ν are either equal or "mutually singular", namely, if $\mu \neq \nu$ then there exists a measurable set A such that $\mu(A) = \nu(A^c) = 1$ and $\mu(A^c) = \nu(A) = 0$. This suggests that maybe any invariant measure could be "disintegrated" along a partition whose atoms are the support of all the different ergodic measure, in other word that μ is a "convex combination", namely an integral, of the ergodic measures. This is true, sometimes, but both its statement and proof are quite technical: we just quote the result.

Ergodic decomposition theorem. *Let $f : X \rightarrow X$ be a continuous transformation of the compact metrizable space X . There exists a partition $\mathcal{P} = \{P_e\}_{e \in E}$ of X (modulo sets of zero measure) into invariant measurable sets indexed by a Lebesgue space E , and a measurable map $E \ni e \mapsto \mu_e \in \text{Prob}_f$ with values in the space of ergodic Borel probability measures and with the property that $\mu_e(P_e) = 1$ for any $P_e \in \mathcal{P}$, such that any invariant Borel probability measure μ can be written as an integral*

$$\mu = \int_E \mu_e d\bar{\mu}(e)$$

where $\bar{\mu}$ is some probability measure on E .

Observe that the above theorem contains the statement that any continuous transformation of a compact space admits at least one ergodic Borel probability measure.

16.2 Examples of ergodic maps

Bernoulli shift. *Let $\sigma : \Sigma^+ \rightarrow \Sigma^+$ be the Bernoulli shift over the alphabet $X = \{1, 2, \dots, z\}$, and p any probability on X . The Bernoulli invariant measure μ defined by p is ergodic.* First observe that, given two centered cylinders C_α and C_β , the definition of μ implies that there exists a time $n \geq 1$ such

$$\mu(C_\alpha \cap \sigma^{-k}(C_\beta)) = \mu(C_\alpha) \cdot \mu(\sigma^{-k}(C_\beta)) = \mu(C_\alpha) \cdot \mu(C_\beta)$$

whenever $k \geq n$. Indeed, one can take $n = |\alpha| + 1$, and the above reflect the "independence" of the different trials encoded in the construction of the Bernoulli measure. By additivity, the same holds true for any couple of elements of \mathcal{A} , the algebra made of finite unions of centered cylinders. Now, assume that $A \in \mathcal{B}$ is invariant. Since any Borel set $A \in \mathcal{B}$ can be approximated in measure by an elements of \mathcal{A} , given any $\varepsilon > 0$ one can find an $A_\varepsilon \in \mathcal{A}$ such that $\mu(A \Delta A_\varepsilon) < \varepsilon$. Using the above result, we can find an $n \geq 1$ such that

$$\mu(A_\varepsilon \cap \sigma^{-n}(A_\varepsilon)) = \mu(A_\varepsilon) \cdot \mu(\sigma^{-n}(A_\varepsilon)) = \mu(A_\varepsilon)^2$$

where the last equality comes from invariance of μ . Then, observe that the symmetric difference between $A \cap \sigma^{-n}(A)$ and $A_\varepsilon \cap \sigma^{-n}(A_\varepsilon)$ is contained in $(A \Delta A_\varepsilon) \cup \sigma^{-n}(A \Delta A_\varepsilon)$. This gives

$$\begin{aligned} \left| \mu(A \cap \sigma^{-n}(A)) - \mu(A_\varepsilon \cap \sigma^{-n}(A_\varepsilon)) \right| &\leq \mu(A \Delta A_\varepsilon) + \mu(\sigma^{-n}(A \Delta A_\varepsilon)) \\ &\leq 2 \cdot \mu(A \Delta A_\varepsilon) < 2\varepsilon \end{aligned}$$

which, together with

$$\left| \mu(A)^2 - \mu(A_\varepsilon)^2 \right| \leq 2 \cdot \mu(A \Delta A_\varepsilon) < 2\varepsilon$$

gives

$$\left| \mu(A) - \mu(A)^2 \right| < 4\varepsilon$$

Since $\varepsilon > 0$ was arbitrary, we just showed that the measure of any invariant Borel set A satisfies $\mu(A) = \mu(A)^2$, hence it is either 0 or 1. Observe that this proof is very similar to the argument in the Kolmogorov zero-one law for tail events in the theory of stochastic processes.

Now, let φ_k be the characteristic function of $\{x \in \Sigma^+ \text{ s.t. } x_1 = k\}$. The observables $\varphi_k \circ \sigma^n$ form a sequence of independent and identically distributed random variables with mean p_k . One can interpret the event $\{\varphi_k \circ \sigma^n = 1\} = \{x \in \Sigma^+ \text{ s.t. } x_n = k\}$ as "sucess in the n -th trial", where the probability of sucess in each trial is p_k . The Birkhoff-Khinchin ergodic theorem, together with the ergodicity of μ , gives the result that

$$\mu \left\{ x \in \Sigma^+ \text{ s.t. } \frac{1}{n+1} (\varphi_k + \varphi_k \circ \sigma^1 + \varphi_k \circ \sigma^2 + \dots + \varphi_k \circ \sigma^n)(x) \rightarrow p_k \right\} = 1$$

which is the Kolmogorov strong law of large numbers.

Expanding endomorphisms of the circle. Let $\times\lambda : x+\mathbb{Z} \mapsto \lambda \cdot x + \mathbb{Z}$, with $\lambda \in \mathbb{Z}$ and $|\lambda| > 1$, be an expanding endomorphism of the circle. Lebesgue probability measure ℓ is an ergodic measure for $\times\lambda$. To prove ergodicity, let A be an invariant Borel set, and assume that $\ell(A) < 1$. We must show that the complement $B = (\mathbb{R}/\mathbb{Z}) \setminus A$, that has positive measure, has indeed probability one. The argument goes as follows: if $\ell(B) > 0$, then, according to Lebesgue density theorem, B contains nearly all the mass of some nonempty interval. Namely, given any $\varepsilon > 0$, we can find an open interval I_n with lenght $\ell(I_n) = |\lambda|^{-n}$ and centered at a density point of B such that

$$\ell(B \cap I_n) > (1 - \varepsilon) \cdot \ell(I_n)$$

Now observe that the restriction $(\times\lambda)^n|_{I_n}$ is an injective map sending I_n onto the circle minus one point, in particular, $\ell((\times\lambda)^n(I_n)) = 1$. Since $\times\lambda$ uniformly dilatates lenghts by a factor $|\lambda|$, there follows that

$$\frac{\ell((\times\lambda)^n(B \cap I_n))}{\ell((\times\lambda)^n(I_n))} = \frac{\ell(B \cap I_n)}{\ell(I_n)}$$

Since, moreover, A is invariant, its complement B is $+$ -invariant, and this implies that the left-hand side above is equal to $\ell(B)$. There follows that

$$\ell(B) = \frac{\ell(B \cap I_n)}{\ell(I_n)} > (1 - \varepsilon)$$

and, since ε was arbitrary, that $\ell(B) = 1$.

16.3 Normal numbers

Normal numbers. In particular, Lebesgue measure ℓ is ergodic w.r.t. multiplication by 10 in the unit circle. Identify the circle with the interval $[0, 1[$, and let $x = 0, x_1x_2x_3\dots$ be the base 10 expression of a point of the circle, which is unique outside a subset of Lebesgue measure zero. For $k = 0, 1, 2, \dots, 9$, let φ_k be the characteristic function of the interval $[k/10, (k+1)/10[$, i.e. the observable which is equal to $\varphi_k(x) = 1$ if $x_1 = k$ and $\varphi_k(x) = 0$ otherwise. The time mean of φ_k is

$$\frac{1}{n+1} \sum_{j=0}^n \varphi_k((\times 10)^j(x)) = \frac{1}{n+1} \cdot \text{card} \{1 \leq j \leq n+1 \text{ s.t. } x_j = k\}$$

that is the number of k 's within the first $n+1$ digits of the decimal expansion of x . The limit as $n \rightarrow \infty$, if it exists, is the "asymptotic frequency" of k 's contained in the expansion of x . Ergodicity of μ implies that there exists a set $A_k \subset [0, 1[$ of Lebesgue measure one where the limit $\overline{\varphi_k}(x)$ exists and is equal to $\int \varphi_k d\ell = 1/10$. Since the intersection $A_0 \cap A_1 \cap \dots \cap A_9$ has still probability one, the result is that Lebesgue almost any number $x \in [0, 1[$ contains in its decimal expansion any of the letters $0, 1, 2, \dots, 9$ with asymptotic frequency $1/10$.

Actually, one could repeat the same argument considering any finite word $b = b_1b_2\dots b_n$ in the alphabeth $\{0, 1, 2, \dots, 9\}$, and show that there is a set $A_b \subset [0, 1[$ of probability one such that the base 10 expansion of any $x \in A_b$ contains the word b with asymptotic frequency 10^{-n} . A real number x whose base 10 expansion contains any finite word with the right asymptotic frequency is called *10-normal* (meaning "normal in base 10"). Since finite words in the alphabeth $\{0, 1, 2, \dots, 9\}$ are countable, and a countable union of zero measure sets still has zero measure, we just showed that *Lebesgue almost any real number x is 10-normal*. This observation, and indeed the stronger

statement that *Lebesgue almost any real number is normal in every base $m \geq 2$* , is due to Emile Borel (1909).

It is not so easy to give examples of normal numbers, actually of series whose sum is a normal number. Much more difficult is to show that a “given” number, such as π , $\sqrt{2}$ or e ..., is normal. Here we quote Mark Kac:³⁵

“As is often the case, it is much easier to prove that an overwhelming majority of objects possess a certain property than to exhibit even one such object. The present case is no exception. It is quite difficult to exhibit a ‘normal’ number! The simplest example is the number (written in decimal notation) $x = .1234567891011\dots$ where after the decimal point we write the positive integers in succession. The proof that this number is normal is by no means trivial.”

Continued fractions and Gauss map. to be done

16.4 Unique ergodicity

Unique ergodicity. A homeomorphism $f : X \rightarrow X$ of a compact metric space (X, d) is *uniquely ergodic* if it admits one, and only one, invariant Borel probability measure μ . The above discussion implies that this unique invariant measure is ergodic.

This notion is the probabilistic counterpart of minimality, and indeed both minimality and unique ergodicity are often observed simultaneously (this means that, although equivalence of the two is false, it is not easy to think at a counterexample!). Observe that we defined unique ergodicity in the context of continuous transformations. The reason is that this notion is interesting due to the following

Oxtoby’s theorem. Let $f : X \rightarrow X$ be a homeomorphism of a compact metric space X . The following statements are equivalent:

- i) f is a uniquely ergodic,
- ii) there exists an invariant Borel probability measure μ such that, for any continuous observable φ , the time averages $\bar{\varphi}(x)$ exist and are equal to $\int_X \varphi d\mu$ for any initial condition $x \in X$,
- iii) there exists an invariant Borel probability measure μ such that, for any continuous observable φ , the convergence

$$\frac{1}{n+1} \sum_{k=0}^n \varphi(f^k(x)) \rightarrow \int_X \varphi d\mu$$

as $n \rightarrow \infty$ holds and is uniform in $x \in X$.

Kronecker-Weyl equidistribution theorem. An irrational rotation of the circle is uniquely ergodic.

Proof. Indeed, let $+\alpha : x + \mathbb{Z} \mapsto x + \alpha + \mathbb{Z}$ be an irrational rotation. We must check that time means of continuous observables φ converge uniformly to the average $\int \varphi d\ell$, where ℓ is Lebesgue probability measure on the circle. Since, according to Weierstrass theorem, trigonometric polynomials are dense in the space of continuous functions of the circle, it suffices to check that the above holds for any of the functions $x \mapsto \varphi_k(x) = e^{i2\pi kx}$ with $k \in \mathbb{Z}$. A computation gives, for $k \neq 0$,

$$\left| \frac{1}{n+1} \sum_{j=0}^n \varphi_j \left((+\alpha)^j(x) \right) \right| = \left| \frac{1}{n+1} \sum_{j=0}^n e^{i2\pi k j \alpha} \right| \leq \frac{2}{n+1} \cdot \frac{1}{|1 - e^{i2\pi k \alpha}|} \rightarrow 0$$

uniformly in x , while the time averages of φ_0 are constant and equal to 1. Hence, the time means of each φ_k converge uniformly to their space means as times goes to infinity, and we are done. The

³⁵Mark Kac, *Statistical independence in probability, analysis, and number theory*, Carus Math. Monographs, **12**, New York 1959 (pag. 18).

theorem owes its name to the fact that

$$\frac{1}{n+1} \sum_{j=0}^n \varphi(x+j\alpha) \rightarrow \int \varphi d\ell$$

uniformly for any continuous function φ on the circle, and this is interpreted as saying that the sequence of points $\{x, x+\alpha, x+2\alpha, x+3\alpha, \dots\}$ is “equidistributed” w.r.t. Lebesgue measure. \square

Linear flows on tori. Now, consider the torus $X = \mathbb{R}^n / \mathbb{Z}^n$ of dimension $n \geq 2$, and the linear flow $\phi_t : x + \mathbb{Z}^n \mapsto x + t\alpha + \mathbb{Z}^n$ defined by the differential equation

$$\dot{x} = \alpha$$

where $\alpha \in \mathbb{R}^n$. The “frequency vector” $\alpha = (\alpha_1, \alpha_2, \dots, \alpha_n)$ is said *non resonant* if the scalar product $\langle \alpha, k \rangle = \sum_{j=1}^n \alpha_j k_j \neq 0$ for any $k \in \mathbb{Z}^n \setminus \{0\}$. As above, one can approximate any continuous function on the torus with trigonometric functions. One then checks that

$$\frac{1}{T} \int_0^T e^{i2\pi \langle k, x+t\alpha \rangle} dt = \frac{e^{i2\pi \langle k, x \rangle}}{iT \langle k, \alpha \rangle} \left(e^{i2\pi T \langle k, \alpha \rangle} - 1 \right) \rightarrow 0$$

as $T \rightarrow \infty$, for any $k \in \mathbb{Z}^n \setminus \{0\}$, while the time mean of the observable 1 is constant and equal to one. There follows that *a non resonant linear flow on the torus is uniquely ergodic w.r.t. to Lebesgue measure.*

Dyadic adding machine.

to be done

Referências

- [AA67] V.I. Arnold & A. Avez, *Problèmes ergodiques de la mécanique classique*, Gauthier-Villars, 1967.
- [Ap69] T.M. Apostol, *Calculus*, John Wiley & Sons, New York 1969.
- [Ar78] V.I. Arnold, *Metodi geometrici della teoria delle equazioni differenziali ordinarie*, Editori Riuniti - MIR, Roma 1978.
- [Ar79] V.I. Arnold, *Metodi matematici della meccanica classica*, Edizioni MIR - Editori Riuniti, Roma 1979.
- [Ar85] V.I. Arnold, *Equações diferenciais ordinárias*, MIR 1985.
- [AS64] M. Abramowitz and I. Stegun, *Handbook of Mathematical Functions with Formulas, Graphs, and Mathematical Tables*, Dover, 1964.
- [BN05] P. Buttà e P. Negrini, *Note del corso di Sistemi Dinamici*, Università di Roma “La Sapienza”, 2005.
- [CG93] L. Carleson and T.W. Gamelin *Complex dynamics*, UTX, Springer-Verlag, 1993.
- [Chaos] P. Cvitanović, R. Artuso, P. Dahlqvist, R. Mainieri, G. Tanner, G. Vattay, N. Whelan and A. Wirzba, *Chaos: Classical and Quantum*, <http://ChaosBook.org> (Niels Bohr Institute, Copenhagen 2008).
- [CR48] R. Courant and H. Robbins, *What is mathematics?*, Oxford University Press, 1948.
- [De89] R.L. Devaney, *An introduction to chaotic dynamical systems*, Addison-Wesley, 1989.
- [De92] R.L. Devaney, *A first course in chaotic dynamical systems*, Addison-Wesley, 1992.
- [Fa85] K. J. Falconer, *The geometry of fractal sets*, Cambridge University Press, 1985.
- [Fe63] R.P. Feynman, R.B. Leighton and M. Sands, *The Feynman lectures on physics*, Addison-Wesley, Reading, 1963.
- [Gh07] E. Ghys, *Résonances et petits diviseurs*, in *L'héritage scientifique de Kolmogorov*, Berlin 2007.
- [HK03] B. Hasselblatt and A. Katok, *A first course in dynamics: with a panorama of recent developments*, Cambridge University Press 2003.
- [HS74] M.W. Hirsch and S. Smale, *Differential equations, dynamical systems and linear algebra*, Academic Press (Pure and Applied Mathematics. A series of Monographs and Textbooks), San Diego 1974.
- [HSD04] M.W. Hirsch, S. Smale and R.L. Devaney, *Differential Equations, Dynamical Systems, and an Introduction to Chaos*, 2nd ed., Elsevier Academic Press, 2004.
- [HW59] G.H. Hardy and E.M. Wright, *An Introduction to the Theory of Numbers*, fourth edition, Oxford University Press 1959.
- [Kh35] A.Ya. Khinchin, *Continued Fractions*, 1935 [translation by University of Chicago Press, 1954].
- [KH95] A. Katok and B. Hasselblat, *Introduction to the modern theory of dynamical systems*, Encyclopedia of mathematics and its applications, Cambridge University Press 1995.
- [Ma75] B. Mandelbrot, *Les object fractals: forme, hasard, et dimension*, Flammarion, Paris 1975.
- [Mat95] P. Mattila *Geometry of Sets and Measures in Euclidean Spaces: Fractals and rectifiability*, Cambridge University Press, 1995.

- [Mi91] J. Milnor, *Dynamics in one complex variable*, IMS preprint (1991)
- [MSW02] D. Mumford, C. Series and D. Wright, *Indra's Pearls: The Vision of Felix Klein*, Cambridge University Press 2002.
- [Ro99] J.C. Robinson, *Dynamical Systems, Stability, Symbolic Dynamic and Chaos*, CRC Press, Cambridge 1999.
- [Ro04] J.C. Robinson, *An introduction to ordinary differential equations*, Cambridge University Press, Cambridge 2004.
- [Ru87] W. Rudin, *Real and complex analysis*, McGraw-Hill, 1987.
- [Sm67] S. Smale, [Differentiable dynamical systems](#), *Bull. of the AMS* **73** (1967), 747-817.
- [SS03] E.M. Stein and R. Shakarchi, *Fourier Analysis. An Introduction*, Princeton University Press, 2003.
- [St94] S.H. Strogatz, *Nonlinear Dynamics and Chaos*, Addison-Wesley, 1994.
- [Vi06] J. Villate, *Introdução aos sistemas dinâmicos. Uma abordagem prática com Maxima*, 2006.
- [Wa82] P. Walters, *An Introduction to ergodic theory*, Graduate Texts in Math. **79**, Springer-Verlag 1982